

ATENÇÃO PARA TAREFAS SIMPLES E COMPLEXAS  
NAS PERSPECTIVAS DE PRIMEIRA E TERCEIRA PESSOA:  
UM EXPERIMENTO FENOMENOLÓGICO

Daniel Rosemberg

Dissertação de mestrado apresentada como exigência parcial para a obtenção  
do grau de Mestre em Psicologia  
sob orientação do Prof. Dr. William B. Gomes

Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Instituto de Psicologia  
Curso de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento

Porto Alegre, agosto de 2008

## Agradecimentos

Ao digníssimo Prof. William Gomes, pelo suporte, paciência, auxílio e pelos mais diversos ensinamentos vivenciais e acadêmicos no desenvolver de uma pesquisa cheia de desafios;

Aos meus familiares, pelo apoio incondicional ao longo de todas minhas escolhas;

A todo grupo de Fenomenologia Experimental e Cognição, pelo cativante movimento nos âmbitos eidéticos e metodológicos;

Ao amigo Paulo Zaracla, que permitiu a utilização de seu criativo material profissional no âmago dessa pesquisa;

À banca examinadora, pela prestreza no aceite de nosso convite e pelas pontuais e competentes contribuições para o bom desenvolver desse trabalho;

E aos colegas Thiago Gomes de Castro, Amanda da Costa da Silveira, Daniela Benites, Luciano Alencastro e Manoela Ziebell de Oliveira, pelas horas de auxílio e pelos instigantes desafios provindos de suas brilhantes intervenções.

## Sumário

Sumário de Tabelas	5
Sumário de Figuras	6
Resumo	7
Abstract	8
Introdução	9
Teoria da atenção de William James	10
Modelos experimentais e cognitivos da atenção	11
Atenção voluntária e involuntária	14
O papel da atenção na realização de duplas tarefas	15
Preparação e atenção	16
Modelos teóricos e categorias dos processos atentos	17
Atenção, teoria do processamento da informação e conexionismo	20
Processos atencionais no cérebro	21
Entendimentos contemporâneos sobre a atenção	22
Diálogos entre fenomenologia e psicologia experimental	23
Atenção por Merleau-Ponty	24
Objetivos da Pesquisa	27
Estudo 1:	
O filme “i” como campo multi-estável para o estudo de situações complexas	30
Método	32
A escolha de um campo multi-estável	32
Participantes	33
Procedimentos	33
Análise dos dados	35
Resultados	35
Descrição	37
Elementos especificadores	38
Interpretação crítica	44
Discussão e conclusões	45

Estudo 2:	
Desenvolvimento e construção do Questionário Rosenberg de Atenção	47
Método	47
Questionário Rosenberg de Atenção	47
Participantes	48
Procedimentos	49
Análise dos dados	49
Resultados e discussão	49
Estudo 3	
Atenção a campo multi-estável: Um experimento fenomenológico	52
Método	54
Participantes	54
Instrumentos	54
Procedimentos	56
Análise dos dados	56
Resultados e discussões	57
Pergunta um: Qual a história do filme?	58
Pergunta dois: Qual a mensagem do curta-metragem?	59
Pergunta três: Quantas vezes o protagonista do filme “7” aparece duplicado na tela?	60
Casos extremos do Grupo II	66
Análise Fenomenológica	66
Conclusões	71
Considerações Finais	74
Referências	78
Anexos	
Anexo A – Questionário Rosenberg de Atenção	86
Anexo B – Protocolo para o experimento de áudio-visual GI	87
Anexo C – Protocolo para o experimento de áudio-visual GII	88
Anexo D – Termo de consentimento livre e esclarecido	89
Anexo E – Relatos livres do Estudo I	90
Anexo F – Reprodução dos protocolos para os grupos I e II	104

## Sumário das Tabelas

Tabela 1. Descrição sintética da relação entre espectador e filme	40
Tabela 2. Identificação das modalidades narrativas dos relatos	44
Tabela 3. Percentil no Questionário Rosemberg de Atenção	50
Tabela 4. Análise fatorial gerada a partir do Questionário Rosemberg de Atenção	51
Tabela 5. Cinco fatores obtidos a partir de análise fatorial e alfa de Cronbach	51
Tabela 6. Classificação das respostas para a história e a mensagem do filme	61
Tabela 7. A mensagem do filme para cada participante	63
Tabela 8. Escores brutos e percentis para o Teste de Atenção Concentrada e o Questionário Rosemberg de Atenção dos participantes do Grupo I	64
Tabela 9. Escores brutos e percentis para o Teste de Atenção Concentrada e o Questionário Rosemberg de Atenção dos participantes do Grupo II.	65

## Sumário de Figuras

Figura 1. Ilustração de Rubin para o movimento entre figura e fundo	26
Figura 2. Campos multi-estáveis	30
Figura 3. Superposição de níveis semióticos na percepção da mensagem de um filme	33
Figura 4. Cenas da curta-metragem “i”	34
Figura 5. Critério fenomenológico semiótico para especificação dos elementos diferenciadores	37
Figura 6. Curva de distribuição de escores brutos do Questionário Rosemberg de Atenção	49
Figura 7. Curva de distribuição de percentis do Questionário Rosemberg de Atenção	49
Figura 8. O processo atencivo do <i>input</i> ao <i>output</i>	73

## ATENÇÃO PARA TAREFAS SIMPLES E COMPLEXAS NAS PERSPECTIVAS DE PRIMEIRA E TERCEIRA PESSOA: UM EXPERIMENTO FENOMENOLÓGICO

### Resumo

Compara-se o desempenho atento entre tarefas moleculares (foco em tarefas simples e reduzidas), para as quais o sentido é uma atribuição externa, com tarefas molares (foco em tarefas complexas que requerem apreensão abstrata e global), para as quais o sentido é uma atribuição interna. A pesquisa foi organizada em três estudos. No primeiro, exibiu-se o filme de curta-metragem “i” a 26 alunos de graduação para levantamento de propriedades atencionais molares de um campo multi-estável. Solicitou-se aos participantes que apresentassem um relato livre sobre o filme, logo após a exibição. A análise fenomenológica semiótica dos relatos interpretou que o filme continha apelo emocional, mobilizava a atenção, e provocava a reflexão do espectador sobre si mesmo. No segundo estudo, aplicou-se o Questionário Rosemberg de Atenção em 140 estudantes universitários, para levantamento de propriedades psicométricas. O instrumento é um auto-relato da percepção da experiência atenta de desempenho modesto ( $\alpha=0,60$ ). No entanto, a análise fatorial foi promissora, pois confirmou a propriedade dos itens, sugerindo a inclusão de novos itens e a exploração da atenção para tarefas repetitivas. O terceiro estudo foi um experimento fenomenológico realizado com 22 estudantes de pós-graduação em Psicologia. Verificou-se a influência de uma tarefa molecular como distrator, a contagem do aparecimento duplicado do protagonista em cena, em uma tarefa molar, a apreensão da mensagem do filme. Foram aplicados três instrumentos, na seguinte ordem: 1) Teste de Atenção Concentrada (dados de terceira pessoa), 2) Questionário Rosemberg de Atenção (dados de primeira pessoa), 3) Exibição do curta-metragem “i” (combinação de dados de primeira e terceira pessoa). Os resultados para tarefa atribuída em contexto fechado foram compatíveis aos achados já obtidos pela observação de terceira pessoa (psicologia experimental), como sugeriu a correlação entre a atenção concentrada e a indicação de aparições duplicadas do protagonista em cena. Por conseguinte, os dados de terceira pessoa não se correlacionaram com os dados de primeira pessoa. No entanto, a tarefa que requeria atenção como ponto de partida, implicando desdobramentos cognitivos complexos, foi realizada a contento (significância qualitativa). Os resultados sugerem que o processo reflexivo, necessariamente dependente da atenção, utiliza-se da plasticidade cognitiva para recompor o sentido a sua maneira, excluindo o que aparentemente for supérfluo para constituição da mensagem.

Palavras-chave: *Percepção, fenomenologia experimental, campo multi-estável.*

ATTENTION TO SIMPLE AND COMPLEX TASKS IN THE PERSPECTIVES OF  
FIRST AND THIRD PERSON: A PHENOMENOLOGICAL EXPERIMENT

Abstract

This paper compares the attention performance between molecular task (focus on simple and reduced tasks), which the attribution of meaning is external; with molar task (focus on complex task that require abstract and global apprehension), which the attribution of meaning is internal. The investigation was organized into three studies. First, it was presented the short-length movie “i” to 26 undergraduate students in psychology, to undertake the molar attention proprieties as a multi-stable field. It was asked to the participants to write a free reports right after the movies exhibition. A phenomenological semiotic analysis of the reports interpreted that the movie was pregnant of emotional appeal, mobilized viewers’ attention, and invited the participants to reflect about themselves. Second, it was applied the Rosemberg’s Attention Questionnaire to 140 universities student to examined the psychometrical proprieties. The measure is a self-report about the experience of attention and the results were modest ( $\alpha=.60$ ). However, the factorial analysis was encouraging. The items used were adequate, but it suggested an increase in number and in spectrum, to explore the attention to repeat tasks. Third, it was developed a phenomenological experiment to verify the influence of a distractor as molecular task (counting the protagonist duplicate appearance in scene) in a molar task (meaning apprehension of the movie). Twenty-two graduate psychology students were asked to respond to three instruments in the following sequence: 1) Concentrated Attention Test (third person data); 2) Rosemberg’s Attention Questionnaire (first person data); 3) Exhibition of the short-length movie “i” (first and third person data). The results for the external attribution were compatible with third person information already knew (experimental psychology), as showed in the significant correlation between concentrated attention and counting the protagonist duplicate appearance in scene. Therefore, first person data did not correlated with third person data. However, the performance for the molar task was successful (qualitative significance). The results suggest that the reflexive process is necessarily dependent on attention, but uses cognitive plasticity for meaning composition, excluding the apparently superfluous in the constitution of a message.

Key-words: *Perception, experimental phenomenology, multi-stable field.*



## INTRODUÇÃO

A presente pesquisa toma a atenção, um tema tradicional de estudos experimentais em psicologia, para explorar as muitas possibilidades do método fenomenológico no estudo da cognição. O reconhecimento das contribuições da fenomenologia às ciências cognitivas vem crescendo ultimamente, mesmo não representando uma posição majoritária entre fenomenólogos (Gallagher, 2000). Entendimentos sobre a fenomenologia foram controversos desde os tempos fundadores de Husserl (Spiegelberg, 1982). Por conseguinte, esforços de aproximações entre fenomenologia e cognição nem sempre são bem vistos ou aceitos. Pesquisadores que se valem do método fenomenológico para pesquisa empírica tendem a ser influenciados pelo pensamento existencial e se atêm ao estudo dos sentimentos e das vivências frente às agruras da experiência cotidiana (Campoy, Merighi & Stefanelli, 2005; Terra et al, 2006). Mesmo nos tempos atuais, há os que entendem a fenomenologia como uma psicologia empírica-introspectiva e metitativa (Matthews, 2005).

A idéia de uma fenomenologia experimental não é nova. Talvez o livro mais conhecido sobre fenomenologia experimental tenha sido escrito pelo filósofo Don Ihde (1977). Ihde tomou os conceitos husserlianos de noese, ato intencional, e noema (objeto da intenção), para distinguir as ciências noéticas das ciências noemáticas. As diferenças entre as duas é que nas ciências noemáticas a intenção é mediada por instrumentos, enquanto nas ciências noéticas a intenção é o instrumento da pesquisa, ou seja, não há mediação. Um fenomenólogo que reconheceu a importância de buscar no diálogo com a psicologia experimental um esclarecimento sobre processos cognitivos foi Merleau-Ponty (1908-1961). Seus livros *Estrutura do Comportamento*, de 1942, e *Fenomenologia da Percepção*, de 1945, tratam de achados experimentais sobre a reflexologia e a Gestalt, e sobre a percepção, no mais amplo contexto cognitivo: sensação, memória, atenção, juízo, cogito e pensamento. Isto aconteceu numa época na qual os processos mentais estavam fora do foco dos estudos experimentais. O diálogo de Merleau-Ponty com a psicologia experimental foi às vezes entendido como uma crítica a favor da exclusão ou da desconsideração desse tipo de pesquisa (Giles, 1979). No entanto, como fenomenólogo, Merleau-Ponty não foi um desconstrutor, mas um reconstrutor. Na crítica, ele resgatava pontos importantes e enunciava novas maneiras de perceber e de lidar com a situação vivenciada (Giorgi, 2000).

Entre os temas abordados por Merleau-Ponty no célebre *Fenomenologia da Percepção* está a atenção. Pergunta-se: quais foram as críticas, os desvios apontados no estudo experimental da atenção na psicologia experimental da primeira parte do século

XX? O que se sabia na época sobre a atenção? O que os estudos experimentais elucidaram sobre o tema nas décadas que se seguiram à morte de Merleau-Ponty, em 1961? Corroboraram a análise de Merleau-Ponty? Ou foram na direção contrária? A presente pesquisa é, portanto, um diálogo entre a fenomenologia e a psicologia experimental e uma retomada do delineamento experimental como um exercício de indução, de inserção empírica. A fenomenologia é aqui definida como um método sistemático e sistêmico para o estudo das atividades dos humanos enquanto seres corporificados, comunicantes e ativos. Por corporeidade entende-se a conjunção entre um organismo pensante e seu meio ambiente. A consciência é a síntese desta corporificação e, por conseguinte, o extrato expressivo dos processos cognitivos e afetivos, no gesto e na linguagem (Gomes, 1998). A exposição desta introdução inicia com um levantamento dos principais modelos experimentais da atenção, para em seguida trazer a descrição e os comentários de Merleau-Ponty (1945/1999).

#### Teoria da atenção de William James

Foi a noção de atenção desenvolvida por William James, em sua famosa obra *The Principles of Psychology* (James, 1890/1990), que enunciou a base para o entendimento da atenção no viés científico. Para James “qualquer um sabe o que é atenção. É apoderar-se através da mente, de forma clara e vívida, de um dos que parecem ser diversos possíveis objetos simultâneos ou correntes de pensamento” (p.403). Elucidou, de modo original, que cada um escolhe seu próprio modo de atender as coisas de seu interesse, indicando o papel individual, ativo e seletivo do sujeito em relação aos estímulos sensoriais. Segundo James, existem dois processos psicológicos que englobam o fenômeno da atenção. O primeiro é a acomodação ou o ajuste dos órgãos sensoriais, e o segundo a antecipação preparatória de dentro do centro ideacional voltado para o objeto ao qual será prestada atenção.

A atenção (James, 1890/1990) envolve dois domínios: o sensorial e o intelectual. No domínio sensorial, o ajustamento do processo opera não só por facilitação de determinados órgãos sensoriais, mas também por inibição de outros órgãos. Conforme James, quando se fecham os olhos para a experimentar o gosto de alguma coisa amplia-se um sentido, o paladar. Já no domínio intelectual, a atenção consegue enfatizar um aspecto particular de uma idéia para evocar associações, assim, selecionando a rota tomada pelas “correntes de pensamento”. O estado antecipatório chamado por James de “atenção expectante” pode ocorrer em ambos os domínios. James (1893/2001) incluiu um terceiro domínio, referindo-se ao fluxo de sangue que afluiria em direção ao centro ideacional utilizado, como que

prevendo o que diriam os estudos contemporâneos acerca da atenção. Ademais, o psicólogo entendeu que a atenção voluntária não pode ser sustentada por mais do que alguns segundos por vez, presumivelmente, por que o caráter natural da atenção ajustável seria de oscilação espontânea. Portanto, a aplicação da vontade é continuamente requerida para realinhar atenção ao estado de preparação escolhido, implicando, desse modo, que a atenção ajustável seja capaz de mudar mais rapidamente do que estados de atenção preparatórios.

Desse modo, já em 1890, podia-se compreender que James (1890/1990) acreditava na possibilidade do controle voluntário da atenção, na impossibilidade de se atender a mais de um estímulo simultaneamente e na capacidade limitada do processo atencional. Fica claro o caráter seletivo e a necessidade de focalização para a ocorrência do fenômeno da atenção na concepção de James ao final do século XIX.

### Modelos Experimentais e Cognitivos da Atenção

Com o implemento da revolução behaviorista nos meados dos anos 1920, o conceito de atenção foi distanciado dos principais estudos psicológicos, juntamente com outros estatutos mentais como motivação, percepção e memória. De 1930 a 1960 as pesquisas versavam quase que exclusivamente acerca da teoria da aprendizagem, para a qual o organismo recebia todos os estímulos provenientes do meio sem discriminá-los. No entanto, nos anos 1950, estudos como os de Lawrence (1950), sobre distinção adquirida de pistas, começaram a desafiar a concepção do “estímulo total”. O primeiro a elaborar, de modo explícito, uma teoria descrevendo que o organismo experimentava menos do que o estímulo total disponível foi Estes (1950). Aos poucos, os defensores da teoria da aprendizagem foram rendendo-se às novas descobertas e concebendo que a atenção poderia funcionar de maneira seletiva (Rossini & Galera, 2006).

No final da década de 1950, a atenção foi alvo do inovador modelo de Broadbent (1958/1964), nomeado teoria do filtro, o qual orientou boa parte das investigações na área durante a segunda metade do século XX. Os experimentos realizados pelo pesquisador sugeriram que humanos não conseguem categorizar dois dígitos simultaneamente, e que tal limitação ocorreria porque essa operação necessita de um filtro para ser realizada. Os estímulos seriam detectados e selecionados conforme suas características físicas, e a atenção atuaria como um filtro que permitiria que apenas os estímulos portadores dessas características relevantes fossem processados, em estágios posteriores. Neste modelo, os estímulos não relevantes seriam bloqueados e desconsiderados pelo sistema cognitivo. A teoria do filtro é um exemplo de seleção inicial, podendo-se escolher os estímulos aos quais

se presta atenção, antes mesmo do processamento de suas características básicas. É, também, um modelo que preconiza que os humanos possuem capacidade limitada de atenção, pois somente os estímulos relevantes são atendidos ou processados.

Outra importante descoberta é que o filtro seletivo pode ser guiado a uma localidade específica pelas características do estímulo como também por fatores internos ao sistema. Em imagens que enfatizam os contornos dos objetos, ou pistas no objeto, por princípios de seleção e organização ativa estabelecidos pela teoria da Gestalt, a atenção parece ser guiada primeiramente à totalidade do objeto. Depois há o ajustamento para que se alinhem as partes do mesmo objeto (Banks & Prinzmetal, 1976).

Em estudos utilizando a técnica de sombreamento para a atenção auditiva, alguns pesquisadores (Moray, 1959; Treisman, 1960) constataram que o ouvido humano não-atento tende a seguir determinado discurso sonoro com elementos que o remetam para uma resposta categorizada, como escutar o próprio nome. Esse fato levou à elaboração de uma teoria alternativa àquela proposta por Broadbent (1958/1964), conhecida como teoria da atenuação do sinal. As duas teorias são exemplos que ficaram conhecidos como modelos de seleção inicial (*early selection*). Para a teoria da seleção inicial presumivelmente a informação parcial que produz categorização ou identificação de um objeto sem a presença da atenção, veio a se tornar uma equivalência aproximada ao que Neisser (1967) chamou anteriormente de características pré-atencionais.

O acúmulo de evidências que informações em canais desatentos podem ser categorizadas levou investigadores a preconizarem que a seleção não ocorre antes da categorização, mas logo depois (Norman, 1968). Ou seja, toda a informação contida no estímulo é processada através do estágio de categorização, sendo a seleção baseada nos âmbitos de resposta ou decisão. Tais achados levaram a elaboração do conceito de seleção tardia (*late selection*) – o qual desafiava o enfoque do descarte precoce –, teoria que supõe que o fenômeno se dá a partir da absorção de informações sensoriais, seguido por um processamento e por uma seleção dos estímulos aos quais se deve prestar atenção (Deutsch & Deutsch, 1963). Nessa acepção, a informação é processada, ou descartada, através de um processamento cognitivo sucessivo, não baseado apenas nas características físicas do objeto, mas também na sua representação mental. Portanto, o estágio da atenção, por Deutsch & Deutsch, ocorre quando se está consciente do que é percebido, embora existam processamentos pré-conscientes que utilizam a atenção através de estímulos subliminares.

Assim, as teorias da seleção inicial mantiveram-se distintas das teorias de seleção tardia. A seleção inicial enfatizava que os estímulos não precisam ser analisados completamente antes de serem selecionados. Em contraste, as teorias de seleção tardia

preconizavam que os estímulos que provinham das vias sensoriais receberiam uma análise prévia de características e significados. Só então seriam selecionados os estímulos que receberiam um processamento mais aprofundado (Gazzaniga, Ivry & Mangun, 2002).

A partir da década de 1970 houve uma mudança no enfoque dos estudos de atenção, passando dos estímulos auditivos aos visuais. Tal tendência no estudo da atenção perdura até os dias de hoje, permitindo a elaboração de diversos modelos complexos sobre o processamento atento da informação (Rossini & Galera, 2006). Os experimentos que possibilitaram essa mudança foram desenvolvidos por Treisman e Gelade (1980) e contrastaram a tarefa de busca de alvos de características com a tarefa de busca de alvos de conjunção. A busca de alvos de características implicava no reconhecimento de um estímulo-alvo entre uma série de estímulos distratores idênticos. Os pesquisadores descobriram que no caso da existência de um estímulo simples, os sujeitos levavam o mesmo tempo para encontrar o alvo, independente de esse estar misturado a um grande ou pequeno número de distratores (Treisman, 1988). Tal fenômeno foi denominado *pop-out*. A conclusão foi que todos os elementos simples presentes na cena são processados imediatamente, enquanto tudo o que for diferente se destaca prontamente. Esse estudo sugere que uma ampla quantidade de informações visuais de baixo nível é automaticamente detectada ao mesmo tempo. Os achados de Treisman (1988) que possibilitaram o desenvolvimento da teoria do reconhecimento automático de características primitivas (forma, cor, orientação, etc.) mostraram-se fundamentais no estudo da atenção. Sua proposta foi que as diferentes características visuais dos objetos são analisadas por sistemas separados, o que supõe que tais sistemas processem informações em paralelo, utilizando a atenção, seletivamente, à determinada característica e bloqueando o processamento adicional de outras. Portanto, nas tarefas de busca visual elaboradas pela pesquisadora os participantes procuravam alvos que diferiam em somente uma característica, o que fazia com que tais alvos saltassem aos olhos imediatamente, independente do número de distratores presentes.

Nas chamadas buscas de conjunção (Treisman & Gelade, 1980), entretanto, nas quais os observadores procuravam um alvo com duas ou mais características (por exemplo, estímulo compartilhando cor com metade dos distratores e forma com a outra metade), esse alvo só pôde ser distinguido dos distratores pela conjunção de suas características. Nesse caso, os sujeitos que buscavam por conjunções foram claramente afetados pela presença desses distratores. O tempo para encontrar o alvo aumentou linearmente com o número de distratores, o que pode significar que os sujeitos examinem, detidamente, um distrator por vez. Os resultados de tais pesquisas levaram Treisman (1988) a propor a teoria dos dois

estágios do processamento visual, a qual entende que o processamento visual se inicia com uma extração rápida, paralela, de características elementares. Nesse primeiro estágio, o sistema visual mapeia a distribuição das características visuais, criando mapas diferentes para cada característica. O estágio seguinte é mais complexo e trabalhoso, pois as características dos diversos mapas são combinadas para a formação de objetos. Como tal estágio não é automático, requer o uso da atenção. Portanto, são colocadas juntas somente regiões selecionadas dos mapas das características. Na busca por características, é utilizada a busca pré-atenta de Neisser (1967), que não requer atenção, na qual o arranjo é esquadrihado totalmente em paralelo e a característica crítica é prontamente registrada, se presente. A busca por conjunção, contudo, requer o uso da atenção, sendo processada serialmente, de maneira que o tempo de busca é expandido conforme a presença de distratores. Tais contribuições foram fundamentais para atualmente, conceber-se a atenção como seletiva e também serial (Gazzaniga & Heatherton, 2005).

#### *Atenção voluntária e involuntária*

Em razão do caráter multifatorial da atenção, é costume dividi-la em voluntária e involuntária. A atenção voluntária, também chamada de controlada, envolve a seleção ativa e deliberada pelo indivíduo da tarefa a ser desempenhada ou dos estímulos a serem atentos, em razão de seus interesses e expectativas. Essa modalidade de atenção é mediada pelo processamento controlado das informações. Os efeitos facilitadores de determinada tarefa são acompanhados pelos efeitos inibidores exercidos sobre atividades concorrentes. No entanto, a atenção involuntária, ou automática, é suscitada pelas características dos estímulos, independente do posicionamento ativo do sujeito. É um tipo de atenção que não requer controle consciente do indivíduo, funcionando através do processamento automático das informações (Macar, 2001).

O processamento automático foi um princípio identificado pelos estudos de LaBerge (1973), no qual um estímulo torna-se familiar através da prática, parecendo necessitar de cada vez menos atenção. Contudo, para identificar uma palavra, independente de sua familiaridade, o filtro atua sempre que existem outras palavras posicionadas por perto, como é o caso de um texto. O aspecto do filtro que parece diminuir com a familiaridade é o ajustamento para seletivamente identificar partes da palavra (LaBerge & Brown, 1989). Uma palavra apresentada em completo isolamento, portanto, não deveria requisitar a participação do filtro. Mas a forte mudança de luminosidade no contorno de uma palavra isolada ainda atrai atenção para sua localização involuntariamente. Portanto, dependendo do modelo de processamento lexical, parece ser difícil na prática identificar uma palavra (ou

qualquer forma) sem o uso do filtro pensado por Broadbent (1958/1964). A natureza dinâmica do ajustamento da operação do filtro pode dar a impressão de que ele opera casualmente. Mas, James (1890/1990) enfatizou que a atenção, apesar tanto do ajustamento quanto da expectativa, é derivada de diferentes fontes. De modo similar, LaBerge e Brown (1989), e Neisser (1976), tratam a atenção como sendo guiada por outros domínios do sistema cognitivo.

#### *O papel da atenção na realização de duplas tarefas*

Baddeley e Hitch (em Baddeley, 1998) introduziram um paradigma, em 1974, que se tornou aceito cientificamente e foi ampliado por estudos subsequentes (Baddeley, 1992, 1998). Esse modelo é popularmente conhecido como modelo de memória de trabalho de Baddeley. A teoria descreve que existem dois sistemas “escravos”, responsáveis pela manutenção de curto prazo da informação, um “executivo-central”, que supervisiona a integração de informação e coordena os sistemas “escravos” (componente fonológico e armazenamento viso-espacial), e um *buffer* episódico (Baddeley, 2000), que guarda temporariamente representações integradas da informação fonológica, visual e espacial, e demais informações não cobertas pelos sistemas “escravos”. O executivo-central tem a função de direcionar a atenção para a informação relevante, suprimindo a informação irrelevante e as ações consideradas inapropriadas. Nesse sentido, o executivo-central tem também a incumbência de coordenar processos cognitivos quando mais de uma tarefa tem de ser efetuada ao mesmo tempo, o que implica na possibilidade da realização de atividades que envolvam duplas tarefas.

A capacidade de execução de mais de uma tarefa ao mesmo tempo é considerado um pré-requisito para uma vida normal de um indivíduo. Em circunstâncias normais, a concomitância entre tarefas motoras e cognitivas é algo comum, e essas atividades motoras são desenvolvidas automaticamente, não necessitando de recursos atencionais conscientes. Tal estágio autônomo motor é alcançado através de processos de aprendizagem motora no qual sua habitualidade e variabilidade levam a programas de ação. Esses programas de ação são controlados por um circuito aberto com pouca interferência de retroalimentação. Portanto, os processos atencionais necessários para o desempenho eficiente das habilidades são baixos, o que facilita o direcionamento do foco da atenção para outros itens relevantes para o desenvolvimento da tarefa (Schmidt & Wrisberg, 2001). Assim, é possível para o indivíduo a realização de uma segunda tarefa simultaneamente à primeira, sem que haja prejuízo no desempenho geral (Teixeira & Alouche, 2007).

Ao analisar-se o desempenho do custo de uma tarefa, quando associada a uma

tarefa secundária, tem-se uma dupla tarefa. O desempenho dessa dupla tarefa é chamado de “desempenho simultâneo”, que envolve a execução de uma tarefa primária, delegando a essa o foco principal da atenção, e uma tarefa secundária, executada concomitantemente. No momento em que duas tarefas que necessitem de um alto grau de processamento de informações tem de ser executadas ao mesmo tempo, o desempenho de uma ou de ambas é diminuído (Haggard et al., 2000). Se há o prejuízo do desempenho da tarefa primária na execução da dupla tarefa não ocorre a automatização dessa tarefa primária e a piora no desempenho da mesma é nomeada de conseqüência da atividade dupla. Esse prejuízo de alguma das tarefas é ocasionado porque as duas tarefas competem por demandas similares para o seu processamento (Teixeira & Alouche, 2007).

### *Preparação e atenção*

A idéia de que a preparação para um objeto por visualização acelera a percepção, e que a preparação para produzir uma resposta particular acelera sua execução, foi reconhecida por James (1890/1990) há bastante tempo. Aparentemente, a preparação produz percepções mais exatas e também respostas mais precisas (Bonnel, Possamai & Schmitt, 1987; Downing, 1988).

Uma forma de se explicar o estado antecipatório é a concepção de James (1890/1990), na qual a expectativa opera como um mecanismo de atenção porque ocorre continuamente com a percepção de um objeto, assim sendo um tipo de propensão sensoria. Quando essa propensão é induzida pela apresentação de uma pista informativa antes do estímulo-alvo, é chamada de *priming*. Entretanto, a manipulação de uma expectativa sensoria pode se dar sem a apresentação de uma preparação (*priming*) em uma tentativa, conforme foi observado por LaBerge e Tweedy (1961) em um estudo em que induziram a expectativa para uma cor específica pela intensificação de sua freqüência relativa. Em um estudo posterior (LaBerge, Van Gelder & Yellott, 1970), a expectativa por uma cor foi produzida pela inserção de uma cor pré-ativada antes do alvo em cada tentativa. O tempo de resposta diferiu em 110 milissegundos entre o estímulo com *prime* e sem *prime*, e quando houve a comparação entre esses e sinais neutros, as quantidades de ganhos e perdas foram 80 e 30 milissegundos, respectivamente. A diferenças observadas não ocorreram em razão de variação de filtro, mas sim por variações na pré-ativação para um estímulo específico.

Compreender a expectativa como a distribuição máxima da atividade, providencia meios para entender como a atenção seletiva muda, particularmente, através do campo visual. Em parte dos experimentos realizados nessa linha, uma pista induz um estado de expectativa quando o teste inicia, com o pico de atividade no ponto central da fixação ou



em um ponto longe da fixação central (Posner, Davidson & Snyder, 1980). Se o estado de expectativa tem relação com a distribuição máxima de atividade, então, quando o estímulo-alvo subsequentemente aparece no, ou perto do centro de distribuição, a resposta será relativamente mais rápida, pois a maior atividade nessa localização alimenta a filtração do alvo. Se o alvo aparece longe do centro de distribuição, a resposta será mais lenta em razão da menor atividade nesse ponto. No entanto, o mesmo padrão de tempo de resposta pode ser deduzido do modelo do feixe de luz móvel, o qual assume que o foco da atenção inicia na pista de uma localização e se move de maneira analógica pelo campo visual. Assim, compara-se a atenção visual a um holofote (*spotlight*) que se desloca através de uma superfície não iluminada. Nesse modelo, a atenção move-se por um campo visual interno de representações e seleciona e integra os estímulos com base em suas localizações (*spatial-based*). Decidir entre os dois modelos de câmbio de atenção é difícil, pois a questão apresenta-se de modo não passivo na literatura (LaBerge, 1990).

#### *Modelos teóricos e categorias dos processos atentos*

Apesar das intensas investigações acerca dos processos cognitivos relacionados à atenção nos últimos trinta anos, ainda prevalecem diversas controvérsias sobre como funcionaria a seleção e a integração da informação relevante contida no ambiente. Dois grandes modelos teóricos abarcam a maior parte dos estudos realizados sobre a atenção: um baseado na localização espacial ocupada pelos objetos no campo visual (*spatial-based*) e outro baseado nas características do objeto a ser atendido (*object-based*) (Rossini & Galera, 2006). Esses dois modelos possuem uma relação estreita com duas categorias de operações distintas. A primeira apresenta um processamento amparado por parâmetros fisiológicos de detecção do estímulo. Tais processos são definidos como de baixa ordem (*bottom-up*). A segunda categoria de operações constitui-se de processos centrados nas diretrizes internas dos sujeitos, sendo balizada por metas e parâmetros estabelecidos pelo sistema cognitivo sob influência direta dos processos mnemônicos e representações mentais. Estes são definidos como processos de alta ordem (*top-down*) (Pashler, Johnston & Ruthruff, 2001).

A concepção que engloba a atenção seletiva baseado no espaço preconiza que os estímulos são selecionados a partir de uma representação perceptiva interna dos objetos. Essa idéia está por trás de todos os modelos conhecidos como *spatial-based*, nos quais a atenção seleciona os estímulos através de uma representação espacial primária em que o objeto é apresentado por dimensões simples não integradas. Desse modo, a focalização dos recursos atentos é responsável pela integração das características do objeto. O que ocorre é que o objeto composto por várias dimensões é passado à consciência, e, posteriormente,

processado em operações cognitivas de alta ordem (Rossini & Galera, 2006). O modelo do feixe de luz (*spotlight*) é um exemplo clássico de tais premissas, pois o foco atento apresenta invariavelmente uma forma circular constante. Posner et al. (1980), através de um experimento, identificaram essa característica espacial na distribuição de recursos da atenção visual, associando um maior custo temporal em determinada resposta com uma dica inválida. Sua interpretação evidenciou o deslocamento espacial analógico do foco da atenção.

Nas últimas décadas, a distribuição espacial da atenção recebeu apoio de muitos resultados experimentais, desde Eriksen e Eriksen (1974), até Eriksen & Yeh (1985) e Muller *et al.* (2005). Os resultados evidenciam que os processos atentos possibilitam a focalização dos recursos sobre uma determinada área do campo visual. LaBerge (1983) havia sugerido que o tamanho do foco atento apresentava a capacidade de adaptar-se à demanda da tarefa.

A partir dessa descoberta, Eriksen e Yeh (1985) e Eriksen e St. James (1986) propuseram que o foco atento poderia ser mais bem comparado ao *zoom* de uma lente de aumento do que ao foco constante de um holofote (*spotlight*). Os autores concluíram que o tamanho do foco atento pode ser manipulado através de dicas preventivas, havendo uma relação inversa entre o tamanho do foco e a eficiência para o processamento da informação apresentada dentro da área focalizada. Tal modelo ficou conhecido como modelo da lente *zoom* (*zoom lens model*).

Com base nessa sugestão, Maringelli e Umiltà (1998) buscaram elucidar a possibilidade dos processos de orientação e focalização dos recursos atentos ocorrerem paralelamente, ou seja, de competirem pelos mesmos recursos. Resultados de seu estudo informaram que na ausência do processo de orientação, a focalização dos recursos pode se iniciar em momentos precoces do processamento da informação visual, remetendo a possibilidade de que a focalização dos recursos atentos possa ser compreendida como uma reação automática – ou reflexa – atribuída ao aparecimento de um objeto inédito no campo visual. Turatto et al. (2000) acrescentaram evidências que sugerem que o tamanho do foco atento pode ajustar-se automaticamente ao tamanho de um novo objeto apresentado.

A forma do foco atento também é alvo de discussões. Egly e Homa (1984) abriram a possibilidade do foco atento assumir a forma de um anel (*Ring Model*). Tal aceção foi parcialmente aceita, pois Muller e Hübner (2002), atualmente, obtiveram resultados que amparam a idéia de que o foco da atenção visual possa assumir formas anelares.

Embora todos os resultados apresentados apontem um importante componente

espacial na mobilização da atenção, deixam de explicar de modo satisfatório vários outros dados referentes à influência das características do objeto nesse movimento. A possibilidade dos recursos atentos selecionarem os objetos sem a necessidade do processamento de sua posição espacial levou ao modelo da atenção baseada no objeto (*object-based model*). A sugestão é que as características do estímulo visual – e não sua localização espacial – podem ser selecionadas e integradas (Duncan, 1984; Jordan & Tipper, 1998; Moore, Yantis & Vaughan, 1998).

Duncan (1984) propôs um modelo que apresentou de maneira simultânea dois objetos-alvo sobrepostos, um quadrado e uma linha vertical inclinada. Ambos podiam apresentar duas características: o quadrado poderia ser grande ou pequeno com uma abertura do lado direito ou esquerdo; a linha vertical poderia ser tracejada ou pontilhada e inclinada para direita ou para esquerda. Os participantes do experimento foram solicitados a relatar uma ou duas características dos alvos apresentados. Quando duas delas eram relatadas, poderiam ser do mesmo objeto (p.e., quadrado grande, linha aberta na direita), ou de objetos distintos (p.e., quadrado grande, linha tracejada). Não houve dificuldade quanto ao relato de uma ou duas características das quatro apresentadas. Entretanto, os participantes foram mais precisos em relatar duas características de um mesmo objeto do que duas características de objetos diferentes. Tais resultados não foram compatíveis com a teoria da atenção baseada no espaço, já que as dimensões dos objetos eram equidistantes. De acordo com a teoria baseada no espaço, o desempenho dos participantes deveria ser o mesmo para todas as dimensões dos objetos, uma vez que a totalidade das características dos dois objetos ocupava a mesma posição no espaço. Isso levou Duncan a interpretar os resultados como um indício favorável a uma distribuição de recursos baseada no objeto a ser selecionado, e não no espaço ocupado por ele.

Estudos neurológicos com pacientes que apresentavam lesões específicas em determinadas áreas do cérebro estabeleceram uma dissociação entre o processamento do objeto e sua posição no espaço (Robertson, Treisman, Friedman-Hill & Grabowecky, 1997; Scholl, 2001). Outras pesquisas sugerem que a atenção pode ser capturada pelas características do objeto, sendo que modelos baseados no espaço e no objeto não precisam ser excludentes (Behrmann, Zemel, & Mozer, 1998; Kramer, Weber, & Watson, 1997). Vecera e Farah (1994) sugeriram que a seleção da informação pode estar vinculada às características do estímulo e ao tipo de tarefa desempenhada pelo sujeito, pois tarefas de detecção simples podem mobilizar recursos de processamento baseados no espaço, enquanto que tarefas de discriminação de formas mobilizam recursos baseados no objeto. Iani, Nicoletti, Rubichi e Umiltà (2001) apresentaram evidências que não corroboram tal

modelo, mostrando que, mesmo em tarefas de detecção simples, as propriedades do objeto são acessadas.

### *Atenção, teoria do processamento da informação e conexãoismo*

Foi dito que o conceito de atenção só é necessário porque o organismo não pode processar em paralelo tudo o que é apresentado a ele. No contexto da teoria da informação essa limitação tem sentido, pois a transmissão de informação do estímulo de entrada (*input*) para o resultado de resposta (*output*) ocorre através de um canal, e a física dos canais preconiza que a transmissão é sujeita aos limites de capacidade (LaBerge, 1990). A limitação de recursos é uma noção familiar aos economistas, e a teoria da otimização na produção econômica e a teoria de detecção de sinais, na psicologia experimental, podem ser utilizadas como base normativa para analisar o processamento da atenção. Essas dividem o processo em dois estágios – codificação sensorial e decisão – onde a atenção pode operar de modo inicial ou tardio, respectivamente.

A teoria de detecção de sinais foi inicialmente desenvolvida por matemáticos e engenheiros nos anos 1950, para utilização nos campos da estatística e comunicação eletrônica. Em seguida, foi aplicada a psicofísica pela noção de que o critério adotado pelo observador influencia o seu julgamento. Desse modo, a teoria de detecção de sinais proporciona a possibilidade de separar-se o que é detectado pelo efeito do estímulo do critério do observador em experimentos sensoriais, proporcionando diferentes formas de análise em problemas de tomada de decisão. A teoria de detecção de sinais tenta tratar desses problemas por assumir que qualquer estímulo deve ser detectado contra um *background* de interferência interna ou externa (ruído), e que indivíduos têm seus próprios conjuntos de critérios de respostas (LaBerge, 1990).

A teoria de detecção de sinais também oferece a sofisticação da análise quantitativa e um grau de abstração que construiu um modelo de atenção formal ainda não obtido pela maioria dos demais entendimentos. Segundo LaBerge (1990), o problema constante em interpretar achados de experimentos realizados com duplas tarefas, como é o caso na teoria de detecção de sinais, é que o resultado de atenção dividida pode vir tanto de uma verdadeira divisão de recursos, como de uma média de tentativas nas quais a atenção é alocada no modo “tudo ou nada”, mas distribuída entre as duas tarefas, probabilisticamente, por tentativas. Ademais, se a análise favorece uma verdadeira divisão de recursos com uma tentativa, existe a possibilidade da atenção ainda estar alocada a uma tarefa no modelo “tudo ou nada”, ou ser trocada rapidamente com uma tentativa. Enquanto as vantagens da teoria dos recursos estão nas possibilidades de poder de formalizar os processos de atenção

de um nível relativamente abstrato de descrição, as desvantagens estão na sua falta de contato com noções mais concretas como a de seleção, ou atenção involuntária.

Nos anos 1980, surgiram modelos para o processamento atencional no sistema conexionista. O conexionismo assume que as unidades elementares do processamento de informação têm propriedades similares as dos neurônios e das sinapses. Em grande parte dos modelos formulados até agora, o maior fator de modelagem do sistema é o processo de aprendizagem, o qual se supõe que seja movido por propriedades de estímulo e resposta. Com tais informações, entende-se que pode ser mais fácil modelar um estado de atenção expectante do que um processo de atenção seletiva. Inserir um módulo separado para atenção seletiva pode ser o ponto de partida para um conexionismo completo, de modo que os conexionistas agem com cautela para a incorporação da seleção em seus modelos. Contudo, sem o componente ativo da atenção seletiva o sistema conexionista se tornaria parecido com o organismo passivo da filosofia associacionista do século XIX (LaBerge, 1990).

Mozer, em 1988 (em LaBerge, 1990), propôs uma estrutura de rede modular na qual a rede representa o mecanismo de atenção, e é separada dos módulos que processam forma, cor e tamanho. O mecanismo da atenção expressa um fecho de luz de tamanho ajustável, que filtra, e que é capaz de ser dirigido pelos dados sensoriais e pelos conceitos de ordem superior. O mecanismo é descrito como operando em ambos os estágios de processamento: inicial e tardio. Foram desenvolvidos modelos multi-níveis nos quais a atenção é modulada *top-down* e *bottom-up* (Cohen, McClelland & Dunbar, 1987, em LaBerge, 1990). O trabalho de Schneider e Shedden, de 1989 (em LaBerge, 1990), apresenta o modelo conexionista da atenção baseado em circuitos neurais nas camadas corticais, que enfatiza a sustentação das redes localmente excitadas, podendo ser concebido de forma análoga aos estados de expectativa preconizados por James (1890/1990).

#### *Processos atencionais no cérebro*

A partir dos métodos hoje implementados para determinar especificamente onde no cérebro cada atividade sensorial ocorre, pode-se observar que processos de função superior induzem a seleção da forma, característica ou local para pré-percepção. O resultado é que a atividade mostra-se ampliada em áreas particulares do cérebro quando existe uma expectativa em relação ao estímulo que movimenta a atenção para estímulos visuais. Segundo estudo de Posner, Petersen, Fox e Raichle (1988), com o uso de palavras lidas ou escritas, o fluxo sanguíneo é maior no lobo occipital ventral no momento em que o estado de expectativa é ativado.

Há evidências de que processos de atenção seletiva se manifestam funcionando como filtros em áreas do cérebro. O núcleo reticular, encontrado no tálamo, foi pensado como exercendo um papel de selecionador, conforme o entendimento de Crick (1984). Evidências provenientes tanto de estudos com macacos (Petersen, Robinson & Morris, 1987), como de observações com humanos (LaBerge & Buchsbaum, 1990), indicam que os neurônios pulvinares podem ser responsáveis por parte do funcionamento da atenção seletiva.

Com o estabelecimento de um foco atencional, ou seja, no momento em que a atenção é dirigida para um único estímulo do campo visual, ocorre uma facilitação das respostas dos neurônios corticais nas áreas sensoriais e associativas (Lent, 2002). Isso demonstra a existência de um aumento na taxa de disparo de neurônios para o atendimento de tal estímulo (Motter, 1993).

De acordo com evidências demonstradas por Corbetta et al. (1991), existem diferentes sistemas envolvidos com discriminação de cores, forma e velocidade dos estímulos a partir da análise realizada por tomografia por emissão de pósitrons (PET). Os resultados sugerem que a atenção seletiva visual modula a atividade de regiões distintas do córtex extra-estriado, as quais são responsáveis pelo processamento das diferentes características dos estímulos. Desse modo, entende-se que a atenção pode afetar a seleção de características visuais específicas da localização espacial.

Através de uma gama de achados disponíveis na literatura científica, evidenciaram-se papéis para estruturas neurais específicas nos processos de expectativa e seleção no funcionamento da atenção. Estas descobertas apóiam as longínquas crenças de James (1890/1990), que antecipava que explicações sobre a atenção poderiam ser descobertas nas interações de células do cérebro.

#### *Entendimentos contemporâneos sobre atenção*

A atenção, segundo Cortese (1999), pode ser influenciada por uma gama de fatores, como o contexto que envolve o sujeito, as características dos estímulos apresentados, a motivação, a relevância da tarefa desempenhada, a expectativa, o estado emocional e as experiências passadas. De um modo geral, o processo de atenção engloba dois aspectos: O primeiro é o estado de alerta, que representa a sensibilização dos órgãos sensoriais com a posterior manutenção do tônus cortical para a recepção dos estímulos. O segundo ocorre quando o ato de atenção envolve a focalização do alerta sobre certos processos mentais e neurofisiológicos (Lent, 2002).

Hoje é sabido que, para garantir uma interação eficaz com o meio, a atenção se

relaciona com o processamento preferencial de determinadas informações sensoriais. O que se percebe está intrinsecamente ligado para onde a atenção é dirigida. Em termos práticos, prestar atenção aumenta a sensibilidade perceptual para a discriminação do alvo, reduzindo a interferência causada por estímulos distratores (Pessoa, Kastner & Ungerleider, 2003).

Na esfera fisiológica, entende-se que o estabelecimento do foco da atenção possui um valor adaptativo, na medida em que ocorre uma discriminação entre estímulos relevantes e irrelevantes que os direciona seletivamente aos recursos limitados de processamento das informações do encéfalo humano. Mesmo que fosse possível o processamento total das informações que chegam ao encéfalo, há uma nítida vantagem no desempenho das tarefas quando essas são processadas de modo seqüencial (Bear, Connors & Paradiso, 2002), o que demonstra melhor rendimento na seleção de apenas uma pequena parcela de informação contida no ambiente em detrimento da maior quantidade de estímulos disponíveis ao observador (Rossini & Galera, 2006). Essa afirmativa reforça biologicamente o pressuposto psicológico de que a atenção atua de modo seletivo e serial.

Nos últimos anos, a focalização atenta com características baseadas no espaço e no objeto vem ganhando proeminência através do desenvolvimento de experimentos. Modelos comportamentais (Soto & Blanco, 2004) e neurofisiológicos (Corbetta, Kincade, Olliger, McAvoy, & Shuman, 2000) apóiam o entendimento de que a atenção seletiva integra componentes do espaço e do objeto. Por conseguinte, ressaltam aspectos flexíveis e dinâmicos sobre a arquitetura cognitiva do processamento da informação (Rossini & Galera, 2006). Nesse sentido, essa abordagem conciliatória está proporcionando a conceptualização de modelos coerentemente integrados que podem vir a auxiliar um entendimento mais abrangente acerca do fenômeno da atenção.

### Diálogos entre fenomenologia e psicologia experimental

Existem algumas diferenças significativas quanto à forma e ao modo como pode ser estruturado o estudo da atenção. Pesquisas recentes foram desenvolvidas com a intenção de debater os métodos hoje utilizados pela psicologia experimental e pelas neurociências, criando importantes diálogos em prol da evolução científica como um todo. A fenomenologia ocupa um lugar de destaque dentre as teorias que procuram viabilizar alternativas para o complexo estudo da atenção.

Para Husserl (1913/1983), a atenção é um conceito unitário. A grande modificação provinda dos estudos realizados no século XX é a noção de que a atenção é um conceito singular composto de diversas dimensões bem diferenciadas. Recentemente, isso foi feito

em tão larga escala pela psicologia experimental que diversos autores colocaram em dúvida o valor da obtenção de um conceito geral para atenção, ou para uma teoria compreensiva sobre o tema (Vermersch, 2004).

Na psicologia experimental as tarefas orientadas sensorialmente são predominantemente ligadas ao momento exato da realização de experimentos. Claramente, uma vasta gama de resultados em psicologia experimental e neuropsicologia são fundamentadas em tarefas que provocam crítica semelhante: A atenção é pré-orientada por simplificações do mundo amparadas por sistemas experimentais em prol do controle deles mesmos. Inexistem estudos baseados no fato de que é o sujeito que determina sua própria meta em um ambiente (Vermersch, 2004).

Gendlin (2004) aponta que a atenção é entendida pela psicologia experimental juntamente às linhas de percepção, como se uma pessoa neutra aqui direcionasse um feixe neutro em direção a um já separado objeto lá, deixando de lado a reflexividade inerente ao processo. Na tentativa de se experimentar diretamente, descobre-se que o ser humano está contido em um corpo situacional que sempre sente ele mesmo sentindo alguma coisa. O feixe atento emerge de uma intrincada mistura entre saber, sensação corporal e fazer, que não são instâncias separadas. Quando essa mistura muda, o que a atenção pode trazer também se modifica. Seguindo a mesma linha, Schwitzgebel (2007) descreve que de acordo com visões sofisticadas da consciência (p.e., James em 1890), tem-se na atenção um constante e complexo fluxo de experiência em múltiplas modalidades simultâneas. Critica posições que qualifica como simplistas (p.e., Dennett, Mack & Rock, 1998), nas quais a experiência consciente da atenção é limitada a um ou a poucos tópicos, objetos, regiões e modalidades de cada vez.

#### *Atenção por Merleau-Ponty*

O problema da atenção aparece no capítulo III da *Fenomenologia da Percepção*, de Merleau-Ponty (1945/1994). O tema surge numa seqüência discursiva que se inicia com as sensações, passa pelas associações e recordações, para chegar à atenção e ao juízo. O filósofo volta-se aos processos cognitivos para elucidar a gênese da percepção, isto é, o modo como a consciência se apodera da experiência, rearticulando a experiência e reconfigurando a si mesma. Merleau-Ponty, na tradição do movimento fenomenológico, oferece uma nova abordagem ao estudo cognitivo. O interesse concentra-se em como se dá a relação entre consciência (sujeito) e experiência (objeto). A consciência pode ser definida como um contêiner de conteúdos ou sentidos transitórios, desde aspectos sensórios, como audição, visão e sensações corporais, a aspectos não sensórios, como volição, emoção,



memória e pensamento. Com isso Merleau-Ponty afasta-se das explicações do sensacionalismo, posição radical do pensamento empirista de que todo conhecimento provém das sensações; e das explicações do tradicional intelectualismo de que todo o conhecimento provém da racionalidade, de elementos inteligíveis e não sensoriais.

A experiência apresenta-se à consciência seja na memória do que se conhece e se viveu, seja na apreensão do presente e também na projeção do futuro. Mas como a consciência apodera-se desta experiência? Como se volta para alguma de suas propriedades? Como a consciência deixa de lado a experiência dos próprios pensamentos e sonhos, para voltar-se a algum objeto que está a chamá-la, a surpreendê-la ou a importuná-la? Ou ainda, como a consciência reconhece uma falta e sai em busca deste objeto na experiência do mundo exterior? A força destas perguntas destaca a consciência como a síntese de um organismo situado, ciente ou a procura do esclarecimento das próprias demandas, sejam tais demandas de ordem interna, externa, ou das combinações possíveis. O que não quer dizer que o está ciente seja estar seguro de alguma verdade. No entanto, a consciência embora dispondo do grande acervo da memória imediatamente evocável, ou de um mundo aberto diante de si, concentra-se em alguma propriedade, em algum movimento, que se articula e que se redimensiona. O dispositivo cognitivo encarregado desta função é a atenção.

Nas considerações de Merleau-Ponty, a atenção não poderia ser definida na objetividade externa de quem a observa como a resposta a um holofote que se destaca no horizonte, ou na subjetividade de um projetor interno que ilumina o objeto. Dessa forma, a atenção seria incondicional, visto que poderia dirigir-se indistintamente a todos os conteúdos da consciência e seria qualificada como desinteressada. A atenção também não poderia ser a manipulação de uma consciência pré-constituída que atribuiria verdade ao objeto. Tal subjetividade negaria à consciência a condição de atualização, mantendo-se na repetição de si mesma. Na primeira definição, falta a conexão interna entre o objeto e o ato desencadeante. A consciência é pobre, esvaziada, abstrata e ineficaz. Na segunda definição, falta o contingenciamento das conexões internas entre objeto e o ato desencadeante. A atenção é rica em demasia e os objetos não conseguem solicitá-la.

Merleau-Ponty (1945/1994) enuncia a atenção como um processo de tomada de consciência. Tal fenômeno supõe que a atenção atua primeiramente transformando o campo mental, e que, de uma maneira nova, a consciência se coloca a seus objetos. Para ilustrar sua definição, Merleau-Ponty recorreu à pesquisa empírica do neurologista inglês Henry Head (1861-1940), cujos trabalhos foram reunidos e publicados em 1920, com o título de *Estudos Neurofisiológicos*. Nesses achados, pacientes com áreas motoras lesionadas não

conseguiam dar sentido a experiência de localizar um ponto tocado em seu corpo. Head interpretou a evidência empírica como um enfraquecimento local da atenção. Merleau-Ponty contestou a interpretação sob o argumento de que havia nesse movimento a desagregação do campo sensorial, o qual não permaneceria fixo enquanto o sujeito percebia, mas se moveria conforme os movimentos de exploração, encolhendo-se quando observado.

A função da atenção seria a criação de um campo perceptivo ou mental, uma área de domínio, na qual fossem possíveis os movimentos do órgão explorador e as evoluções do pensamento. Contudo, ao abrir o espaço e trazer o novo, a atenção não pode se perder enquanto adquire consciência nas transformações produzidas pelas próprias aquisições. Merleau-Ponty apóia sua interpretação nos estudos gestaltistas de figura e fundo de Edgar Rubin (1886-1951), célebre inventor da conhecida figura reversiva (ver Figura 1) das faces (cor preta) e do jarro (cor branca). Assim, não existe atenção como atividade geral e formal, mas prevalece, em cada caso, certa liberdade a adquirir e determinado espaço mental a preparar.

O objeto da atenção destaca-se no próprio ato de criação. Isto é, a mudança necessária na estrutura da consciência para o estabelecimento de uma nova faceta da experiência. Nesse sentido, prestar atenção não seria apenas rememorar dados preexistentes, mas realizar uma nova articulação nos dados para considerá-los como figuras (Koffka, 1922). Os dados rememorados fazem parte da identidade do objeto que preparam as qualidades para uma transição. Cabe a consciência fazer aparecer, por meio da atenção, fenômenos que restabeleçam a unidade do objeto em uma nova dimensão, no momento em que eles a desconstituem.

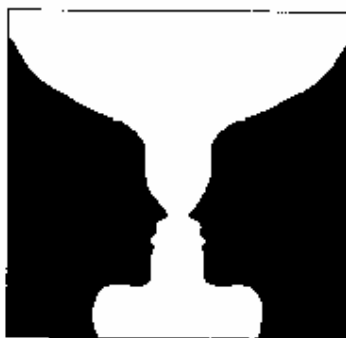


Figura 1: Ilustração de Rubin para o movimento entre figura e fundo

A atenção não é puramente um processo associativo de imagens nem o retorno de um pensamento já constituído, mas a construção ativa de um objeto novo (Merleau-Ponty,

1945/1994). Com o acionamento da atenção, o objeto é constantemente reaprendido e novamente colocado sob sua dependência. Dessa maneira, o ato de atenção, constituído na consciência, estabelece o rumo do indeterminado ao determinado, recriando o sentido e definindo o pensamento humano.

A atenção que remete a consciência para um dado aspecto da experiência é assim descrita por Merleau-Ponty (1945/1994, p. 60):

É preciso colocar a consciência em presença de sua vida irrefletida nas coisas e despertá-la para a sua própria história que ela havia esquecido; este é o verdadeiro papel da reflexão filosófica e é assim que se chega a uma verdadeira teoria da atenção.

Retornando a seqüência de capítulos da *Fenomenologia da Percepção*, nota-se que Merleau-Ponty segue a lógica da psicologia experimental para levar adiante a descrição fenomenológica dos processos cognitivos. Vide-se que nos quatro capítulos da introdução, ele inicia com a sensação, move-se para a associação e a projeção das recordações, passa pela atenção e o juízo para introduzir o campo fenomenal. Contudo, ao caracterizar a atenção ele subverte a ordem para mostrar que a atenção é mais que sensações, associações e recordações. Mais ainda, a atenção precede a todas elas. A lógica de Merleau-Ponty afasta-se assim do elementarismo sensorial empírico e do racionalismo enquanto estrutura apriorista para entender a cognição de uma forma unificada, como uma apreensão instantânea de sentido:

A pura sensação, definida pela ação dos estímulos sobre nosso corpo, é o “efeito último” do conhecimento, em particular do conhecimento científico, e é uma ilusão, aliás, natural, que colocamos no começo e acreditamos que seja anterior ao conhecimento. Ela é a maneira necessária e necessariamente enganosa pela qual um espírito representa sua própria história.

Expõe-se, assim, nos limites do escopo desta pesquisa, a idéia fenomenológica da descritiva de uma atenção voluntária para a realização de tarefas cotidianas e para a concentração em atividades mentais, como também de uma atenção involuntária decorrente da própria espontaneidade do fluxo do pensamento e dos movimentos do meu espaço circundante.

### *Objetivos da pesquisa*

As perguntas que orientaram a revisão da literatura e as considerações sobre a fenomenologia da atenção em Merleau-Ponty podem agora ser reconsideradas. As críticas de Merleau-Ponty ao sensacionalismo (Carman, 2005) foram convergentes com a posição

de outros filósofos que receberam atenção nos meados do século XX, por exemplo, Ludwig Wittgenstein, J. L. Austin, Gilbert Ryle e Thomas Kuhn, sendo essa uma questão vencida. Os problemas do intelectualismo (Carman, 2005) ainda persistem em teorias como o conexionismo, que reduzem a cognição para estados mentais internos e discretos, compreendidos em termos de regras e algoritmos (Harré, 2002).

A psicologia experimental mostrou que se escolhem os estímulos aos quais se presta atenção antes do processamento de suas características básicas (Broabent, 1958/1964). A localização é guiada por fatores internos (Banks & Prinzmetal, 1976), a seleção focal é baseada nos âmbitos de resposta ou decisão (Norman, 1968), e o reconhecimento é automático (Treisman, 1988). Ademais, a tomada de consciência é alimentada pelo situacionamento espacial e pelas propriedades do objeto (Iani et al.; Vecerra & Farah, 1994). No entanto, nada foi dito sobre o situacionamento espaço-temporal do percebedor.

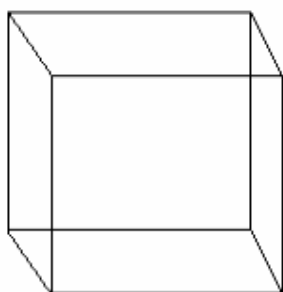
Embora a atenção seja amplamente estudada pela psicologia experimental cognitiva e pelas neurociências, nessas modalidades de pesquisa existem certos problemas específicos do ponto de vista da fenomenologia. Por exemplo, o sujeito é invariavelmente instruído a prestar atenção em algum estímulo determinado por outro que não ele; o período de seqüências entre tentativas é distribuído independente de seu próprio padrão atento; o significado do estímulo apresentado é pobre ou vazio para o sujeito; e o experimentador não consegue mobilizar respostas emotivas que atuam corriqueiramente nas demandas cotidianas da atenção. Faltam pesquisas cognitivas voltadas às tarefas de produção completa que permitam ao sujeito saber se foi bem sucedido; ou às tarefas que ocorram em determinado período de tempo correspondendo às atividades cotidianas e significativas (Vermersch, 2004).

A realização do experimento fenomenológico da presente pesquisa exigiu dois estudos preliminares para composição e verificação de instrumentos. Inicialmente foi realizado um estudo para verificação se um determinado filme de curta-metragem poderia ser caracterizado e utilizado como campo multi-estável (Estudo 1). Em seguida foi construído e testado um questionário para o reconhecimento da experiência atenta (Estudo 2). O experimento fenomenológico propriamente foi amparado em uma descrição da vivência experimental da atenção diante de duplas tarefas. Os participantes foram expostos a uma situação complexa, e a proposta foi levantar a perspectiva de terceira pessoa, por meio das condições objetivas da tarefa, e a perspectiva de primeira pessoa, por meio de auto-relato através de um questionário (Estudo 3). Esperava-se que os recursos da análise fenomenológica pudessem esclarecer aspectos ainda indefinidos no estudo da atenção no paradigma de duplas tarefas complexas, indicando o grau de perda ou de ganho

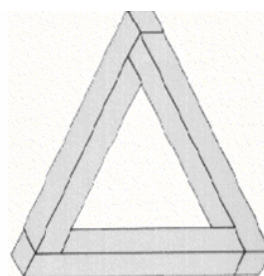
com a presença ou a ausência de distratores. Do mesmo modo, esperava-se levantar elementos que ilustrassem a função de dados de primeira e de terceira pessoa na elucidação de um fenômeno, no caso a atenção em situação complexa, envolvendo duplas tarefas.

ESTUDO 1  
O FILME “i” COMO CAMPO MULTI-ESTÁVEL PARA  
ESTUDO DE SITUAÇÕES COMPLEXAS

A idéia do estímulo multi-estável vem do conhecido Cubo de Necker (Figura 1), descoberto em 1832 por L. A. Necker (Einhäuser, Martin & Köning, 2004), tornando-se posteriormente um dos princípios da psicologia da Gestalt (Koffka, 1935). Neste estudo, preferiu-se a denominação de campo multi-estável por configurar uma situação que envolve uma seqüência de imagens e sons, cuja ambigüidade pode levar a diferentes interpretações. O campo multi-estável refere-se, portanto, a um fenômeno visual ambíguo, caracterizado por uma seqüência de imagens veloz e imprevisível, ensejando a formação de interpretações variadas nos espectadores. Clauser e Croff (1999) estudaram a relação entre unidade e multiplicidade na formação de conceitos para esquema de imagens. Para os autores, o conceito não ocorre de modo isolado, mas no contexto cognitivo de quem o percebe.



Ambigüidade perceptual: percepção multi-estável – cubo de Necker (Fischler & Firschein, 1987)



Triângulo impossível (Fischler & Firschein, 1987)

Figura 2. *Campos multi-estáveis*

As figuras ambíguas vêm sendo estudadas por psicofísicos (Fischler & Firschein, 1987), oftalmologistas (Hol, Koene & van Ee, 2003) e neurocientistas (Einhäuser, Martin & König, 2004) como ilusões visuais. Ainda há, na literatura, uma enorme disputa para a explicação do fenômeno da reversão perceptual (Leopold & Logothetis, 1999). A explicação mais aceita é que a reversão ocorre por meio de conectividade antagonista no sistema visual. Leopold e Logothetis (1999) argumentaram que a alternância perceptual espontânea deve-se a respostas ativas provenientes de áreas cerebrais que integram

informação sensorial e não-sensorial para coordenar a diversidade de comportamentos. Trata-se de iniciativa espontânea, voluntária e influenciada pela experiência subjetiva como atenção e humor. O processo de alternância é sensível à prática e comprometido no caso de lesões em áreas corticais não visuais. O processo de alternância visual caracteriza-se por uma dinâmica temporal semelhante às aquelas de comportamentos iniciados espontaneamente. De acordo com os autores, estudos com imagens funcionais mostraram que quando a visão se torna instável ativam-se áreas cerebrais associadas a uma variedade de comportamentos cognitivos. Deste modo, a reorganização da atividade do córtex visual decorrentes de reversões perceptuais são iniciativas de centros cerebrais superiores. Ocorre uma intervenção no processo sensorial para o planejamento da ação motora, com consequências imediatas na organização perceptual, principalmente no que se refere à atenção seletiva.

O campo multi-estável parece resolver o problema apontado por Gendlin (2004) para a pobreza contextual dos estudos de atenção. Trazendo a implicação emotiva para a relação entre o estímulo e o espectador, recoloca-se a reflexão no processo atencional. A carga emocional do filme faz ressurgir o sujeito corporificado em cena, como advertia Merleau-Ponty (1999/1945). Por conseguinte, oferece-se uma alternativa experimental, com controle e rigor compatíveis às condições de estimulação e de recepção. Não se esvazia o estímulo de significado e nem retira o participante das condições ecológicas, a presença manifesta de uma consciência corpórea e situada. Deste modo, o estudo assume uma abordagem cognitiva que valoriza os dados de primeira pessoa, na qual o participante determina a sua própria meta atencional, resolvendo assim a lacuna apontada por Vermersch (2004) nos estudos de atenção.

O objetivo deste estudo foi avaliar a adequação do curta-metragem “i” como campo multi-estável para o estudo da atenção. O interesse voltou-se para potencial mobilizador do filme enquanto campo multi-estável de atenção, como expressa na decodificação da mensagem do filme, em forma de um relato livre. Neste experimento, complica-se um pouco mais a reversão perceptual, pois as mensagens visuais ambíguas sugerem uma história, cuja narrativa também é ambígua. Esperava-se que os relatos trouxessem mensagens variadas, recorrendo ou ultrapassando os elementos do filme, como ocorre na decodificação de mensagens na vida cotidiana. Não tinha-se, neste ponto das nossas avaliações, um eixo estável para estabelecer uma comparação entre a variedade de percepções e expansões imaginativas e um ponto fixo e repetível. No entanto, esperávamos encontrar alguma estabilidade no filme que pudesse servir de comparação com as medidas quantitativas (dados de terceira pessoa).

## Método

### *A escolha de um campo multi-estável*

A disponibilidade de projetores e câmeras de vídeo levou imediatamente a idéia de produzir ou escolher um filme, ou editar parte de filme para servir de campo multi-estável. Foram localizados dois curta-metragem do diretor e produtor gaúcho Paulo Zaracla que poderiam servir para o presente estudo: “Bom pra Cachorro” (2005) e “i” (2006). Em razão da ausência de diálogos, e, principalmente, da menor duração do curta-metragem (2’00’’) escolheu-se o filme “i”. O filme pareceu indicado para o experimento por trazer, em um cenário urbano, a estética da velocidade, da paranóia, do imaginário, mostrando-se adequado a condição de campo multi-estável pela permanência e variação de seus elementos. A sinopse do filme é a seguinte:

A história inicia com um rapaz pagando sua corrida a um taxista. As portas traseiras do carro se abrem e surgem em cena dois homens supostamente idênticos. A seguir, dá-se uma rápida e violenta perseguição pelas ruas de Porto Alegre, onde perseguidor e perseguido frequentemente se confundem. O frenesi continua até que um dos protagonistas sobe correndo as escadas de um prédio abandonado. Quando no topo do prédio, olha para baixo e visualiza seu símile caminhando pela rua, bem abaixo do ponto em que ele se localiza. Após um breve instante adquirindo fôlego, o protagonista se atira do alto terraço do edifício na direção de seu oponente. O salto é certo. O homem, que após a queda parece tornar-se novamente um só, levanta e olha ligeiramente para os lados. A Figura 4 traz algumas fotos do filme.

Há na mensagem do filme uma superposição de níveis sintagmáticos (ou de rede de relações diacrônicas do tipo e...e), ensejando uma movimentação paradigmática (ou de rede de relações sincrônicas do tipo ou...ou) à procura de sentido ou abrindo-se a formação de sentidos complexos e livres (Lanigan, 1992; Wilden, 1980). A mensagem percebida é uma construção em estratos, onde os elementos do filme e da imaginação do espectador se complementam e se transformam. Por conseguinte, as diferentes mensagens percebidas ou construídas acabam por despertar sentimentos convergentes e divergentes no mesmo espectador e entre espectadores (ver Figura 3). A percepção da estrutura expressiva tem na imagem um apelo contemporâneo vinculado à velocidade de informações e à decodificação de mensagens. Com efeito, trata-se de uma mensagem que ao mesmo tempo convida e desafia a capacidade atenta do espectador.



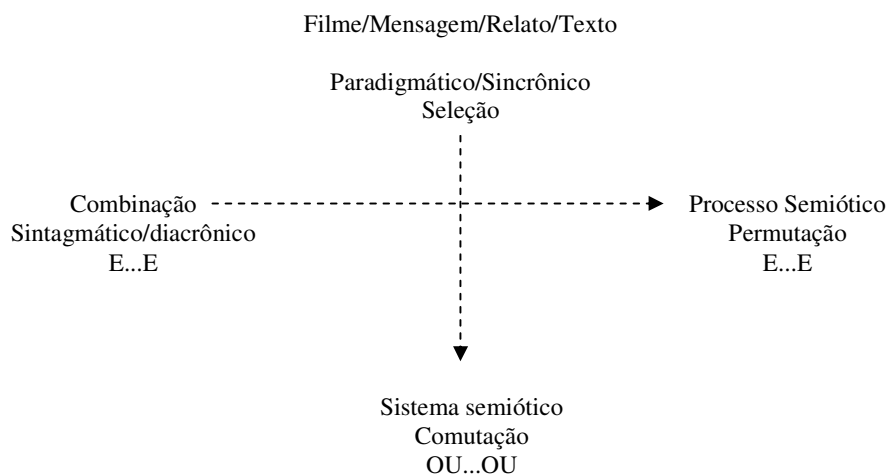


Figura 3: *Superposição de níveis semióticos na percepção da mensagem de um filme*

As características de fusão, coleção, separação, repetição, parte-todo e ligações estão claramente presentes na montagem do filme “i”. Assim, tem-se a fusão de dois homens, que parecem ser um, mas podem ser dois. Eles se separam e se juntam em cenas que se repetem ao longo do curta-metragem, sugerindo situações ambíguas de pertencimento e ligação. De resto, a movimentação sugere perseguição, conflito, dúvida e reconciliação mágica.

### *Participantes*

Assistiram à exibição do curta-metragem, 26 alunos do primeiro semestre da graduação do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Os participantes tinham entre 18 e 40 anos de idade.. Entretanto, diferenças entre sexo e idade não foram aspectos considerados no desenvolvimento do estudo, por se tratar de um experimento exploratório.

### *Procedimentos*

A exibição ocorreu em sala de aula, no segundo semestre de 2007, com a utilização de um projetor multimídia. A audiência recebeu folhas pautadas em branco e canetas esferográficas, sendo convidados para escrever um relato livre sobre o filme. A instrução foi a seguinte: “Assista ao filme que será exibido com o máximo de atenção e após o término do curta-metragem relate livremente o que lhe vier à cabeça”. Não foi

delimitado tempo para a realização da tarefa. À medida que os alunos finalizavam suas produções escritas, dois pesquisadores recolhiam o material e colocavam-no em um envelope lacrado. Vale ressaltar que não foi solicitado aos participantes que se identificassem nas folhas, ficando a cargo dos mesmos a opção de declarar, ou não, seu nome. Foram atendidos os requisitos éticos de consentimento livre e esclarecido



Figura 4. *Cenas do curta-metragem “i” (Zaracla, 2006)*

### *Análise dos dados*

A análise dos dados tem caráter qualitativo, baseado na análise triádica fenomenológica (Gomes, 1998). A análise fenomenológica dos relatos providos pelo filme, constitui-se na sucessão sinérgica de reflexões em dois movimentos: 1) retorno sistemático a diferentes níveis de articulação do que é apreendido; 2) exercício de exploração imaginativa de possibilidades de articulação entre as partes explícitas e implícitas do que é apreendido. Esses movimentos aplicam-se as três etapas clássicas do método: descrição, redução e interpretação (Gomes, 1998).

Inicialmente, o pesquisador valeu-se das citadas prerrogativas fenomenológicas semióticas para a análise dos relatos. Assim, os relatos foram lidos exaustivamente antes da tematização realizada, para posteriormente identificar quesitos como número de palavras, coerência com o estímulo, além da decodificação de mensagens e da manifestação de uma lógica abdutiva. Vinhetas ilustrativas serão explicitadas no decorrer do estudo em prol de tal entendimento.

### Resultados

Os relatos obtidos (Anexo E) trouxeram uma diversidade de visões do filme, resolvidos por meio de paralelismos e metáforas. O menor relato foi de 40 palavras (R4), enquanto o maior foi de 320 palavras (R18). A média de palavras utilizadas nos relatos foi de 142,19. Dois relatos foram escritos em forma de poesia, sendo um deles em língua inglesa. Como era esperado, elementos presentes no filme influenciaram os relatos, mas tomados em contexto de muita liberdade. Os relatos constituíram-se de narrativas mais próximas, mais distantes, ou mesma neutras em relação à sinopse do filme. A convergência dos relatos foi para os elementos centrais: os dois homens supostamente idênticos, correndo pelas ruas da cidade; a confusão entre perseguido e perseguidor; a subida apressada pelas escadas de prédio; o salto certo do topo do prédio sobre o símile, quando os dois se tornaram um. A incorporação ou referência aos elementos centrais foram dispersas, aparecendo relatos voltados a um único elemento ou com uma história alheia aos motivos do filme. De qualquer modo, o filme passou uma mensagem de fuga, de perseguição, de isolamento, de duplicidade, e do reconhecimento das várias partes de si mesmo e da difícil dialogicidade entre elas. Houve relatos que receberam títulos, por exemplo, “O eu e o balão de abelhas”, “O encontro”; “Delira Samuel, delira”; ou “A corrida do caos”.

O filme, enquanto tal, é uma mediação semiótica, isto é, um sistema de

significações (Lanigan, 1997; Martin, 2003). É uma linguagem, um sistema de códigos que leva uma mensagem alcançável por meio da decodificação: a interpretação. Em outras palavras, o filme é uma conjunção entre um sistema de códigos e um sistema de significação. No envio de uma mensagem tem-se de um lado a ciência objetiva dos códigos ou signos, e do outro a fenomenologia do sentido, do que está sendo dito. Têm-se, então, as condições propícias para um estudo fenomenológico semiótico: o estudo de uma intenção que se dirige a decodificação de uma mensagem (Polkinghorne, 1989; van Manen, 1990). A decodificação de uma mensagem constitui-se em uma movimentação seletiva entre o fluxo diacrônico e as permutações entre as sincronias possíveis, produzindo variações interpretativas. Tal articulação permite que se considerem tanto os elementos objetivos dos signos (quantidades), quanto as aplicações subjetivas (qualidades).

Neste estudo, a análise fenomenológica semiótica (Gomes, 1998) concentrou-se no exame dos textos produzidos como a decodificação de uma mensagem e a manifestação de uma lógica abdutiva, a cognição produzida na mente. A lógica abdutiva é um conceito associado às considerações fenomenológicas de Charles Sander Peirce, referindo-se a experiência como uma abertura para o futuro, como a sustentação uma possibilidade (Santaella, 2005). No entanto, a análise seguirá a tradição semiológica de Saussure, como problematizada por Hjelmslev (1961). Louis Hjelmslev (1899-1965), juntamente com Charles Sanders Peirce (1839-1914), Charles William Morris (1901-1979), Ferdinand de Saussure (1857-1913) e Roman Jakobson (1896-1982) constituem o seletivo grupo de autores clássicos da semiótica moderna (Nöth, 1990). A teoria semiótica de Hjelmslev (1961) não foi bem aceita como uma ciência da lingüística, mas tem sido usada com sucesso na descrição do comportamento comunicativo e da lógica abdutiva (Lanigan, 1992).

O relato na forma de texto é uma mensagem em sua completude, isto é, uma manifestação expressiva composta de forma (o que é constante na manifestação), e de substância (o que é variável na manifestação). Desde modo, a análise começou pela descrição compreensiva geral da estrutura dos relatos, para definir o que é constante e o que é variável. Estrutura é aqui definida como a autonomia das relações internas e hierárquicas dos relatos textuais. Em seguida, a análise moveu-se para o exame dos elementos especificadores e diferenciadores das constâncias e das variações, oferecendo uma apreciação qualitativa e quantitativa. Esperava-se identificar as mutações ou transformações entre a mensagem do filme e a interpretação do participante. Por fim, apresenta-se uma interpretação crítica da análise, tendo em vista o propósito da pesquisa: a propriedade do filme como campo multi-estável para o estudo da atenção. O esquema da

análise fenomenológica semiótica está na Figura 5

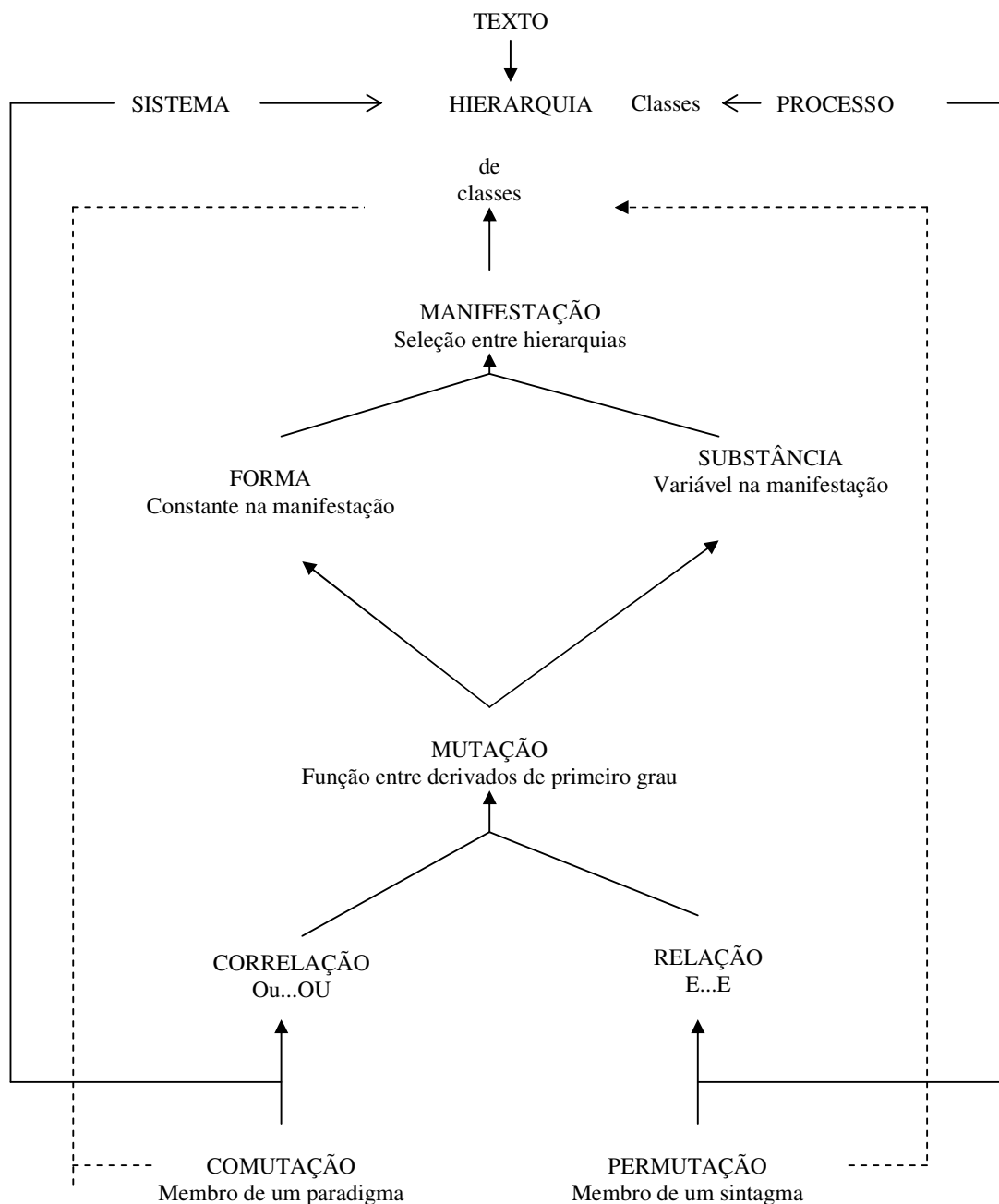


Figura 5. Critério fenomenológico semiótico para especificação dos elementos diferenciadores

#### Descrição

O constante na manifestação no contexto desta pesquisa é a forma textual, sendo a variação os temas abordados ou substâncias. Recorrendo ao recurso fenomenológico da

suspensão, retira-se de foco qualquer preocupação com temas ou substâncias, para se concentrar unicamente na forma. Deriva-se da forma um quadrilátero funcional interligado hierarquicamente: 1) a situação dada pelo contexto do participante, de onde, quando, como, ocorreu a história; 2) os sentimentos que perpassam o relato do participante; 3) a resolução do episódio da pelo participante, e 4) a voz do enunciador do relato atribuída pelos pesquisadores.

Recolocando em foco a variável da manifestação, as quatro constantes formais trazem a descrição da relação entre o participante espectador e o filme, como mostra a Tabela 1. A parte 1 da estrutura expõe a situação contextual no qual ocorre o episódio, podendo assumir um tom grave (fuga, troca de identidades, múltiplos eus, drama das escolhas, caminho da liberdade, dilema) ou um tom ameno (brincadeira de gêmeos, manhã de inverno, ou Wagner o premiado). A demarcação da situação define qual participante rendeu-se ao filme ou manteve distância, preferindo lidar com os momentos que antecederam ao início da aula; com o fato opcional de ter que escrever um texto, ou com o inusitado da situação - “estão tentando me enganar” (R20). A parte 2 ressaltou os sentimentos que perpassavam os relatos. São exemplos, os sentimentos de ameaça, de despersonalização, de algo insuportável, de infelicidade intensa, de ansiedade, de dúvidas, de algo inatingível, de paz além do alcance. Do mesmo, houve o outro lado, como em R7, cujo sentimento era o de estar “esperando”. A parte 3 focalizou a resolução, o desfecho do episódio oferecido pelas narrativas. O filme é ambíguo, acentuando o mistério entre os personagens: era um ou eram dois? O tom trágico esteve presente nas referências ao suicídio, à falta de solução, à morte ou vômito, ou à infelicidade. No entanto, houve outras saídas, como a do sonho que acabava, de continuar o combate, do encontro de si, ou da paz de espírito. Outra possibilidade foi tomar o filme como um convite à reflexão, um momento para refazer o rosto, para saber escolher, ou para perguntar “de quantos prédios precisamos saltar para encontrar o equilíbrio” (R10). Por fim, a parte 4 concentrou-se no levantamento da voz do enunciador para estimar a medida qualitativa de imersão na narrativa, isto é: 1) falar de dentro, na primeira pessoa expondo-se ou envolvendo-se com a história, 2) amenizar a imersão com a primeira pessoa do plural; 3) ou manter a distância fria ou emocionada daquele que observa (terceira pessoa). Retornando a Tabela 1, pode-se observar o movimento sintagmático na horizontal, a relação hierárquica entre as constantes de um relato, e o movimento paradigmático da relação variável entre os relatos.

#### *Elementos especificadores*

Para definir os elementos especificadores voltou-se aos relatos para destacar as

modalidades narrativas em conto, ensaio e crônica. O conto foi definido como forma narrativa, em prosa, de menor extensão que contenha os mesmos componentes de um romance (aventura, suspense, amor, ódio, etc). O ensaio foi definido como considerações críticas, e reflexões morais e filosóficas sobre o episódio. A crônica foi especificada como a visão pessoal do narrador, denotando diálogo direto com o leitor. Essa análise se justifica para examinar o grau de mutação, as transformações ocorridas na decodificação livre da mensagem.

A análise dos elementos especificadores examinou as funções semióticas relacionais (e...e) e correlacionais (ou...ou) entre a modalidade narrativa e o relato. O interesse era verificar a mutação, a transposição para o relato de elementos do filme para estimar as funções relacionais e correlacionais do campo multi-estável na resposta atenta. A permanência foi qualificada como: explícita, implícita ou não permanência. Explícita quando foi constatada a descrição direta de trechos ou da totalidade do filme no relato produzido (e no filme/e no texto); implícita quando a produção escrita denotou similaridades indiretas ou “disfarçadas” com os elementos do enredo do campo multi-estável (e/ou no filme//e/ou no texto); e não permanência nos casos em que não se identificou relação alguma entre o estímulo apresentado e o relato desenvolvido (ou no filme/ou no texto). A seguir, ilustram-se a análise com exemplares de conto, ensaio e crônica.

Conto

Título: *“Uma face e uma fuga”*

*“Saiu apreensivo e nervoso do centro do picadeiro. Caminhou pelo corredor com receio de que ele pulasse de trás da lona. Alguns passos rápidos sob a noite e estava no vagão que fazia às vezes de camarim.*

*Sentou-se a frente do espelho, molhou um lenço e começou a desfazer a máscara de maquiagem. Ao retirar a tira que recobria um olho, teve um relance do outro. Desfez um pouco mais da máscara, e confirmou suas suspeitas.*

*Um instante de inquietação, o coração trotando no peito. O olho no espelho perscrutando-o, interrogando-o. Decidiu-se. Pegou a maquiagem e começou a refazer o rosto. O outro se escondeu sob uma espessa camada de pó-de-arroz.”*

(R12)

Tabela 1. *Descrição sintética da relação entre espectador e filme*

P	Situação	Sentimento	Resolução	Enunciador
1 cr.	Durante a vida travamos-perseguições e fugas de nós mesmos	Há um eu obscuro, ameaçador que atrai, mas que preferimos desconhecer	Descartar ilusões, buscar o real ou tentar o obscuro, mas comprometer nossa existência.	1ª Pessoa Plural; aborda os vários eus e os riscos do conhecimento pleno de si
2 en.	Ir para a rua: fuga	Eu sou a rua, sou tantos que não sou nenhum, Sofrimento	O sonho da rua acaba e tudo volta ao normal	1ª Pessoa Singular, usa elementos do filme e se coloca nele
3 co.	Wagner o premiado Cria um personagem e conta a história		Wagner suicida-se	3ª Pessoa, História paralela, em cima do elemento do filme: jogou-se do prédio
4 en.	Um filme com perseguição de personagens		Joga-se do prédio, estatelando-se no chão	3ª Pessoa, Faz um paralelo com o filme “Os infiltrados”
5 en.	Vontade de isolamento Fuga de nós mesmo.	A insuportável visão do que às vezes somos, como se bastasse fugir para resolver	Não há solução, talvez aceitar os vários que somos	1ª Pessoa Plural; destaca a importância dos vários para que possa ser um
6 co.	Correr, fugir dos sentimentos.	A paz além do alcance	Infelicidade intensa, como sempre foi e sempre será	3ª Pessoa Descreve uma cena
7 co.	Manhã de inverno: ela sentada perto da janela, tomando café com pães de queijo,	Esperando	Olhando, refletindo [em aberto]	3ª Pessoa, Descreve uma cena, vaga, parece não se resolver
8 en.	Um texto para escrever depois de assistir ao filme “i”	Preocupação em como escrever o texto	Um dos textos mais delirantes que já escreveu	1ª Pessoa; Reflete sobre a tarefa de escrever um texto
9 en.	Há coisas em nós que doem, que nos envergonham	Vida é desagradável se aceita sem fuga, cheira mal.	A corrida só acaba de duas maneiras: morte ou vômito	1ª Pessoa no plural
10 en.	Alguém que foge do próprio desejo ou do que esperam dele	Volúvel: entre fazer o que quer e o que os outros querem	De quantos prédios precisamos saltar para encontrar o equilíbrio?	3ª Pessoa Reflexivo, trabalha com elementos do filme
11 co.	O mendigo era eu	“Olhava para mim mesma”, sensação de ser igual a mendigo	Uma pessoa querendo sobreviver sem superioridade	1ª Pessoa Inclusão de personagem,
12 co.	Uma face, uma fuga. Um picadeiro e o circo	Sair do picadeiro, apreensão, nervosismo, inquietação, desfazer a máscara	Decidiu-se. Pegou a maquiagem e começou a refazer o rosto. .	3ª Pessoa, texto bem articulado e metafórico. Um conto.
13 co.	Gêmeos brincando, divertindo-se e competindo	Ganhar	Encontro em família, onde os gêmeos se encontram com a avó, confraternização	3ª Pessoa, dá nome aos dois personagens, na verdade irmãos gêmeos.



14	co.				Não fala sobre o filme. A narrativa é sobre a tarde daquela quarta-feira, antes da aula
15	co.	Tomada de decisão	Dilema: ir ou não ir.	Não vai, prefere ficar.	3ª Pessoa – baseia-se na duplicação de personagem: os dois Ricardos
16	en.	Doença da pressa, corrida do caos.	Correr atrás de si mesmo, buscando um novo olhar.	Continuar combatendo em busca de anseios de si mesmo: ansiedade, medo, solidão.	1ª Pessoa, Coloca-se dentro do filme “corro atrás de mim mesmo.”
17	en.	Fuga da consciência: Estar acompanhado, mesmo que sozinho.	Sempre diante de decisões	Decisão correta, mesmo que pareça errada é sempre melhor	3ª plural; Reflexão sobre tomada de decisão
18	co.	Pelas ruas de Porto Alegre um homem foge de si mesmo, perseguido pelo próprio medo	A constituição do duplo. “Medo de ser, de não ser”. Avança contra si, com ódio...	Encontro com o inverso de si.	3ª Pessoa Toma o mal-estar da corrida do personagem do filme, como o mal-estar dos tempos atuais.
19	cr.	Idéia do processo da formação de identidade.	Fuga de nós mesmos, das dúvidas, das incertezas.	Quando se vai contra o que é, acaba se descobrindo.	1ª Pessoa Reflexão sobre a vida.
20	cr.	“Um cara pode perseguir ele mesmo.”	Não sou bobo. Estarão tentando me enganar? Tenho que contar uma história?	Experiência de impessoalidade.	1ª Pessoa Desconfiança em relação ao pedido de escrever sobre o filme. O que vão pensar de mim?
21	cr.	O próprio filme.	Os múltiplos eus, papéis que assumimos na sociedade e seus conflitos.	Se o homem se encontrasse, aí sim, poderia agir sobre o mundo e não o mundo sobre ele.	3ª Pessoa Atém-se ao enredo do filme.
22	cr.	Confronto entre os eus, partes em conflito.	Perseguição, morte.	Ambivalente: uma das partes parece ter deixado de existir ou o sujeito sempre foi único.	3ª Pessoa, Expectador
23	en.	“O poder de escolha”	“O drama das escolhas” Sofrer com decidir é melhor	“Como é bom escolher”	3ª Pessoa Reflexão sobre o paradoxo da escolha
24	co.	Um homem indeciso.	Perseguição, fuga de si, cansaço de dúvidas sobre si.	Comete suicídio, jogando-se do prédio.	3ª Pessoa “Tudo não passou de um sonho.”
25	ot.	Aprendendo a andar em uma bicicleta que terá asas	Alcançar o intangível.	Paz de espírito é o caminho da liberdade.	3ª Pessoa, Escreve uma fábula em inglês
26	ot.	Unindo as partes de si	Dúvidas, questionamentos, insistência	As corridas da vida levam ao encontro de si de onde não se pode fugir	1ª Pessoa Escreve em versos, como se fosse um soneto

\* Conto = co; ensaio = en; crônica = cr; outros = ot.

O relato foi classificado como conto, com permanência implícita do campo multi-estável apresentado, em razão da temática do texto abordar não estritamente o enredo do filme. Neste caso o estímulo foi representado textualmente sob a égide da criatividade do autor. Dentre as variações temáticas identificadas, observaram-se: multiplicidade do self (“teve um relance do outro, O outro se escondeu...”); movimento (“Caminhou pelo corredor com receio..., Alguns passos rápidos...”); conflito (“Um instante de inquietação, o coração trotando no peito.”); e resolução (“Decidiu-se. Pegou a maquiagem e começou a refazer o rosto.”).

#### Ensaio

*“Muitas vezes durante a vida temos vontade de isolamento ou de fugir de nós mesmos. Fuga desenfreada. Nossa própria visão, a visão de quem somos e como somos às vezes é insuportável. Como se bastasse correr muito. Correr no ritmo mais veloz possível, mais veloz que nosso eu, como que para deixá-lo para trás. Só que sem sucesso. Como mágica, ilusão, nos deparamos de novo com nossa imagem. Não esconderijo suficientemente seguro, lugar suficientemente distante de nós mesmos. A sombra de nosso duplo nos ameaça e nos vai ameaçar sempre que tentarmos enganá-lo. Solução não sei se existe, mas incorporar nosso duplo ao invés de negá-lo, pode ser a forma mais leve, porém não a mais fácil, de viver com ele. Todos temos vários dentro de nós. E cada um desses vários é vital para podermos ser um. Aceitar os vários é o caminho para se chegar ao pleno”. (R5)*

Esse relato foi considerado como ensaio, com permanência implícita do campo multi-estável. O estímulo deu vazão a divagações existenciais que levaram o autor a uma trajetória narrativa que culminou com uma resolução dogmática. Dentre as variações observadas destacam-se: multiplicidade do self (“A sombra de nosso duplo...; Todos temos vários dentro de nós.”), movimento (“Correr no ritmo mais veloz possível...; ...para deixá-lo para trás”), conflito (“...como somos às vezes é insuportável.; ...nos vai ameaçar sempre que tentarmos enganá-lo.”) e resolução (“Aceitar os vários é o caminho para se chegar ao pleno”). Por fim apresenta-se um exemplar da crônica.

#### Crônica

*“O filme parece ser o confronto entre os “eus” de uma mesma pessoa, parece uma luta em que os oponentes são, na realidade, o mesmo. No momento em que o sujeito sai do táxi, ele se vê duplicado, provavelmente partes dele em conflito, iniciando-se aí uma perseguição que visa a “morte” de uma dessas partes. No momento em que se finaliza essa ação, o sujeito volta a ser único – deixando ao entender do observador se uma das partes realmente deixou de existir ou se o*

*sujeito sempre foi único.” (R22)*

O relato foi classificado como crônica, com permanência explícita do campo multi-estável apresentado. O texto produzido parece ter sido embasado na ambigüidade suscitada pelo estímulo, embora seja eminentemente de caráter descrito com impressões pontuais manifestas. O resultado é uma resolução dúbia, que isenta o autor de responsabilidade interpretativa. Dentre as variações temáticas identificadas, salienta-se: multiplicidade de self (“...confronto entre os “eus”...; o sujeito volta a ser único”), movimento (“...o sujeito sai do táxi, ...inicia-se uma perseguição”), conflito (“...uma luta em que os oponentes, ...parte dele em conflito”), e resolução (“deixando ao entender do observador se uma das partes realmente deixou de existir ou se o sujeito sempre foi único”).

Como foi dito acima, a fenomenologia semiótica caracteriza-se como um método que trata da *intensão* humana (não confundir com intenção, que se refere ao foco da atenção), isto é, o modo de compreender e de perceber; e da extensão humana, isto é, o modo de manifestar e de expressar. A relação entre compreender e manifestar, entre perceber e expressar constitui a reversibilidade sistêmica comunicativa, na qual se produzem sentidos e se interpreta ou reinterpreta o que é posto (Gomes, 1998). Essa relação passa pela objetividade da mediação semiótica. Assim, é possível apontar relações objetivas entre os textos e as modalidades narrativas. O número de produções textuais classificadas como contos foi similar a quantidade de permanência do estímulo caracterizada como implícita nos relatos (10 contos para 11 permanências implícitas). Pode-se inferir que pelo conto ser qualificado como uma modalidade narrativa descritiva – tendo como recurso de prosódia a formação de um enredo com início, meio e fim – é possível que os participantes do experimento tenham desenvolvido histórias ficcionais estimuladas pela interação entre a apresentação do curta-metragem e fatores inerentes a seu padrão criativo. Ou seja, seguiram o estímulo eliciado pelo filme, mas com variações pontuais no momento em que optaram por escrever seus relatos através do enredo de um conto.

A mesma lógica se deu através da comparação da produção de ensaios com a permanência explícita do estímulo. Sabe-se que o ensaio, como construção literária, tem como característica a presença de elementos mundanos na busca de soluções para a problemática apresentada pelo autor. O número de ensaios produzidos foi diretamente proporcional à permanência explícita do estímulo nas produções textuais (9 ensaios para 9 permanências explícitas), visto que para amparar seus relatos nessa modalidade narrativa, os participantes necessitaram da expressão de aspectos literais contidos no curta-metragem.

A produção de crônicas e a não permanência do estímulo dentro do corpo dos

relatos também pode ter sido guiada pela estrutura da narrativa (5 crônicas para 4 não permanência). Isso porque a crônica evidencia posicionamentos pessoais do autor no momento em que este procura dirigir-se diretamente ao leitor. Não necessariamente aspectos evidenciados pelo filme precisavam estar descritos nos relatos abrangidos por essa modalidade. O que parece ter ocorrido nesses casos é que o estímulo providenciou ferramentas para a abertura de discussões mais amplas do que simples contextualizações do filme. Sendo assim, supõe-se que o curta-metragem foi desencadeador de problemáticas de ordem diversas, as quais foram adaptadas a uma rede complexa de estilos cognitivos e expressivos de cada participante.

Tabela 2. *Identificação das modalidades narrativas dos relatos*

Modalidades Narrativas	Relatos	Total
Conto	R3, R6, R7, R11, R12, R13, R14, R15, R18, R24	10
Ensaio	R2, R4, R5, R8, R9, R10, R16, R17, R23,	9
Crônica	R1, R19, R20, R21, R22,	5
Outras	R25, R26	2
Total		26

### *Interpretação crítica*

Os relatos foram obtidos em uma situação de sala de aula, por equipe vinculada à disciplina, embora haja sido explicitado que os textos produzidos não seriam avaliados formalmente dentro da disciplina. Seriam considerados como participação voluntária e colaborativa à realização de uma pesquisa. A disciplina do horário no qual foi exibido o filme abrangia em seu conteúdo programático as interações entre filosofia e psicologia. Dessa forma, entende-se que os participantes espectadores podem ter vinculado a expressividade literária inerente aos textos filosóficos à sua própria corrente de pensamento e sua subsequente produção escrita.

Os textos produzidos abordaram explícita ou implicitamente as agruras dos tempos contemporâneos. Questionamentos sobre dilemas de identidade ou da dialogicidade entre os múltiplos eus podem ser compatíveis com o período de vida dos participantes. Isso porque, como alunos de primeiro semestre, - com apenas duas exceções - os estudantes de

18 ou 19 anos estavam deixando a adolescência para ingressar na vida adulta. Os conflitos inerentes a esse período do desenvolvimento são caracterizados por questões de identidade, dificuldades de alocação no mundo, e imposições sociais para a integração produtiva ao meio. Portanto, não é espantoso que os textos se associem tão claramente com o enredo do filme.

Como o filme não incluía diálogos entre personagens, houve maior espaço para a produção livre nos textos dos participantes. A falta de uma imposição concreta, tanto para a delimitação das reais intenções das personagens quanto à orientação livre para a realização da tarefa pelos pesquisadores, proporcionou que os mais diversos aspectos da expressão criativa dos participantes fossem materializados. Os relatos desenvolvidos elucidaram que o estímulo eliciado, constituinte de um campo multi-estável na forma de curta-metragem, foi profícuo para obtenção de manifestações projetivas dos participantes, que se constituíram relevantes dados de pesquisa fenomenológica.

#### Discussão e Conclusões

A reação a um campo multi-estável em um contexto livre de resposta desponta como atributo interdependente entre estímulo (extensão humana) e relato (intenção humana). Cabe indagar se tal interdependência existiria também em contextos experimentais limitados por escolhas de respostas pré-definidas. Em um experimento de fenomenologia, conhecido como *The Alien-Hand Experiment* - TAHE (Nielsen, 1963; Sorensen, 2005), tal inerência reativa pode ser claramente vislumbrada à medida que o juízo perceptivo dos participantes do estudo funde-se com a própria racionalização de suas ações.

Conclui-se que os resultados obtidos por meio da análise dos relatos mostraram-se animadores, pois os participantes do experimento não foram induzidos a responder questões fechadas em um ambiente controlado. Dessa forma, as situações criadas proporcionaram expressões humanas onde aspectos psicológicos podem ser avaliados de diferentes modos. Do ponto de vista da pesquisa, estava definido um campo multi-estável que poderia ser utilizado no estudo da atenção, na perspectiva da fenomenologia experimental. No entanto, faltava uma constante para ser tomada como parâmetro comparativo na flutuação da decodificação do campo multi-estável. Essa constante foi identificada pela pesquisadora Amanda DaSilveira, durante as muitas observações do filme pela equipe de pesquisa do Laboratório de Fenomenologia Experimental e Cognição. Para a nossa surpresa, DaSilveira identificou várias situações em que os dois personagens do

filme apareciam simultaneamente na mesma cena. Tínhamos então a constante que serviria de parâmetro com outras medidas de atenção, como será descrito nos próximos estudos.

## ESTUDO 2

### DESENVOLVIMENTO E CONSTRUÇÃO DO QUESTIONÁRIO ROSEMBERG DE ATENÇÃO

O Questionário Rosemberg de Atenção foi desenvolvido por pesquisadores no âmbito do Laboratório de Fenomenologia e Psicologia Experimental – Instituto de Psicologia – da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Os itens foram formulados com base em diferentes modelos de atenção propostos a partir de 1950, e da concepção de Merleau-Ponty acerca do fenômeno da atenção em 1945. O objetivo do questionário foi levantar dados de primeira e de terceira pessoa que pudessem traçar perfis atentos: atenção concentrada, atenção dividida, mobilidade do foco atetivo, presença de distratores, e *priming* (pista atensiva). O interesse era compreender o posicionamento dos participantes em relação às suas próprias percepções dos hábitos, sucessos e fracassos em tarefas ativas. Os itens evocavam situações cotidianas que demandavam atenção. A expectativa de pesquisa era que o questionário permitisse a comparação entre o desempenho atetivo de um indivíduo nas diferentes tarefas do experimento e a auto-avaliação dele sobre a própria atenção. O questionário seria um exercício de a atenção retornar para si mesma.

#### Método

##### *Questionário Rosemberg de Atenção*

O questionário (Anexo A) foi elaborado com o auxílio de três pesquisadores, os quais avaliaram a coerência dos itens em correspondência aos modelos tradicionais de atenção. Inicialmente, foram desenvolvidos 22 itens. Devido à ambivalência sintática e a especificação pormenorizada da apropriação do fenômeno, a qual levaria a uma especificidade demasiada de determinados itens, excluíram-se 8 assertivas para a formatação do questionário definitivo de modo amplo. Na forma final, o questionário foi composto por 14 itens, como exemplificado a seguir: Tenho habilidade para ler a qualquer hora e em qualquer ambiente; Quando me deparo com uma situação de emergência toda minha atenção é voltada para tal acontecimento; No momento em que me deparo com algo muito esperado os detalhes inerentes a essa situação parecem ser ampliados; Frio ou calor demasiado prejudica o meu desempenho em certas tarefas. Para as respostas, utilizou-se uma escala *Likert* de cinco itens (1 = discordo totalmente; 5 = concordo plenamente).

### *Participantes*

Responderam ao Questionário Rosemberg de Atenção 140 estudantes de graduação e de duas universidades, uma pública e uma privada (Universidade Federal do Rio Grande do Sul e Universidade Luterana do Brasil). Também foram incluídos estudantes de pós-graduação da UFRGS. O número de participantes atendeu à verificação exaustiva da consistência dos itens de uma escala para a realização de análise fatorial (Pasquali, 2003). Os participantes foram estudantes do curso de psicologia, sendo 96 mulheres e 44 homens ( $n = 140$ ). Não foram consideradas para essa análise as diferenças de idade, e sexo.

### *Procedimentos*

Os participantes responderam ao questionário durante períodos regulares de aula. A duração média de aplicação do questionário foi de quinze minutos. Na medida em que os participantes terminavam a tarefa proposta, os questionários eram recolhidos pelo pesquisador e guardados em um envelope lacrado para posterior análise. Foram atendidos os requisitos éticos do termo de consentimento livre e esclarecido.

### *Análise dos dados*

As análises estatísticas descritivas foram realizadas através da submissão dos dados ao pacote de análises estatísticas *SPPS 13.0 for Windows*. Foram realizadas análises visando a obtenção de distribuições fatoriais, valores de alfa de Cronbach, variância, média e desvio padrão.

## Resultados e Conclusões

Os escores obtidos no Questionário Rosemberg de Atenção constituem uma pontuação geral para a autopercepção quanto à atenção dirigida. Para se obter uma pontuação geral positiva quanto à atenção, os itens negativos (7, 8, 9, 10, 11 e 12) foram revertidos. Por exemplo, se o participante respondeu à questão 7 “não consigo assistir a um filme e comentar o mesmo simultaneamente” com “discordo totalmente = 1”, a pontuação foi estabelecida como “concordo plenamente = 5”, para a assertiva compreendida como “consigo assistir a um filme e comentar o mesmo simultaneamente”. Deste modo foi possível chegar a uma classificação elucidativa quanto a autopercepção dos participantes.



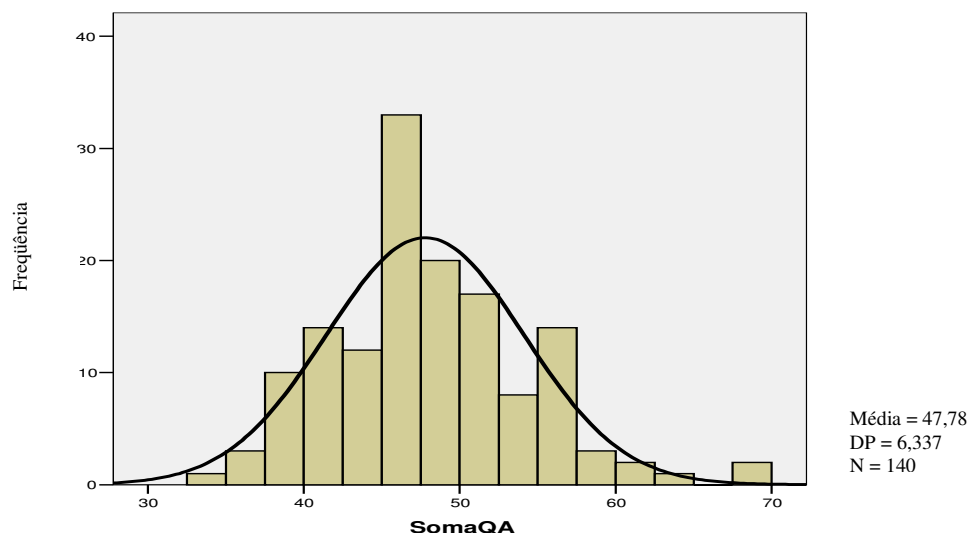


Figura 6. Curva de distribuição de escores brutos do Questionário Rosenberg de Atenção

O escore médio para a autopercepção da atenção foi de 47,78 (DP = 6,33), sendo a maior pontuação 70 e a menor 34. O coeficiente Cronbach alfa foi de 0,60. A Figura 6 mostra a distribuição dos escores brutos no questionário e a Figura 7 mostra os escores brutos transformados em percentis, para efeito de comparação com outros instrumentos desta pesquisa. A Tabela 3 mostra a distribuição da autopercepção da atenção, com base nos percentis, para destacar a proximidade com a curva normal. A seguir os dados foram submetidos a uma análise fatorial. Cinco fatores obtiveram *eignevalues* maiores que 1,0 respondendo, sendo submetidos à rotação pelo método Varimax com normalização Kaiser. A solução dos cinco fatores obtidos é apresentado na Tabela 6.

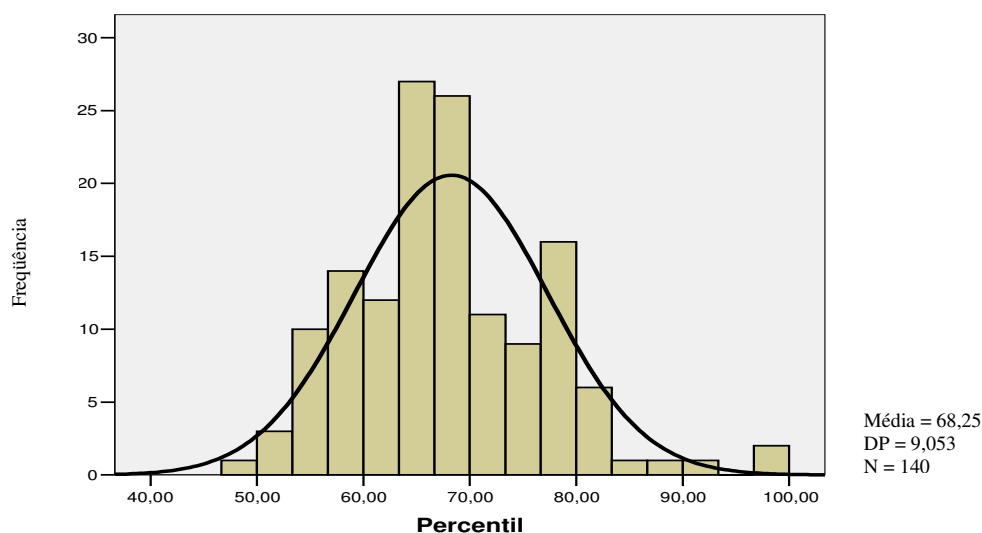


Figura 7. Curva de distribuição de escores na forma de percentis do QRA

Tabela 3. *Percentil no Questionário Rosemberg de Atenção*

Classificação	Inferior	Médio Inferior	Médio	Médio Superior	Superior	
Percentis	50,14	59,29	68,25	77,30	86,36	
Scores Brutos	1	19	53	45	18	4
%	0,71	13,57	37,85	32,14	12,85	2,85

A configuração inicial do questionário, quanto aos aspectos da atenção investigados, apareceu claramente na análise fatorial, como mostra a Tabela 4. Os itens se agruparam como esperado. As cargas dos fatores foram satisfatórias, com exceção do item 9, (“Ao deixar de fazer algo importante não consigo me divertir plenamente”). A carga do item foi de 0,354. A Tabela 5 traz as variâncias e alfa de Cronbach dos cinco fatores. Interpretou-se que o fator 1 significa que o participante acredita ter um bom nível de atenção concentrada, ou seja, consegue manter seu foco atento até a resolução da tarefa. O fator 2 é embasado na crença de que o sujeito consegue realizar duas ou mais atividades simultaneamente sem o prejuízo de nenhuma delas. O fator 3 tem relação com a possibilidade de o foco atento ser direcionado para o local onde se deseja capturar um estímulo, por livre e espontânea vontade. O fator 4 qualificou a atenção como sendo perturbada por distratores endógenos e/ou exógenos. Por fim, o fator 5 indicou que se ocorre uma ativação inicial antes do recebimento do estímulo a função atenta é amplificada. Os itens agruparam como esperado, ressaltando a condição multifatorial da atenção. Tentativas de forçar a redução de componentes principais não se mostraram adequadas, com os fatores 4 e 5 se mostrando resistente a qualquer outro agrupamento, o que reafirma condição multifatorial para a auto-avaliação geral da atenção.

Tabela 4. *Análise Fatorial gerada a partir do Questionário Rosemberg de Atenção*

Itens	Fatores				
	1	2	3	4	5
Q3	<b>,697</b>	,001	,203	-,118	,113
Q7*	<b>,685</b>	-,047	,145	,031	,084
Q8*	<b>,579</b>	,308	-,004	,077	-,363
Q9*	,354	,115	,145	,239	-,254
Q12*	,158	<b>,770</b>	-,284	,108	,070
Q2	,239	<b>,715</b>	,187	-,094	-,014
Q11*	,036	<b>,574</b>	,286	,132	-,187
Q1	,101	-,045	<b>,694</b>	,019	,226
Q4	-,331	,033	<b>,633</b>	-,150	,295
Q10*	,237	,257	<b>,594</b>	,090	-,110
Q13	,094	,073	-,076	<b>,841</b>	,089
Q14	-,086	-,080	,167	<b>,821</b>	,004
Q6	,323	,093	-,033	,112	<b>,717</b>
Q5	-,209	,254	-,047	,029	<b>,688</b>

Nota - \* Item foi revertido anteriormente à análise

Tabela 5. *Cinco fatores obtidos a partir de análise fatorial e alfa de Cronbach*

Fatores	Variância	Itens	Alfa de Cronbach
1. Atenção concentrada	18,143%	03, 07, 08	0,53
2. Atenção dividida	12,913%	12, 02, 11	0,53
3 Foco atento	10,706%	01, 04, 10	0,47
4. Perturbação da atenção por distratores	7,962%	13, 14	0,63
5. <i>Priming</i> e atenção	7,674%	06, 05	0,43

### ESTUDO 3

#### ATENÇÃO A CAMPO MULTI-ESTÁVEL: UM EXPERIMENTO FENOMENOLÓGICO

Como indicado no Estudo 1, entende-se por campo multi-estável uma figura ambígua e reversível, permitindo a visualização de diferentes objetos que surgem e esvaecem, de acordo com o ponto focal no qual se fixa a atenção. Neste estudo, apresenta-se como campo multi-estável uma seqüência de imagens e sons (um filme de curta-metragem), composta por um esquema de ancoragem objetiva e mensurável, e por uma estrutura visual narrativa acelerada e com forte carga emocional. O filme não contém monólogos ou diálogos. A estimulação presta-se para a atenção focal a situações objetivas que se repetem, mas também dá liberdade para diferentes compreensões e interpretações. Clauser e Croff (1999) mostraram que o movimento entre unidade e multiplicidade na formação de conceitos para esquema de imagens não ocorre de modo isolado, mas no contexto cognitivo de quem o percebe. A introdução de material passível à reação emocional redefine a relação entre o estímulo e o percebedor, incluindo a reflexão no processo atento. Por conseguinte, oferece-se uma alternativa experimental, com controle e rigor compatíveis às condições de estimulação e de recepção. Não se esvazia o estímulo de significado e nem retira o participante das condições ecológicas, a presença manifesta de uma consciência corpórea e situada. Deste modo, o estudo assume uma abordagem cognitiva que valoriza os dados de terceira e de primeira pessoa, na qual o participante determina a sua própria meta atenta, resolvendo assim a lacuna apontada nos estudos de atenção (Vermersch, 2004).

O termo fenomenologia experimental está fortemente associado à tradição da Escola de Graz, um dos movimentos pioneiros no desenvolvimento da psicologia como ciência nos finais do século XIX. A Escola de Psicologia de Graz é conhecida como precursora da Psicologia Gestalt, desenvolvida em Berlin nos inícios do século XX. Vittorio Benussi (1878-1927), um italiano formado pela escola de Graz, levou a tradição de pesquisa e o termo fenomenologia experimental para o seu país, para definir o método utilizado nas pesquisas sobre percepção (Sinico, 2003). Na Itália, a fenomenologia experimental na tradição da Psicologia Gestalt continua sendo utilizada em estudos de percepção e de estética. Contudo, a notoriedade do termo veio com os estudos de Albert Michotte (1881-1965) sobre percepção de causalidade (Thines, Costall & Butterworth, 1981).

Na presente pesquisa a concepção de fenomenologia experimental decorre da

influência da fenomenologia de Edmund Husserl (1859-1938), como interpretado por Don Ihde, ex-professor de filosofia da Southern Illinois University, transferindo-se posteriormente para a Universidade de Stony Brook no Estado de Nova York, onde é professor emérito. A proposta de Ihde (1977) partiu de uma pretensão modesta de desenvolver um pequeno manual para orientar a utilização do método fenomenológico em pesquisa. No entanto, a clareza da exposição e a força dos exemplos apontam para recursos metodológicos promissores, ainda pouco explorados na literatura fenomenológica. Ihde reafirma a fenomenologia como um método empírico radical, empenhado em abranger e considerar o conjunto momentâneo da ocorrência e da tomada de consciência de um dado fenômeno. Por conseguinte, os experimentos são conduzidos de acordo com um conjunto bem articulado de controles e métodos. A abordagem toma a fenomenologia como uma metodologia científica, radicalmente empírica, incluindo as condições externas (fontes da experiência) e internas (modos de consciência) presentes na ocorrência do fenômeno.

Nos últimos capítulos do seu livro *Fenomenologia Experimental*, Ihde (1977) aborda o emprego do método em pesquisas nas ciências naturais, nas humanas, e nas artes. A argumentação sustenta-se na função mediadora da intencionalidade, a correlação entre consciência e experiência. Em ciências humanas como a antropologia, a sociologia e alguns segmentos da psicologia, a intencionalidade é não mediada. Nestes casos a análise se concentra no ato noético, que é a apreensão direta do fenômeno. Nas ciências naturais, a intencionalidade é mediada por instrumentos, estando a análise atenta ao ato noético e a instrumentação intermediária. A mediação por instrumentos é uma forma de amplificação da intencionalidade, dando acesso experiencial a realidades não aparentes de outro modo. Considerando que o movimento entre noema (objeto dado à percepção) e noesis (percepção dirigida ao objeto) ocorre por meio de signos, aspectos semióticos da percepção e expressão da mensagem serão considerados.

Como argumentado na Introdução, a fenomenologia experimental apresenta-se, no presente estudo, não como uma oposição à psicologia experimental, mas como um aliado no incremento da apreensão refinada e abrangente do movimento atento. A psicologia experimental mostrou que se escolhem os estímulos aos quais se presta atenção antes mesmo do processamento de suas características básicas (Broabent, 1958/1964). A localização do estímulo decorre de fatores externos ou internos (Banks & Prinzmetal, 1976), mas a seleção focal é baseada nos âmbitos de resposta ou decisão (Norman, 1968). A tomada de consciência é alimentada pelo situacionamento espacial e pelas propriedades do objeto (Iani et al., 2001; Vecerra & Farah, 1994). O problema é que nada é informado sobre o situacionamento espaço-temporal do percebido: o participante do experimento é

invariavelmente instruído a prestar atenção em algum estímulo determinado por outro que não ele; o período de seqüências entre tentativas é distribuído independente de seu próprio padrão atento; o significado do estímulo apresentado é pobre ou vazio para o sujeito; e o experimentador não consegue mobilizar respostas emotivas que atuam corriqueiramente nas demandas cotidianas da atenção.

O objetivo do estudo foi descrever e medir o desempenho para tarefas ativas simultaneamente providas e desprovidas de significado [e...e], emparelhando condições externas (oferecimento do objeto de atenção, utilização de instrução padronizada, e inclusão de um distrator) e internas (oferecimento de um objeto com apelo emotivo, capaz de atrair para si a atenção do percebido, e passível de variações interpretativas). As mesmas tarefas foram apresentadas a dois grupos, sendo que para um grupo foi incluída uma tarefa distratora. O interesse foi comparar a interferência da atenção focal em um aspecto molecular desprovido de interesse para o percebido (inclusão de um distrator), na compreensão molar da mensagem visual apresentada. Esperava-se que os resultados das condições externas (detalhes moleculares) fossem comparáveis aos achados já obtidos pela observação de terceira pessoa (psicologia experimental). Nestas condições, haveria diferenciação entre os participantes na acurácia ao padrão atento determinado. Esses resultados deveriam se correlacionar com medidas já existentes. Em contraste, esperava-se que os resultados das condições internas se agrupassem em ordem distinta, independente do sucesso obtido para as condições externas ou moleculares. Por ordem distinta se entende as interpretações livres enquanto variação perceptual e molar na decodificação da mensagem do filme, a relação qualitativa entre a descrição e a interpretação da mensagem. Neste sentido, a decodificação poderia ser coerente ou incoerente com a estimulação apresentada no campo multi-estável.

## Método

### *Participantes*

A amostra foi composta por 22 estudantes de pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sendo quatro homens e 18 mulheres, entre 24 e 40 anos de idade, que não apresentaram prejuízos visuais ou auditivos não corrigidos e auto-relatados.

### *Instrumentos*

Foram utilizados três instrumentos: 1) Teste de Atenção Concentrada (Cambraia,

2003); 2) Questionário Rosemberg de Atenção, conforme descrição apresentada no Estudo 2; e 3) A Exibição do curta-metragem “i”, material descrito no Estudo 1. O Teste de Atenção Concentrada foi criado por Suzy Cambraia, tendo como data da primeira publicação o ano de 1967. Foi desenvolvido para retestar os candidatos que já haviam sido submetidos ao teste de Toulouse-Pieron, sendo essa à época o único instrumento disponível no Brasil. Depois de experimentações iniciais, Cambraia (2003) selecionou um símbolo para ser utilizado como estímulo: um triângulo estilizado, formando uma ponta de uma flecha, que pode estar dirigida para as quatro posições básicas (cima, baixo, esquerda ou direita). Além da orientação espacial foi introduzida outra variação: a seta pode ser inteiramente preta, branca na parte interna com um contorno preto ou branca com um ponto negro no centro, permitindo um total de 12 combinações diferentes. Das doze combinações possíveis foram escolhidas três, mediante sorteio, para servirem de modelos a serem cancelados, as quais aparecem no topo da folha de resposta, inseridas em um triângulo pequeno a fim de se sobressaírem. A face da folha de aplicação é um exemplo para o aquecimento-treino dos participantes. O verso da folha contém a prova propriamente dita, consistindo em 21 linhas, cada qual com 21 símbolos. Em cada linha horizontal devem ser cancelados sempre sete símbolos, que constituem um terço do total da linha. No alto da folha se encontra o retângulo com os três estímulos a serem cancelados para que o examinando não necessite decorar os estímulos nem precise virar a folha para a confirmação dos modelos. Ainda, no canto superior direito, existe um espaço para que sejam anotadas as variáveis importantes do teste: acertos, erros, omissões, total de pontos e percentil. A localização dos símbolos a serem cancelados foi inteiramente sorteada ao acaso, uma a uma. Tal procedimento foi adotado para se evitar que houvesse uma ordem na localização dos estímulos a serem cancelados ou mesmo a repetição de linhas, o que ocorre em outras provas, podendo facilitar para alguns examinandos a visualização da forma em que os acertos se encontram colocados em cada linha, o que compromete o resultado do teste. O tempo de aplicação foi fixado em 5 minutos. A validade do teste foi determinada através do procedimento de validade simultânea. Essa análise correlaciona os resultados obtidos pelos mesmos sujeitos com um teste semelhante já padronizado, validado e que mede o mesmo construto. Os resultados das pesquisas de validade apresentadas foram referentes aos anos de 1999, 2001, além da pesquisa original, de 1967 (Cambraia, 2003). As instruções aos participantes foram dadas estritamente segundo as delimitações expostas segundo o manual do instrumento. O teste é amplamente aplicado em psicotécnicos para motoristas e em processos de seleção de pessoal para diferentes cargos dentro de empresas privadas (Noronha, Sisto, Bartholomeu, Lamounier & Rueda,

2006; Pereira, Primi & Cobêro, 2003). Neste presente experimento o teste fornecerá a base de comparação dos níveis de atenção concentrada com os demais instrumentos.

### *Procedimentos*

A aplicação dos instrumentos se deu na seguinte ordem: 1) Teste de Atenção Concentrada (Teste AC/2003); 2) Questionário Rosemberg de Atenção; e 3) Exibição do curta-metragem “i” (Zaracla, 2006). A aplicação do Teste de Atenção Concentrada e do Questionário Rosemberg de Atenção foi comum a todos os participantes. No entanto, para a exibição do filme, os participantes constituíram dois grupos aleatórios de igual tamanho, cada qual recebendo instruções distintas. Para o grupo I, a orientação se deu da seguinte forma: “Assista atentamente ao filme que será exibido a seguir, do começo ao fim, pois logo após a exibição você responderá por escrito a duas perguntas sobre o enredo, a história do filme.” Para o grupo II, além das duas perguntas sobre o enredo, os participantes tiveram que responder a uma dupla tarefa, que consistiu na contagem de quantas vezes o protagonista aparecia duplicado na tomada de cena. Ou seja, verificar o número de oportunidades em que a personagem aparecia como se fosse dois. A instrução foi a seguinte: “Assista atentamente ao filme que será exibido a seguir, do começo ao fim, contando quantas vezes o protagonista aparecerá duplicado em cena. Após a exibição do curta-metragem, você terá de saber o número exato de vezes que o protagonista aparece duplicado, pois a informação será necessária para responder, por escrito, à duas perguntas sobre o enredo, a história do filme.” As perguntas avaliadas foram: 1) Qual a história do filme “i”? 2) Qual a mensagem do curta-metragem? Os participantes foram providos de folhas de respostas para a efetuação da tarefa. Para o grupo II, perguntou-se também o número de vezes que o protagonista apareceu duplicado em cena.

Os instrumentos foram aplicados de forma coletiva, em uma sala de aula, nas dependências do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. A aplicação teve duração de 30 minutos para ambos os grupos, com exceção do Teste de Atenção Concentrada – cuja aplicação é delimitada em 5 minutos – e por isso tal aspecto tornou-se importante. Foram atendidas as exigências éticas com a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, conforme orientação e aprovação do Comitê de Ética do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

### *Análise dos dados*

A presente pesquisa é um experimento fenomenológico, articulando dados de terceira pessoa (Teste AC/2003; contagem do número de vezes que o protagonista aparece



duplicado em cena) e dados de primeira pessoa (auto-avaliação da atenção pelo Questionário Rosenberg); resposta às perguntas: Qual a história do filme “i”? e Qual a mensagem do curta-metragem?). Por conseguinte, a análise de dados utilizou recursos descritivos quantitativos (correlação de Spearman entre o Teste AC/2003, Questionário Rosenberg de Atenção, contagem da ocorrência de duplicação do protagonista), e qualitativos (análise fenomenológica semiótica das respostas às perguntas do experimento). Os resultados do Teste AC para esse estudo foram analisados e equiparados com base nos percentis de sexo e escolaridade no Estado do Paraná (Tabela 25, p. 68 do manual do Teste AC/2003). Esse critério foi utilizado em função de sua proximidade aos padrões socioculturais e demográficos do Estado do Rio Grande do Sul, conforme especificado pelo manual do instrumento.

A compreensão fenomenológica triádica (descrição, especificação e interpretação) esteve presente em todos os passos da pesquisa. Inicialmente oferece-se uma descrição geral dos dados quantitativos e qualitativos, em seguida especifica-se a pertinência destes dados para a compreensão molecular e molar do movimento atento. Por fim, os dados da pesquisa são discutidos e interpretados, considerando as condições internas e externas ao foco atento. Note-se que a redução fenomenológica está presente desde o início da pesquisa na especificação do que será [ou] tomado para estudo [ou] deixado de fora; [ou] levado em consideração nos resultados [ou] desprezado. A descrição compara-se a uma exposição normal de resultados [e] guiada pela ética da inclusão [e] guiada pelo respeito ao dado, como em qualquer pesquisa. A interpretação é assumida como a visão crítica da pesquisa diante do problema em foco. Qual é então a característica essencial da fenomenologia experimental? A atenção à relação noética entre consciência e experiência. Detalhes concernentes à análise serão apresentados na exposição dos resultados, quando pertinentes.

## Resultados e Discussões

A exibição do campo de estimulação multi-estável, representado pelo filme “i”, foi contingente a duas perguntas comuns aos dois grupos e a uma terceira pergunta diferencial exclusiva para o grupo II. As duas perguntas comuns foram: 1) Qual a história do filme?; 2) Qual a mensagem do curta-metragem? Coube ao grupo II a realização de uma tarefa dupla com o acréscimo de um distrator. Além de terem que prestar atenção à história e inferir a mensagem, os participantes destes grupos deveriam contar o número de vezes em que o protagonista do curta-metragem aparecia duplicado em cena (distrator). Deste modo,

antes das duas perguntas acima, os participantes do grupo II deveriam responder a seguinte pergunta: Quantas vezes o protagonista do filme “i” aparece duplicado na tela? As duas primeiras perguntas são predominantemente qualitativas, enquanto a terceira introduz a indagação quantas vezes o que já pressupõe análise de quantidades. A apresentação dos resultados seguirá a ordem e a natureza das perguntas, introduzindo os aspectos quantitativos investigados ao tratar da pergunta três.

*Pergunta um: Qual a história do filme?*

A primeira análise concentrou-se na verificação da relação semiótica entre a narrativa visual (história do filme) e a resposta da pergunta. A segunda análise concentrou na qualidade da decodificação: descrição e/ou interpretação.

A comparação da estrutura semiótica das histórias apresentadas revelou a seguinte hierarquia funcional na relação entre a expressão narrativa do filme e a percepção do participante: 1) relação e...e, para respostas descritivas, aquelas que se referem aos elementos explícitos do filme; 2) relação e/ou para respostas que combinam descrições de elementos do filme com interpretações; e 3) relação ou...ou para respostas caracterizadas como interpretações livres, sem referência a segmentos explícitos do filme.

Tomou-se como relação e...e, as respostas que trouxessem elementos estáveis, do filme: [e] no filme [e] na resposta. Exemplos:

*“São duas pessoas iguais e uma está sempre correndo atrás da outra. Até que uma fica encurralada em cima do prédio, se atira do prédio, mas não morre. Levanta e segue adiante”* GIP6

*“O cara sai de um táxi e começa a ser perseguido. Ele foge, então correndo em um prédio, sobe as escadas. Como ele continua sendo perseguido e já atingiu o terraço do prédio, ele salta. Cai no chão, mas não se machuca. Simplesmente levanta e sai caminhando.”* GIIP5

Tomou-se como relação e/ou as respostas que descreviam[e] partes (fragmentos) do campo [ou] e acrescentavam interpretações.

*“É a história de um homem sendo perseguido por ele mesmo, ou melhor, uma parte dele mesmo. A perseguição termina quando as duas partes se encontram e novamente se completam, se entregam.”* GIP2

*“Um dos personagens está fugindo do outro que é na verdade ele mesmo. Ele sobe em um prédio alto e se joga lá de cima no outro”* GIIP2

As respostas combinam elementos do filme “um homem perseguido por ele mesmo” com interpretação “uma parte dele mesmo”. A resposta retorna ao elemento

explícito “*a perseguição termina quando as duas partes se encontram*” e interpreta “*novamente se completam, se entregam.*” (GIP2). A mesma estrutura encontra-se no exemplo de GIIP2.

Tomou-se como relação ou...ou, as respostas que desprezando os elementos estáveis ou explícitos do filme movia-se diretamente para a interpretação:

*“Um homem apresenta dificuldades em encarar a realidade, estando em permanente busca de sua identidade.”* GIP11

*“Na cidade, um homem se depara e foge de si mesmo, sem sucesso. O que é vivido, e o que é imaginado?”* GIIP9

Não há nas respostas referência alguma aos elementos explícitos do filme.

A Tabela 6 traz, na íntegra, as respostas dos participantes e como foram qualitativamente especificadas em E...E; E/OU; OU...OU.

Como indicado anteriormente, os participantes do grupo II foram instruídos a contar o número de vezes que o protagonista aparecia duplicado no curta-metragem (inclusão do distrator), com a ressalva de que essa informação seria necessária para responder a uma das perguntas, logo após a exibição do filme. Os participantes teriam de contar quantas vezes o protagonista do filme “*i*” aparecia duplicado na tela, antes de responder as perguntas sobre a história e a mensagem do filme. Na perspectiva das qualidades, as variações das respostas do grupo permaneceram no espectro das três possibilidades da lógica de inclusão/exclusão. A tarefa não gerou outras configurações estruturais. Na confrontação dos agrupamentos de respostas, nota-se maior concentração de respostas OU...OU no grupo II.

*Pergunta dois: Qual a mensagem do curta-metragem?*

A comparação da estrutura das respostas à mensagem do filme foi pela demarcação das partes de texto em unidades denominadas de atos. Por exemplo, no conhecido provérbio “quanto maior a nau, maior a tormenta”, há a presença de dois segmentos que permitem estabelecer o contraste da oração: nau e tormenta. Então, o segmento “quanto maior a nau” constituiria um ato, enquanto o segmento “maior a tormenta” seria outro ato. O provérbio teria dois atos. Utilizando-se esse critério foi possível comparar as mensagens intragrupos e intergrupos, tendo como base o número de atos na captação da mensagem do filme. A Tabela 7 traz a mensagem do filme para cada participante dos dois grupos, com a demarcação dos atos. Por exemplo, a mensagem de GIP4 contém só um ato: “muitas vezes nos sentimos perseguidos por nós mesmos” Em contraste, a mensagem: “quando não se tem mais saída, talvez seja o momento em que ‘nos’ encontremos” (GIP1), parece conter

dois atos: “quando não se tem mais saída” e “talvez seja o momento em que ‘nos’ encontremos”. Com o mesmo critério, a mensagem “a busca de si mesmo é um caminho árduo, / que exige ousadia e persistência./ demanda-nos trabalho, / faz-nos sofrer, / mas vale a pena” contém 5 atos, conforme demarcados. As variações dos números de atos ocorreram nos dois, não se podendo afirmar, a princípio, que a tarefa distratora tenha interferido na composição da resposta. Houve casos extremos nos dois grupos, com GIP7 demarcando quatro atos e GIIP1 cinco; e GIP9/10/11 e GIIP2 demarcando apenas um. Contudo, utilizando a mesma regra lógica OU...OU, encontrou-se no grupo II, uma variação de resposta atípica para o grupo I: a não captação da mensagem (GIIP5/11).

*Pergunta três: Quantas vezes o protagonista do filme “i” aparece duplicado na tela?*

A pergunta três foi, no experimento, a primeira pergunta para o grupo II, indagando o número de vezes da aparição duplicada do protagonista do filme. A resposta correta seria 11 vezes. Embora nenhum dos 11 participantes tenha respondido acertadamente, observou-se que os participantes com melhor desempenho no Teste Atenção Concentrada (AC) obtiveram respostas mais aproximadas ao número correto de aparições, seja ligeiramente superior ou inferior. A média de acertos do grupo I foi de 51,81% (DP = 30,84), enquanto a pontuação média do grupo II foi de 51% (DP = 28,26). A mesma homogeneidade foi encontrada nas respostas ao Questionário Rosemberg de Atenção (QRA), cujos escores brutos variaram entre 38 e 58, em um espectro de 14 a 70. Os escores brutos foram transformados em percentis para a comparação dos resultados do grande grupo de 22, para os dados obtidos com a aplicação do QRA para o grupo ampliado de 140 participantes, utilizados para verificação das propriedades psicométricas do instrumento (Estudo II). Para efeitos de comparação, a média do grupo ampliado em percentis foi 68,25 (DP = 9,05), enquanto para o grupo dos 22 que participaram do experimento foi de 49,04 (DP = 7,05). A média e desvio padrão do grupo I foram, respectivamente,  $M = 50,22$  e  $DP = 6,23$ ; enquanto no grupo II foram  $M = 47,86$ ;  $DP = 7,91$ . As médias não apresentaram diferença significativa entre os grupos, o que pressupõe uma estabilidade quanto ao nível de atenção concentrada de ambos, atendendo às expectativas em razão da homogeneidade dos participantes da pesquisa. Comparados aos 140 estudantes que responderam ao questionário, os 22 participantes do experimento apresentaram tendências médias inferiores.

As respostas à aparição duplicada do protagonista foram submetidas à correlação estatística com os resultados do Teste Atenção Concentrada e o Questionário Rosemberg de Atenção, para os 11 participantes do grupo II. A correlação de Spearman entre número

de vezes da aparição duplicada do protagonista e o Teste AC foi significativa para  $p < 0,05$  (0,639;  $p = 04$ ). No entanto, não se encontrou correlação entre número de vezes da aparição nem para o resultado global, nem para qualquer fator do QRA. As Tabelas 8 e 9 sintetizam os dados quantitativos da pesquisa.

Tabela 6. *Classificação das respostas para a história e a mensagem do filme*

GI	História	Mensagem
P1 OU...OU	Parece ser a procura por sua própria identidade, ou talvez a fuga de si mesmo.	Quando não se tem mais saída, talvez seja o momento em que “nos” encontremos.
P2 E/OU	É a história de um homem sendo perseguido por ele mesmo, ou melhor, uma parte dele mesmo. A perseguição termina quando as duas partes se encontram e novamente se completam, se integram.	Se você correr atrás do seu objetivo certamente você o alcançará.
P3 E/OU	O filme mostra a história de um homem que corre contra o tempo e contra ele mesmo. Ele corre por diversos lugares, fugindo. No final, parece que se dá conta que não precisa correr, ou não adianta. E pára!	Não importa onde você vai, nem quão rápido você corre, o tempo não pára nem você deixa de ser você mesmo.
P4 E...E	É a história de uma perseguição entre dois homens. Ao final o homem perseguido encontra-se sem saída, encurralado e então salta de um prédio e cai no chão. Quando ele levanta-se, tem a sensação de que nada disso aconteceu.	A mensagem que fica é que muitas vezes nos sentimos perseguidos por nós mesmos.
P5 OU...OU	Uma perseguição do mim sobre o “eu mesmo”. Alguém fugindo de si mesmo que resolve encarar a situação quando está sem saída.	Encare os problemas, ao invés de fugir de si mesmo.
P6 E...E	São duas pessoas iguais e uma está sempre correndo atrás da outra. Até que uma fica encurralada em cima do prédio, se atira do prédio mas não morre, levanta e segue caminhando.	Corra atrás de seu verdadeiro <u>eu</u> e você não morrerá.
P7 E...OU	Um adulto jovem de Porto Alegre que está sendo perseguido por ele mesmo. Isto pode significar algumas coisas/hipóteses: - Ele está em conflito consigo mesmo e preciso decidir algo; Ele tomou algum alucinógeno e está “viajando”; Ele está sonhando; Ele está pensando nas suas diferentes características de personalidade; O diretor quer passar a idéia de que “EU (I)” somos muitos na realidade e às vezes tão diferentes ao mesmo tempo que queremos até fugir em do outro.	Às vezes acho que as mensagens dos curtas são subjetivas. Nesse caso, acho que a hipótese que faz mais sentido é a vítima, ou seja, a idéia de que “EU (I)” somos uma soma de EUs, às vezes até incoerentes e insuportáveis. Também acho que fica a mensagem final que aquele que “estudar e analisar melhor” consegue dominar o outro; assim, podemos ser donos de nós mesmos.
P8 E...OU	Um homem sai de um táxi e é perseguido por outro que é igual a ele. Me parece que o homem saiu do táxi sem pagar o devido valor. A perseguição continua até o final do filme quando os dois homens (perseguidor e perseguido) se fundem num só.	A mensagem é que quando alguém tenta burlar as regras, descumprir obrigações ou enganar os outros, por mais que ninguém perceba ou puna-o, ele será perseguido pela sua própria consciência.
P9 E...E	O filme conta a história de “dois” homens idênticos, um correndo atrás do outro pela cidade.	A mensagem do filme parece ser a de que muitas vezes no sentimos divididos, no caso do filme em 2. O curta mostra um conflito entre duas partes da mesma pessoa, sendo que no final as partes conseguem se integrar em uma, mas isso acontece depois de muito trabalho.
P10 E...OU	O filme conta a história de um homem aparentemente confuso numa grande cidade, que passa a ver-se perseguido por ele mesmo até dar-se conta de que existem muitos “dele” pela cidade, como se não conseguisse fugir de si mesmo. O devaneio acaba quando o homem tenta “sanar” sua loucura, ou ao menos interrompê-la num ato suicida. Ao jogar-se de um prédio, cai sobre si mesmo na rua e tudo volta ao normal.	Acredito que o filme tenha algo a ver com o caos das grandes cidades e com as muitas faces que temos que desenvolver para dar conta das demandas da pós-modernidade. Aquém de nossos “eus” internos, o filme envia a noção de “eus” sociais que nos perseguem na sociedade atual. Acho que o conflito é em torno da questão de quem somos de verdade, qual daqueles homens era ele realmente?
P11	Um homem apresenta dificuldades em encarar a	O ser humano está em permanente busca de sua

OU...OU	realidade, estando em permanente busca de sua identidade.	identidade.
---------	---	-------------

Tabela 6. *Classificação das respostas para a história e a Mensagem do Filme (Cont.)*

<i>GII</i>	<i>História</i>	<i>Mensagem</i>
P1 E/OU	A história do filme lembrou-me uma película chamada “O homem que não era” (título brasileiro, o original não sei), que trata justamente de um homem que foge de si e, ao mesmo tempo, procura a si mesmo. No curta, o personagem corre pela cidade, passando por ruas, prédios, carros, pessoas parece-me transtornado, buscando uma verdade para si, de forma que possa se reconhecer. Ao atirar-se, enfim, reencontra-se.	A busca de si mesmo é um caminho árduo, que exige ousadia e persistência. Demanda-nos trabalho, faz-nos sofrer, mas vale a pena.
P2 E/OU	Um dos personagens está fugindo do outro que é na verdade ele mesmo. Ele sobe em um prédio alto e se joga lá de cima no outro ele, para então acordar sozinho.	Fugir de si mesmo é uma das coisas mais difíceis de vida. Já diria Bob Marley “you’re running and you’re running, and you’re running away... but you can’t run away from yourself”.
P3 OU...OU	É a história de um homem que estava fugindo de si mesmo e ao mesmo tempo perseguindo a si mesmo.	O filme mostra as dificuldades que por vezes encontramos, para lidar e aceitar a gente mesmo, como um inteiro. Muitas vezes as pessoas fogem de coisas que imaginam estar fora delas quando estão dentro, fazem parte dela.
P4 E/OU	O protagonista foge de si mesmo em diferentes locais de uma cidade após encarar-se na cena inicial. Ao final, no entanto, seu “outro eu” acaba caindo sobre ele e eles se unem em um só. O protagonista segue, então, andando calmamente.	Que, por mais que se tente, não é possível fugir de quem realmente se é e que, quando se aceita esse fato, a vida passa a ser mais tranquila.
P5 E...E	O cara sai de um táxi e começa a ser perseguido. Ele foge, então correndo em um prédio, sobe as escadas. Como ele continua sendo perseguido e já atingiu o terraço do prédio, ele salta. Cai no chão, mas não se machuca. Simplesmente levanta e sai caminhando.	Não consegui perceber uma mensagem no filme.
P6 E...E	Inicialmente pareciam dois homens saindo de um táxi, que começaram a correr atrás do outro numa perseguição. Depois, parecia ser o mesmo homem fugindo dele mesmo, até que se atira de um prédio alto, cai no chão e do final não lembro	Por vezes, a maior batalha da vida é fugir de nós mesmos. Obs. Foi difícil conciliar a tarefa de contar e prestar atenção no enredo.
P7 OU...OU	A história é uma ação de sair, fugir e voltar, retornar a si. O personagem corre para os dois sentidos (buscando e fugindo de si mesmo) e acaba caindo em si. Ha!	O homem foge de si mesmo e busca a si mesmo.
P8 OU...OU	Não pareceria ter uma história, mas ele parece fugir de si mesmo	Eu sou muito concreta, mas acho que ele só se tranquilizou quando conseguiu derrotar ele mesmo, ou uma parte dele – talvez que não aceitasse
P9 OU...OU	Na cidade, um homem se depara e foge de si mesmo, sem sucesso. O que é vivido, e o que é imaginado?	O homem não consegue separar-se de si mesmo. Sua própria realidade o espreita.
P10 OU...OU	Parece uma pessoa querendo se encontrar consigo mesmo, e para isso tem que lidar com os seus limites, angústias, medo, cansaço. Por outro lado, mesmo ele desejando se encontrar, um lado seu não quer e foge disso. Mesmo assim, a busca parece esse encontro permanente, fazendo com que o processo seja desgastante e doloroso. No final, para que ele realmente se encontre, tem que superar todos esses sentimentos e se jogar, literalmente, para esse encontro, mesmo que isso lhe coloque em “risco” (pula do prédio). Mas, pelo filme, isso vale a pena. Ele consegue se encontrar.	Não sei se é bem uma mensagem, não sei se o filme se propôs a isso, mas ele conseguiu o encontro, a fusão. Mesmo que tenha sido doloroso, cansativo e angustiante, ele saiu “ileso”. No final, ao sair caminhando, mostrou que o encontro consigo, com seu outro lado valeu a pena.
P11 E/OU	A história de uma perseguição, onde o protagonista está duplicado e é, ao mesmo tempo, perseguidor e perseguido	Foi difícil prestar atenção no número de vezes que o protagonista aparecia e também no conteúdo do curta-metragem. Assim, não “captei” a mensagem.

Tabela 7. A mensagem do filme para cada participante

P	Grupo I	Atos
1	Quando não se tem mais saída, / talvez seja o momento em que “nos” encontremos	2
2	Se você correr atrás do seu objetivo / certamente você o alcançará	2
3	Não importa onde você vai, / nem quão rápido você corre, / o tempo não pára nem você deixa de ser você mesmo.	3
4	Muitas vezes nos sentimos perseguidos por nós mesmos	1
5	Encare os problemas / ao invés de fugir de si mesmo	2
6	Corra atrás de seu verdadeiro <u>eu</u> / e você não morrerá	2
7*	- EU (I)” somos uma soma de EUs, / às vezes até incoerentes e insuportáveis. - Aquele que “estudar e analisar melhor” consegue dominar o outro; / assim, podemos ser donos de nós mesmos.	4
8	Quando alguém tenta burlar as regras, / descumprir obrigações ou enganar os outros/, por mais que ninguém perceba ou puna-o/, ele será perseguido pela sua própria consciência	4
9	Muitas vezes no sentimos divididos,	1
10	A noção de “eus” sociais que nos perseguem na sociedade atual.	1
11	A busca da unidade é uma tarefa constante	1
P	Grupo II	Atos
1	A busca de si mesmo é um caminho árduo, / que exige ousadia e persistência./ Demanda-nos trabalho, / faz-nos sofrer, / mas vale a pena	5
2	Fugir de si mesmo é uma das coisas mais difíceis de vida.	1
3	Muitas vezes as pessoas fogem de coisas que imaginam estar fora delas quando estão dentro, / fazem parte dela	2
4	Que, por mais que se tente,/ não é possível fugir de quem realmente se é / e que, quando se aceita esse fato, a vida passa a ser mais tranquila	3
5	Não consegui perceber uma mensagem no filme.	0
6	Por vezes, / a maior batalha da vida é fugir de nós mesmos.	2
7	O homem foge de si mesmo / e busca a si mesmo.	2
8	Acho que ele só se tranquilizou quando conseguiu derrotar ele mesmo, / ou uma parte dele – talvez que não aceitasse	2
9	O homem não consegue separar-se de si mesmo./ Sua própria realidade o espreita	2
10	O encontro consigo, /com seu outro lado / valeu a pena	3
11	Não “captei” a mensagem.	0

Tabela 8: *Escores brutos e percentis para o Teste de Atenção Concentrada e o Questionário Rosemberg de Atenção dos participantes do grupo I*

P	Teste AC		QRA	
	Escores Brutos	Percentis*	Escores Brutos	Percentis**
1	134	99	46	48
2	98	75	51	53
3	105	80	57	59
4	82	40	48	50
5	82	40	47	49
6	76	30	55	57
7	94	70	47	49
8	85	50	39	40
9	68	10	51	53
10	9	1	53	55
11	99	75	38	39,5

\*Classificação de Percentis Teste AC: Muito Superior 99-100; Superior 95; Médio Superior 75-90; Médio 30-70; Médio Inferior 10-25; Inferior 1-5.

\*\*Classificação de Percentis QRA: 88-100 Superior; 78-87; Médio 60-77; Médio Inferior 51-59; Inferior até 58.



Tabela 9. *Escores brutos e percentis para o Teste de Atenção Concentrada e o Questionário Rosemberg de Atenção, e número de duplicação do protagonista em cena nos participantes do grupo II*

P	Teste AC		QRA		Duplicação de Protagonista
	Escore brutos	Percentis*	Escores Brutos	Percentis**	
1	104	80%	39	40	12
2	117	90%	55	57	07
3	87	50%	44	46	06
4	74	30%	43	45	08
5	86	50%	46	48	09
6	81	40%	39	40	06
7	109	80%	58	60,5	10
8	77	30%	42	44	06
9	78	30%	38	39,5	04
10	52	1%	58	60,5	Sem resposta
11	102	80%	44	46	10

\*Classificação de Percentis Teste AC: Muito Superior 99-100; Superior 95; Médio Superior 75-90; Médio 30-70; Médio Inferior 10-25; Inferior 1-5.

\*\*Classificação de Percentis QRA: 88-100 Superior; 78-87; Médio 60-77; Médio Inferior 51-59; Inferior até 58.

### *Casos extremos do grupo II*

A relação reversiva entre quantidades e qualidades (Gomes, 1998; DaSilveira, 2007; e DeSouza 2005) permite a análise do movimento entre achados e tomados, como a tipificação de casos extremos. Retornando a Tabela 9 e a segunda parte da Tabela 6 especificam-se como casos extremos: GIIP1, GIIP10 e GIIP11. GIIP1 percebeu 12 das 11 (isto mesmo, uma a mais) aparições duplicadas do protagonista do filme, alcançou nível médio superior de atenção concentrada (percentil = 80), e foi crítico quanto à auto-avaliação da atenção no questionário (percentil = 40, inferior). Em contraste, GIIP10 não conseguiu perceber nenhuma duplicação do protagonista, alcançou nível médio de atenção concentrada (percentil = 52), e foi indulgente quanto à auto-avaliação. Contudo, quando se confronta a decodificação da mensagem do filme depara-se com uma desconcertante similitude: “A busca de si mesmo é um caminho árduo, / que exige ousadia e persistência./ Demanda-nos trabalho, / faz-nos sofrer, / mas vale a pena” (GIIP1) e “O encontro consigo, /com seu outro lado / valeu a pena” (GIIP10). A configuração da resposta de GIIP1 traz a complexidade de uma elaboração em cinco atos, enquanto a configuração de GIIP10 é pobre mesmo estruturando sua mensagem em três atos. Em outra direção, GIIP11 apresentou alta correspondência entre atenção concentrada e acertos de aparição duplicada do protagonista, acertando 10 de 11 aparições, mas deixando escapar a mensagem do filme.

A interpretação dos desempenhos de GIIP1 e GIIP10 leva-nos a duas alternativas: 1) GIIP10 não se comprometeu com a realização das tarefas, e por isso obteve escores baixos; 2) a mensagem requisitada pela pergunta sobre a mensagem do curta-metragem não coincide com a compreensão do filme. Ou seja, os participantes podem ter resgatado juízos de valores previamente aprendidos independente de terem prestado atenção ao enredo do filme. Já GIIP11 exemplifica a dificuldade reconhecida de repartir a atenção. A análise expõe um sério problema que vem silenciosamente atravessando a apresentação dos resultados até agora: qual a relação entre os dados de primeira e de terceira pessoa. Essa intrigante questão será explorada na análise fenomenológica que segue.

### Análise Fenomenológica

A análise fenomenológica constitui-se na sucessão sinérgica de reflexões em dois movimentos: 1) retorno sistemático a diferentes níveis de articulação do que é apreendido; 2) exercício de exploração imaginativa de possibilidades de articulação entre as partes explícitas e implícitas do que é apreendido. Esses movimentos aplicam-se às três etapas clássicas do método: descrição, redução e interpretação (Gomes, 1998). A hipérbole

fenomenologia experimental (Ihde, 1977) exagera a força da intencionalidade, valendo-se aqui de uma instrumentação que refina as propriedades descritivas e amplia a exploração imaginativa. Força-se a compreensão de um fenômeno, alterando-se as relações contextuais em que vem sendo experimentalmente pesquisado. No entanto, o sentido do verbo forçar é reversivo e usado para recolocar um fenômeno no seu contexto original do qual possa ter sido retirado para estudo, ou por limitações, ou por explorações metodológicas. Pode até mesmo não ter sido retirado, sendo pesquisado em um conjunto de condições que também lhe pertencem. Esse argumento pode ser ilustrado com uma breve menção a Michael I. Posner, professor emérito da Universidade de Oregon e um dos mais reconhecidos estudiosos da atenção. O pesquisador dedicou-se ao estudo da atenção para tarefas cognitivas superiores: busca visual, leitura, e processamento de números (Posner, 1989). Em revisão recente ele e colega (Posner & Rothbart, 2007) defenderam a recontextualização do estudo da atenção em um modelo de redes, com vista à integração da ciência psicológica. A revisão amparou-se na premissa de que o desenvolvimento da atenção é em parte especificado por genes, mas é também aberto a experiências decorrentes das ações de cuidadores e da cultura. Para os autores, muitos concordam que todo comportamento humano pode ser reduzido a atividades cerebrais, do mesmo modo que reconhecem a importância do experimento cognitivo, da observação comportamental e do auto-relato.

O experimento desenvolvido no presente estudo inclui experimentação cognitiva, observação comportamental, e auto-relato. A atenção é, em última instância, a intencionalidade e, por conseguinte, está implicada com a regulação voluntária dos nossos pensamentos e sentimentos. Com base em Posner & Rothbart (2007), pode-se descrever os resultados reconstruindo o processo atencional, conciliando a literatura procedente dos experimentos psicológicos e da teoria fenomenológica. Note-se que ambas as tradições partem da descrição de dados empíricos, sejam induzidos em experimentos ou apreendidos na vida cotidiana. A favor da tradição da psicologia experimental têm-se as repetições exaustivas desses experimentos em suas muitas variações. Contra a tradição fenomenológica está a ausência de estudos sobre o assunto, tão enfaticamente discutido por Merleau-Ponty (1945/1999). A favor de Posner e Rothbart e também de Merleau-Ponty está o reconhecimento da necessidade de ampliação da contextualização, seja pelo modelo de redes (Posner & Rothbart, 2007), seja pelo modelo da consciência encorporada (Thompson, 2007). Os dois modelos incluem contribuições psicobiológicas, fenomenológicas, psicopatológicas, sociais, e culturais.

No presente experimento, utilizou-se um estímulo áudio-visual para mobilização de

atenção a um filme. Qualquer filme age para mobilizar, com maior ou menor êxito, a atenção de um espectador. Mobilizava-se, pelo filme, a atenção para a narrativa visual enfatizada pela trilha sonora. O *input* áudio-visual elicia atividades cerebrais predispondo o foco da atenção e os recursos requeridos para a identificação do objeto (redes de alerta e memória). A combinação de recursos para a mobilização e manutenção da atenção é complexa e inclui: a estética do filme, o sistema de codificação, o apelo emocional, e a ausência de imperativos que reclamem a atenção. Há que se considerar o compartilhamento intersubjetivo entre os criadores do filme e o espectador. No experimento, foi considerada como *output* a decodificação da história do filme e a apreensão da mensagem. A mensagem seria uma inferência semiótica sobre a narrativa áudio-visual oferecida pelo filme. A capacidade atenta dos participantes foi externamente observada por um teste de atenção de uso corrente, e auto-avaliada por um questionário preparado para esse estudo. A força de mobilização atenta do filme foi testada pela inclusão de uma tarefa distratora para metade dos participantes, que consistia na contagem da aparição duplicada do protagonista em cena.

A correlação entre o teste de atenção e a contagem da duplicação do protagonista foi significativa, mas pouco elucidativa. Serviu para sugerir que o procedimento cognitivo pontual de discriminar sinais com características estruturais idênticas e esvaziadas de sentido, funciona do mesmo modo, em contextos diferentes. A título de limitações, o experimento ficou devendo a ação reversiva: saber se o contexto fílmico prejudicaria o desempenho na contagem de sinais desprovidos de sentido, em uma medida de tempo. Enfatize-se que o sentido não está no sinal, e sim no que foi solicitado para ser realizado: contar a duplicação ou distinguir variações estilizadas de um triângulo.

A não correlação entre o questionário (Anexo A) e os demais indicadores quantitativos foi desconcertante. Certamente o questionário foi mal formulado e os itens não foram propriamente testados. No entanto, uma exploração descritiva sobre o desempenho do questionário traz informações surpreendentes. Os itens do questionário reúnem assertivas corriqueiras sobre a experiência consciente da atenção, como agrupadas na análise fatorial (Estudo II).

1. Domínio de atenção para tarefa de livre escolha, sem conseguir dividi-la com outra tarefa.
2. Compartilhamento da atenção, executando tarefas simultâneas, como dirigir ouvindo música.

3. Manutenção da atenção para realização de tarefas importantes até o final, e pronta mobilização para situações de emergência; com dificuldade de compartilhamento, como acompanhar conversas paralelas em uma festa.
4. Reconhecimentos de aspectos que interferem na atenção, como sede, fome, frio, calor, etc.
5. Mobilidade atenta espontânea para contingência histórico-motivacional, como ouvir o próprio nome ou ampliação do foco atento para objetos de especial interesse.

A análise fatorial permitiu estimar o desempenho dos participantes para cada fator e também para o desempenho global. Escores globais elevados no questionário indicam perfis de alta plasticidade atenta, considerando a contradição existente entre as experiências, conforme indicada pelos fatores. O Estudo II mostrou que apenas quatro participantes estariam nesta posição. No entanto, a análise fenomenológica é cética e questiona a propriedade destas respostas, sugerindo que se replique o Estudo II, entrevistando *a posteriori*, os participantes que se situaram nas extremidades. Escores posicionados na média, para o QRA, podem indicar uma relação mais crítica com a própria atenção. Contudo, o argumento é falacioso, pois os escores inferiores poderiam indicar rigor crítico e os superiores indulgência crítica ou descompromisso com a tarefa. Com efeito, o questionário induz o participante a voltar a atenção sobre a própria atenção, com base na história pessoal atenta. Uma falha do questionário foi não ter incluído itens sobre a experiência com a execução de tarefas repetitivas desprovidas de sentido, o que apresentaria maior compatibilidade com as tarefas utilizadas nos experimentos da atenção. A favor do que foi realizado com a pesquisa foi o desempenho do grande grupo dos 22 participantes. O desempenho dos dois grupos de 11 ficou situado na média inferior, o que sugere uma apropriação crítica e amadurecida da experiência atenta. Esse grupo de estudantes pertencia a um programa de pós-graduação em psicologia.

A maneira como a atenção aparece contextualizada neste experimento levanta alguns problemas de procedimentos e de interpretação. A atenção, em o seu escopo de aparência ampliada, imbrica a própria história de quem foi convidado a dirigir a atenção para as tarefas. Por sua vez, as tarefas incluem atividades desprovidas de sentido e carregadas de sentido. Posner e Rothbart (2007) sintetizam o movimento atento em três movimentos: alerta, orientação e execução. No alerta, dirige-se e se mantém um estado de alta sensibilidade para a estimulação recebida; na orientação, selecionam-se as informações; na execução, monitoram-se e se resolvem conflitos entre pensamentos, sentimentos e respostas. Nota-se no processo atento uma articulação gestáltica entre

partes, agindo-se por inclusão ou exclusão, tendo como uma meta uma síntese que venha a fazer sentido para o sujeito da percepção. A emergência do sentido configura-se no conflito entre informação [ e (ou...ou) ou (e...e)] e comunicação [ e (e...e) e (ou...ou)]. Primeiro esclareça-se que o termo emergência é propositadamente utilizado para enfatizar a participação do noema no movimento noético. Dito simplesmente, o sentido não é produto de abstrações ou subjetivações. Decorre do confronto entre a consciência e a concretude objetiva da experiência. Deste modo, na informação o contexto é invariante, excluindo-se partes para a redução da incerteza. Em contraste, na comunicação o contexto é variante, incluindo-se partes para a constituição da certeza. Esse confronto entre as escolhas das partes dadas por um campo multi-estável gera uma situação de conflito, acentuada pela redundância comunicativa das duas perguntas: 1) qual a história? 2) qual a mensagem? A redundância das duas perguntas é evidente pelas misturas das partes entre as respostas transcritas na Tabela 6, confundindo o que é descritivo com o que é interpretativo. A resposta natural da consciência desde os seus primórdios ancestrais é o interpretativo, é a decodificação originalmente significada (Wiley, 1994). Descrição é uma aprendizagem posterior.

O experimento apenas exemplifica o que Husserl (1921/1970) havia dito nas *Investigações Lógicas* sobre a apreensão do sentido. Para o autor, haveria uma distinção entre momentos de unidade, que davam sentido a experiência ou partes da experiência o que ele denominava de dados fenomenológicos reais, e momentos de unidade objetiva, que para ele transcendia a esfera experiencial. Retorne-se aos dados e identifique-se nas respostas dos participantes as partes informativas: homem desembarca do táxi, corre pela cidade, corre de outro homem que o persegue, o outro homem parece igual a ele, sobe em prédio, joga-se de prédio, cai no chão, levanta-se e está bem. Tratam-se das partes estáveis do campo-multi-estável. Agreguem-se, agora, as partes instáveis: procura de identidade, completar-se, integrar-se, perseguição de si mesmo, conflito de si mesmo, etc.

O conflito descrito por Posner e Rothbart (2007) na atenção executiva explica a variedade na relação entre história e mensagem encontrada na tarefa: 1) relação E...E, para respostas que se referem aos elementos explícitos do filme; 2) relação E/OU para respostas que combinam descrições de elementos do filme com interpretações; e 3) relação OU...OU para respostas caracterizadas como interpretações livres, sem referência a segmentos explícitos do filme. A hierarquização destas respostas é problemática, pois a relação OU...OU pode tanto indicar a capacidade elevada de síntese, cancelando a descrição (redundância) e passando para a mensagem (comunicação de sentido), quanto a inabilidade atenta, passando ao sentido sem dizer sobre o que falava. No entanto, a comparação da

qualitativa dessas respostas aponta tanto para a dificuldade quanto para a precisão na elaboração da síntese significativa.

Na comparação experimental de dois grupos, esperava-se que o distrator interferisse no desempenho atento. Há indicadores quantitativos, em níveis puramente descritivos, que apontam nesta direção. A variação ocorreu entre as respostas caracterizadas como E/OU e OU...OU. Houve predominância no Grupo I de respostas que incluíam tanto partes explícitas quanto implícitas, enquanto a predominância no Grupo II foi de respostas que passavam diretamente para as partes implícitas, deixando de lado as explícitas. Em termos comunicativos, pode-se interpretar que esse tipo de resposta captava o sentido geral da mensagem, mesmo perdendo a referência explícita. Outra ocorrência preocupante foi GIIP11 que alegou não ter captado a mensagem do filme, embora tenha descrito e interpretado sucintamente a história e a mensagem na coluna 1 da Tabela 6. A interpretação pode ir a dois sentidos: limitação atenta, ou colapso interpretativo diante da redundância comunicativa entre história e mensagem.

### Conclusões

Como apresentando no início do estudo, o objetivo foi descrever e medir o desempenho para tarefas ativas simultaneamente providas e desprovidas de significado, na perspectiva de primeira e terceira pessoa. O interesse foi comparar a interferência da atenção focal em um aspecto molecular desprovido de interesse para o percebido (inclusão de um distrator), na compreensão molar da mensagem visual apresentada. Como esperado, os resultados da atribuição externa (detalhes moleculares) foram compatíveis aos achados já obtidos pela observação de terceira pessoa (psicologia experimental), como sugeriu a correlação entre a atenção concentrada e a indicação de aparições duplicadas do protagonista. Por outro lado, esperava-se que os resultados das atribuições internas se agrupassem em ordem distinta, independente do sucesso obtido para as atribuições externas ou moleculares. Como exposto, os dados de terceira pessoa não se correlacionaram com os dados de primeira pessoa, e a realização de uma tarefa que requeria atenção como ponto de partida, mas implicava outros desdobramentos cognitivos, foi realizada a contento. Os resultados sugerem que o processo reflexivo, necessariamente dependente da atenção, utiliza-se da plasticidade cognitiva para recompor o sentido a sua maneira, excluindo o que aparentemente for supérfluo para constituição da mensagem.

O presente experimento pode ser considerado um exercício bem sucedido em abrir para análise as implicações e amplitudes da atenção. Reafirma a tese de Merleau-Ponty

(1942/1999) de que a atenção enquanto inerência estrutural da intencionalidade não se afasta do julgamento, assim como a percepção se efetiva por movimentos comparativos e contrastantes. O estudo recorreu a vários acessos ao fenômeno, diferenciados como dados de primeira e de terceira pessoa, que mesmo não compatíveis apontaram para aportes em diferentes níveis processuais. Essas conclusões serão ilustradas a seguir por meio de um gráfico (Figura 5) que articula a teorização derivada da psicologia experimental cognitiva e a teorização derivada da fenomenologia. A análise conclusiva toma como descrição o gráfico apresentado por Posner e Rothbart (2007, p. 10), adaptado para esse estudo de modo a se tornar comparável a teorização fenomenológica.

A definição do alerta atento levanta um aspecto importante na teorização fenomenológica que é o movimento reversivo entre pré-reflexão e reflexão, em seus diferentes níveis. O movimento do alerta para a orientação específica o acesso do sujeito consciente (noesis) ao objeto intencional da experiência perceptual (noema). Preservam-se no gráfico os processos cerebrais indicados por Posner e Rothbart (2007), como reconhecimento da corporeidade tão enfatizada por Merleau-Ponty (1942/1999). O gráfico prossegue apontando para o embate entre a rede de orientação e a trajetória do objeto, ou entre a consciência imediata e a consciência mediata, isto é, entre o apresentado (dado perceptivo) e o re-presentado (memória). No modelo, o embate é mediado pelo controle executivo de rede, calibrando a orientação de rede para as exigências do objeto. Pode-se dizer que o Questionário Rosemberg de Atenção tratou deste nível do processo. Em termos fenomenológicos, tem-se a tomada de consciência acompanhada da habilidade do sujeito reunir recursos sensório-motores e atentos para não apenas se manter ciente, mas para agir sobre o objeto. Neste nível, ocorrem transformações importantes na relação entre consciência e experiência, com a consciência passando a voltar-se tanto para as propriedades de si (noesis versus noesis) quanto para as propriedades do objeto (noema). É neste momento que se pode falar de metaconsciência, metacognição, ou reflexão da reflexão. O primeiro sucesso qualitativo e quantitativo do *output* decorre da passagem do estar ciente (condição fenomenal), para o estar engajado (condição subjetiva). O segundo decorre da habilidade do sujeito para usar com propriedade os seus recursos sensório-motores e cognitivos no atendimento às demandas do objeto e de si mesmo. Com efeito, a conjunção livre dos dois modelos serviu como exercício imaginário e reforça a necessidade de se explorar estas avenidas de investigação modulando os instrumentos, por exemplo, com o acréscimo de novos itens no questionário para levantar a experiência atenta a tarefas vazias e repetitivas, ampliando os grupos experimentais, e incluindo uma entrevista sobre a experiência do próprio experimento. Espera-se que este estudo tenha



dado um passo positivo no diálogo entre fenomenologia e cognição, e na integração da ciência psicológica.

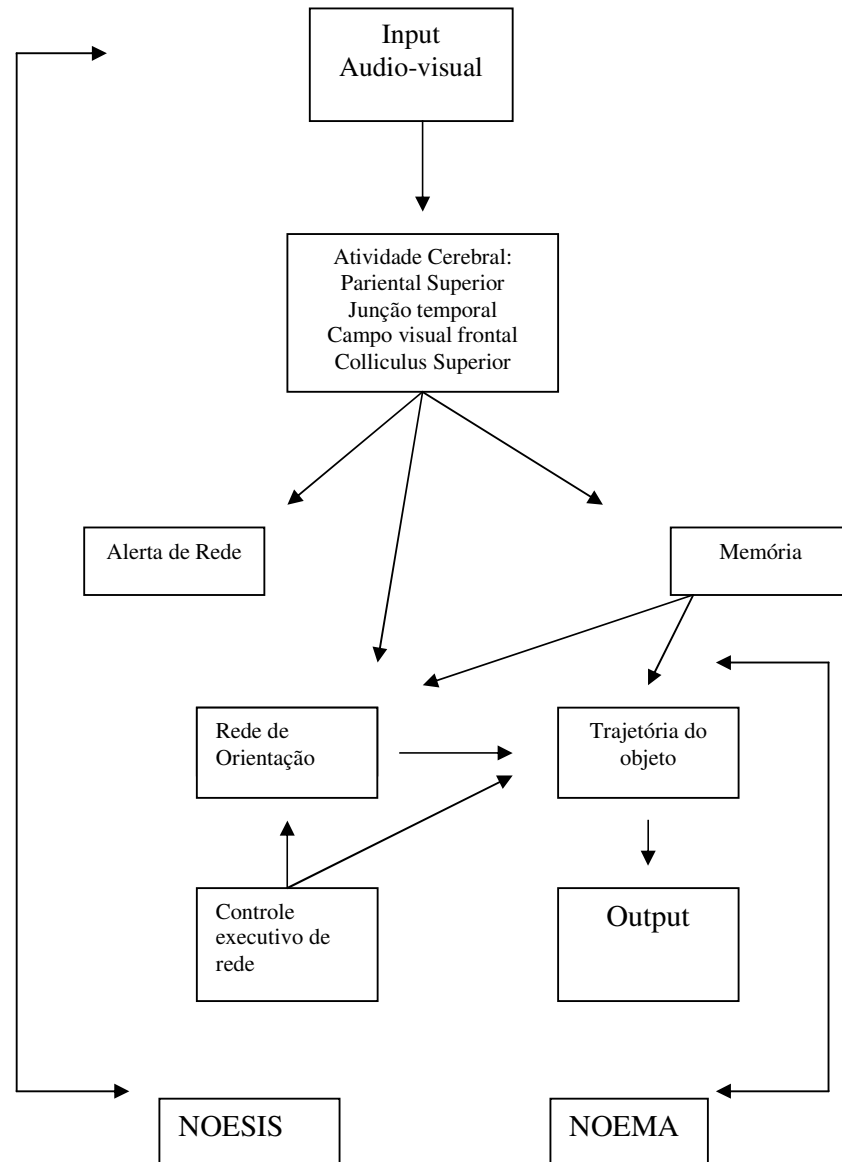


Figura 8. O processo atencional do input ao output adaptado de Posner e Rothbart (2007).

## Considerações Finais

É interessante apontar como um mesmo estímulo pode, por vezes, estabelecer respostas tão diferenciadas. Seguindo os critérios de inclusão dos participantes do estudo, tentou-se estabelecer parâmetros confiáveis de seleção e avaliação usados em testes psicométricos formais (Teste AC, Teste D2: Atenção Concentrada), como nível de escolaridade. Ainda assim, os participantes de ambos os grupos assistiram exatamente ao mesmo filme. A única e fundamental diferenciação se deu na instrução quanto à tarefa de contar o número de vezes que o protagonista aparecia duplicado em cena.

Outra possibilidade de entendimento dos dados baseia-se nas acepções de Merleau-Ponty (1945/1999). O fenomenólogo preconizava que as pessoas, quando colocadas frente a um fenômeno, buscavam em sua historicidade e em experiências passadas respostas previamente estruturadas que as impediavam, parcialmente, de um novo contato ou posicionamento pleno com a experiência vigente. Desse modo, Merleau-Ponty vinculou acertadamente em sua obra a atenção ao juízo. Pode-se inferir, portanto, que os participantes de ambos os grupos tenham recorrido a juízos previamente estruturados para explicar a mensagem do curta-metragem. Esse posicionamento pode, também, ser mais bem compreendido através da análise contextual da amostra, composta por psicólogos que, possivelmente, foram durante sua graduação influenciados por fortes ramos teóricos da escola de psicologia do Rio Grande do Sul, que enfatizam relações imutáveis quanto à causa e consequência (correntes vinculadas ao pensamento psicanalítico). Entretanto, a presença contundente de mensagens similares na produção de indivíduos do Grupo II reforça a conclusão de que quando a exposição ao fenômeno é limitada, o sujeito tende a amparar-se em julgamentos pré-definidos para emitir pareceres ou manifestar comportamentos. As respostas mais diferenciadas do Grupo I indicam uma maior margem de integração compreensiva entre o estímulo apresentado e a produção narrativa subsequente, resultante do fornecimento de um maior espaço criativo. Essa apropriação possibilitou uma leitura particular do fenômeno, gerando expressões que podem ser inferidas como mais autênticas e singulares.

Em razão dos dados obtidos através da análise qualitativa, questiona-se a atenção como um preditor confiável para a complexidade na compreensão da mensagem apresentada no curta-metragem. Argumenta-se: será possível estudar a atenção “pura” em um contexto experimental sem levar-se em consideração o processo de percepção humana? O que parece provável é que as teorias clássicas possuam um bom discernimento para avaliar o poder de respostas pré-reflexivas, porém não são moldadas para avaliar a

capacidade de apropriação do estímulo pelo sujeito. Assim, avaliam o fenômeno pontualmente, mas não contextualmente. Tal complementaridade é a proposta provinda da fenomenologia experimental.

Na relação entre as respostas para a pergunta proposta pelo filme e o desempenho dos sujeitos no Teste AC, pode-se inferir que esse instrumento quantitativo é hábil somente para avaliar questões pontuais dentro do fenômeno atencivo. Em geral, esse pressuposto é confiável, pois os testes psicométricos apresentam uma maior aceitação por parte dos psicólogos, visto que os elementos que compõem os resultados são apresentados numericamente, proporcionando pontuações quantitativas que permitem comparar os indivíduos com amostras normativas (Montiel, Figueredo, Lustosa & Dias, 2006).

Segundo Costa, Azambuja, Portuguez & Costa (2004), para que haja uma boa avaliação global da atenção, é necessário que o fenômeno seja devidamente situado e contextualizado. Na falta dessa aproximação, as predições obtidas por meio de tais instrumentos tornam-se demasiadamente simples ou inacuradas. Embora o Teste AC não seja aplicado com o intuito de medir outros atributos executivos da consciência humana, além de níveis de atenção concentrada e seletiva, atualmente existem estudos que qualificam a capacidade de concentração da atenção como um preditor de inteligência (Schweizer, Moosbrugger & Goldhammer, 2005).

Neste estudo não foram observadas relações entre a qualidade subjetiva dos relatos, produzidos através das respostas às questões propostas pelo experimento, e o nível de atenção concentrada dos participantes. Entendeu-se, através do viés fenomenológico, e em razão dos resultados, que o quesito atenção concentrada amparou somente a percepção objetiva dos participantes e não suas produções intelectuais, criativas ou imaginativas. Apenas a tarefa de contagem obteve forte respaldo em razão dos dados provenientes da aplicação do Teste AC. Essa ponderação ratifica a idéia de que determinados instrumentos são não passíveis de contextualização e têm função exclusiva e pontual dentro da compreensão de processos psicológicos.

A presente dissertação representa um esforço para se criar alternativas ao estudo da atenção, o qual contemporaneamente vem sido abarcado de forma significativa pelas ciências cognitivas tradicionais. Através da aplicação do método fenomenológico experimental, aqui fundamentado em parte nas acepções clássicas de Merleau-Ponty, descritas em *Fenomenologia da Percepção*, foi possível o desenvolvimento de uma modalidade de estudo diversa das habitualmente empregadas.

A fenomenologia experimental propõe a compreensão dos fenômenos a partir da identificação de estruturas invariáveis em suas manifestações. Modelos abstratos, como

utilizados pela psicologia experimental para o estudo da atenção, são voltados para preocupações teóricas específicas. Sua força está nos resultados objetivos, que ajudam pesquisadores a desenvolver e treinar o olhar dirigido ao “novo”. Contudo, possuem desvantagens no sentido de não conseguirem estabelecer uma relação natural com o mundo vivido.

O experimento apresentado no escopo dessa pesquisa é uma tentativa de mover-se o entendimento científico sobre fenômenos simples e abstratos para outros fenômenos reais e complexos. A separação dos cientistas do ponto de vista do espectador comum configura-se como um problema ainda não resolvido. O centro do estudo da ciência vem sido focado em microfenômenos, que quanto mais específicos, mais difíceis são de se observar. De fato, questiona-se: 1) O que acontece para a percepção quando o estudo da atenção ocorre por meio de instrumentos pontuais? 2) Como a intencionalidade perceptual do observador é mediada, e com que resultados? Parece que as respostas para tais indagações podem estar contidas no implemento de um método capaz de valorar igualmente dados provenientes de primeira e de terceira pessoa. Dessa forma, a fenomenologia experimental é vista como um relevante acréscimo também para a investigação dos microfenômenos.

Segundo Merleau-Ponty, ver é ver com todo o corpo, pois esse corpo é empregado na visão subjetiva do mundo estabelecida por cada indivíduo. Entretanto, os exemplos mundanos para a utilização em experimentos são carregados de significados, que podem ser ameaçadores ou benéficos, e não neutros. Quanto mais complexo é o fenômeno (e mais perto do mundo ele se encontra), mais difícil é quebrar a atitude natural e observar-se suas variações. A dificuldade estabelecida por tal paradigma foi minimizada através da análise utilizada nesse estudo, pois a extrapolação do método fenomenológico tradicional para a fenomenologia experimental possibilitou diferentes visões do fenômeno.

Corroborando os dados obtidos através da aplicação de um instrumento para medir níveis de atenção concentrada, o implemento de um experimento baseado na percepção dos participantes mostrou-se exitoso. Isso porque seu desenvolvimento proporcionou a obtenção de uma ampla gama de dados, os quais puderam ser equiparados à mensuração tradicional sem omitir de análise o posicionamento situacional dos participantes. Essa alternativa que vinculou a fenomenologia a outras áreas de estudo em psicologia, através de um experimento original, parece ter sido um meio profícuo para o estabelecimento da multidisciplinaridade também na pesquisa da atenção como função perceptiva. O olhar de primeira pessoa sobre o fenômeno atento ajudou a ponderar aspectos ainda indefinidos no paradigma de duplas tarefas complexas, como, por exemplo, a vinculação da atenção a juízos de valor, os quais parecem estar, em casos símiles à contextualização apresentada,

ligados à rememorações pré-reflexivas.

A implicação da relação intrínseca entre atenção e juízo remonta a aspectos instrumentais do entendimento do fenômeno atento. Como compreender a atenção em um contexto fechado de respostas sem o entendimento prévio do envolvimento judicativo do participante com o fenômeno observado? Nessa perspectiva, o instrumental para a avaliação deve contemplar as interações entre esses dois aspectos, como vislumbrados na noção de corporeidade, dispondo da riqueza provida pela obtenção de dados de primeira pessoa.

## Referências

- Baddeley, A. D. (1992). Working memory. *Science*, 255, 556-559.
- Baddeley, A. D. (1998). Recent developments in working memory. *Current Opinion in Neurobiology*, 8, 234-238.
- Baddeley, A. D. (2000). The episodic buffer: a new component of working memory?. *Trends in Cognitive Sciences*, 4, 417-423.
- Banks, W. F., & Prinzmetal, W. (1976). Configurational effects in visual information processing. *Perception & Psychophysics*, 19, 361-367.
- Bear, M. F., Connors, B. W., & Paradiso, M. A. (2002). *Neurociências: desvendando o sistema nervoso*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Behrmann, M., Zemel, R.S., & Mozer, M.C. (1998). Object-based attention and occlusion: evidence from normal participants and a computational model. *Journal of Experimental Psychology: Human Perception & Performance*, 24, 1011-1036.
- Bonnel, A. M., Possamai, C. A. & Shmitt, M. (1987). Early modulation of visual input: A study of attentional strategies. *Quarterly Journal of Experimental Psychology*, 39, 757-776.
- Brickenkamp, R. (2000). *Teste D2: Atenção Concentrada*. São Paulo: Cetepp.
- Broadbent, D. E. (1964). *Perception and communication*. London: Pergamon Press. (Original publicado em inglês, 1958).
- Cambraia, S. V. (2003). *Teste AC*. São Paulo: Vetor.
- Campoy, M. A., Merighi, M. A. B. & Stefanelli, M. C. (2005). O ensino de enfermagem em saúde mental e psiquiátrica: visão do professor e do aluno na perspectiva da fenomenologia social. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 13, 36-49.
- Carman, T. (2005). Sensation, judgment, and the phenomenal mind. Em T. Carman & M. B. N. Hansen (Eds.) *The Cambridge companion to Merleau-Ponty* (pp. 51-72). Cambridge, U.K.: Cambridge University Press.
- Clausner, T. C., & Croft, W. (1999). Domains and image schemas. *Cognitive Linguistics*, 10(1), 1-31.
- Corbetta, M., Kincade, J.M., Ollinger, J.M, McAvoy, M.P., & Shulman, G.L. (2000). Voluntary orienting is dissociated from target detection in human posterior parietal cortex. *Nature: Neuroscience*, 3, 292-297.
- Corbetta, M., Miezin, F. M., Dobmeyer, S., Shulman, G. L., & Petersen, S. E. (1991). Selective and divided attention during visual discrimination of shape, color and speed: functional anatomy by positron emission tomography. *Journal of*

- Neurosciences*, 11, 2382-2402.
- Cortese, S. S., Mattos, P., & Bueno, J. R. (1999). Déficits atentos e antidepressivos. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 48(2), 79-85.
- Costa, D. I., Azambuja, L. S., Portuguese, M. W., & Costa, J. C. (2004). Avaliação neuropsicológica da criança. *Jornal de Pediatria*, 2, 111-116.
- Creswell, J. W. (2002). *Research design: Qualitative and quantitative approaches*. Thousand Oaks: Sage.
- Crick, F. (1984). The function of the thalamic reticular complex: The searchlight hypothesis. *Proceedings of The National Academy of Science*, 81, 4586-4590.
- DaSilveira, A. (2007). *Conversação interna: Entre a reflexividade e a ruminação*. Dissertação de mestrado não publicada. Curso de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS.
- DeSouza, M.L. (2005). *Self semiótico e self dialógico: Um estudo do processo reflexivo da consciência*. Tese de doutorado não publicada. Curso de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS.
- Depraz, N.; Varela, F.; Vermersch, P. (2003) *On becoming aware: An Experimental Pragmatics*. Amsterdam: Benjamin Press.
- Deutsch, J.A., & Deutsch, D. (1963). Attention: some theoretical considerations. *Psychological Review*, 70, 80-90.
- Downing, C. J. (1988). Expectancy and visual-spatial attention: Effects on perceptual quality. *Journal of Experimental Psychology: Human, Perception & Performance*, 14, 188-202.
- Duncan, J. (1984). Selective attention and the organization of visual information. *Journal of Experimental Psychology: General*, 113(4), 501-517.
- Einhäuser, W., Martin, K. A. C., & König, P. (2004). Are switches in perception of the Necker cube related to eye position? *European Journal of Neuroscience*, 20, 2811-2818.
- Engly, R., Driver, J., & Rafal, R. (1994) Shifting visual attention between objects and locations: evidence from normal and parietal lesion participants. *Journal of Experimental Psychology: General*, 123, 161-177.
- Eriksen, B., & Eriksen, C. (1974). Effects of noise letters upon the identification of a target letter in a nonsearch task. *Perception & Psychophysics*, 16(1), 143-149.
- Eriksen, C., & St. James, J. (1986). Visual attention within and around the field of focal attention: a zoom lens model. *Perception & Psychophysics*, 40(4), 225-240.
- Eriksen, C., & Yeh, Y. Y. (1985). Allocation of attention in the visual field. *Journal of*

- Experimental Psychology: Human, Perception & Performance*, 11(5), 583-597.
- Estes, W. K. (1950). Toward a statistical theory of learning. *Psychological Review*, 57, 94-107.
- Fishler, M. A., & Firschein, O. (1987) *Intelligence, The Eye, The Brain and The Computer*. Boston: Addison-Wesley.
- Gallagher, S. (2000). Philosophical conceptions of the self: Implications for cognitive science. *Trends in Cognitive Sciences*, 4(1), 14-21.
- Gazzaniga, M. S. & Heatherton, T. F. (2005). *Ciência psicológica: Mente, cérebro e comportamento*. Porto Alegre: Artmed.
- Gazzaniga, M. S.; Ivry, R. B. & Mangun, G. R. (2002). *Cognitive neuroscience: The biology of the mind*. New York: Norton & Company.
- Gendlin, G. T. (2004). The new phenomenology of carrying forward. *Continental Philosophy Review*, 37(1), 127-151.
- Giles, T. R. (1979). *Crítica fenomenológica da psicologia experimental em M. Merleau-Ponty*. Petrópolis: Vozes.
- Giorgi, A. (2000). *Phenomenology and psychological research*. Pittsburgh: Duquesne University Press.
- Gomes, W. B. (1998). *Fenomenologia e pesquisa em psicologia*. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Haggard, P., Cockburn, J., Cock, J., Fordham, C.; & Wade, D. (2000). Interference between gait and cognitive task in a rehabilitating neurological population. *Journal of Neurological, Neurosurgery and Psychiatry*, 69, 479-86.
- Harré, R. (2002). *Cognitive science: A philosophical introduction*. London: Sage Publications.
- Head, H. (1920). *Studies in neurology* (vol. 2). London: Hodder & Stoughton.  
<http://www.whonamedit.com/doctor.cfm/705.html>. Recuperado em 18/08/2007.
- Hjelmslev, L. (1961). Prolegomena to a theory of language (F. J. Whitfield, Trans.). Madison: University of Wisconsin Press.
- Hol, K., Koene, A., & van Ee, R. (2003). Attention-biased multi-stable surface perception in three-dimensional structure-from-motion. *Journal of Vision* 3, 486-498.
- Husserl, E. (1983). *Ideas pertaining to a pure phenomenology and to a phenomenological philosophy*. Boston: Kluwer Academic Publishers. (Original publicado em alemão, 1913).
- Husserl, E. (2001). *Logical investigations* (2 vols.) (J. N. Findlay, Trad.). New York: Routledge. (Original publicado em alemão, 1900-01, 1913, 1921)



- Iani, C., Nicoletti, R., Rubichi, S., & Umiltà, C. (2001). Shifting attention between objects. *Cognitive Brain Research, 11*, 157-164.
- Ihde, D. (1977). *Experimental phenomenology: An introduction*. New York: Paragon Book.
- James, W. (1990). *The principles of psychology*. Chicago: Encyclopaedia Britannica. (Originalmente publicado em 1890).
- James, W. (2001). *Psychology: The briefer course*. Mineola: Dover Publications. (Originalmente publicado em 1893).
- Jordan, H., & Tipper, S. P. (1998). Object-based inhibition of return in static display. *Psychonomic Bulletin & Review, 5*, 504-509.
- Koffka, K. (1922). Perception: An introduction to the Gestalt Theory. *Psychological Bulletin, 19*, 531-585.
- Kramer, A. F., Weber, T. A., & Watson, S. E. (1997). Object-based attention selection: grouped arrays or spatially invariant representations. *Journal of Experimental Psychology: General, 126*, 3-13.
- LaBerge, D. (1973). Attention and measurement of perceptual learning. *Memory & Cognition, 1*, 268-275.
- LaBerge, D. (1990). Attention. *Psychological Science, 1*(3), 156-162.
- LaBerge, D., & Brown, V. (1989). Theory of attentional operations in shape identification. *Psychological Review, 96*, 101-124.
- LaBerge, D., & Buchsbaum, M. S. (1990). Positron emission tomographic measurements of pulvinar activity during an attention task. *Journal of Neuroscience, 10*, 613-619.
- LaBerge, D., & Tweedy, Jr. (1961). Presentation probability and choice time. *Journal of Experimental Psychology, 67*, 71-79.
- LaBerge, D., Van Gelder, P., & Elliot, J. I. (1970). A cueing technique in choice reaction time. *Perception & Psychophysics, 7*, 57-62.
- Lanigan, R. (1997). Capta versus Data: Método e evidência em comunicologia (C. H. Kristensen, Trad.). *Psicologia: Reflexão e Crítica, 10*(1), 17-45.
- Lawrence, D. H. (1950). Acquired distinctiveness of cues: Selective association in a constant stimulus situation. *Journal of Experimental Psychology, 40*, 175-188.
- Lent, R. (2002). *Cem bilhões de neurônios: Conceitos fundamentais de neurociência*. São Paulo: Ateneu.
- Leopold, D. A., & Logothetis, N. K. (1999). Multistable phenomena: Changing views in perception. *Trends in Cognitive Sciences 3*(7), 254-264.
- Macar, R. (2001). Atenção. Orgs. Doron, R. & Parot, F. *Dicionário de psicologia*. São Paulo: Ática.

- Maringelli, F. & Umiltà (1998). *The control of the attentional focus. European Journal of Cognitive Psychology, 10*, 225-246.
- Martin, M. (2003). *A linguagem cinematográfica*. São Paulo: Brasiliense.
- Mathews, E. (2005). The relevance of phenomenology. *Philosophy, Psychiatry and Psychology, 12*(3), 205-207.
- Merleau-Ponty, M. (1975). *Estrutura do comportamento* (J. A. Correa, Trad.). Belo Horizonte: Interlivros. (Original publicado em francês, 1942).
- Merleau-Ponty, M. (1999). *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em francês, 1945).
- Montiel, J. M., Figueredo, E. R. M., Lustosa, B. D. S., & Dias, N. M. (2006). Evidência de validade para o Teste de Atenção Concentrada Toulouse-Piéron no contexto de trânsito. *Psicologia: Pesquisa & Trânsito, 2*, 19-27.
- Moore, C. N., Yantis, S., & Vaughan, B. (1998). Object-based visual selection. *Psychological Science, 9*, 104-110.
- Moray, N. (1959). Attention in dicotic listening: Affective cues in the influence of instructions. *Quarterly Journal of Experimental Psychology, 11*, 56-60.
- Motter, B. C. (1993). Focal attention produces spatially selective processing in visual cortical areas V1, V2 and V4 in presence of competing stimuli. *Journal of Neurophysiology, 70*, 909-919.
- Murray, H. A. (1995). *Teste de Apercepção Temática: TAT* (2ª ed.). São Paulo: Casa do Psicólogo. (Trabalho original publicado em 1943).
- Müller, M. M., & Hübner, R. (2002). Can the spotlight of attention be shaped like a doughnut? *Psychological Science, 13*(2), 119-124.
- Müller, N. G., Mollenhauer, M. Rösler, A., & Kleinschmidt, A. (2005). The attentional field has a mexican hat distribution. *Vision Research, 45*, 1129-1137.
- Neisser, U. (1976). *Cognition and reality*. San Francisco: W. H. Freeman.
- Neisser, U. (1967). *Cognitive psychology*. New York: Appeltion-Century-Crofts.
- Nielsen, T. I. (1963) Volition: a new experimental approach. *Scandinavian Journal of Psychology, 225-230*.
- Norman, D. A. (1968). Towards a theory of memory and attention. *Psychological Review, 75*, 522-536.
- Noronha, A. P. P., Sisto F. F., Bartholomeu, D., Lamounier, R., & Rueda, F. J. M. (2006). Atenção sustentada e concentrada: construtos semelhantes? *Psicologia: Pesquisa e Trânsito, 2*, 29-36.
- Nöth, W. (1990). *Handbook of semiotics*. Bloomington: Indiana University Press.

- Pereira, F. M., Primi, R., & Cobêro, C. (2003). Validade de testes utilizados em seleção de pessoal segundo recrutadores. *Psicologia: Teoria e Prática*, 5, 83-98.
- Pashler, H., Johnston, J., & Ruthruff, E. (2001). Attention and performance. *Annual Review of Psychology*, 52, 629-651.
- Pasquali, L. (2003). *Psicometria: teoria dos testes na psicologia e na educação*. Petrópolis: Rio de Janeiro. Ed. Vozes.
- Pessoa, L., Kastner, S., & Ungerleider, L. G. (2003). Neuroimaging studies of attention: From modulations sensory processing to topdown control. *Journal of Neurosciences*, 15 (10), 3990-3998.
- Petersen, S. E., Robinson, D. L. & Morris, J. D. (1987). Contributions of the pulvinar to the visual spatial attention. *Neuropsychologia*, 25, 97-105.
- Polkinhorne, D. E. (1989). Phenomenological research methods. In R.S. Valle e S. Halling (Eds). *Existencial-phenomenology perspectives in psychology: Exploring the breadth of human experience*, 41-60. New York: Plenum Press.
- Posner, M. I. (Ed.) (1989). *Foundations of cognitive science*. Cambridge, MA: MIT Press.
- Posner, M. I., Davidson, B. J. & Snyder, C. R. R. (1980). Attention and the detection of signals. *Journal of Experimental Psychology: General*, 109, 160-174.
- Posner, M. I., Petersen, S. E., Fox, P. T. & Raichle, M. E. (1988). Localization of cognitive operations in the human brain. *Science*, 240, 1627-1631.
- Posner, M. I., & Rothbart, M. K. (2007). Research on attention networks as a model for the integration of psychological science. *Annual Review of Psychology*, 58, 1-23.
- Robertson, L. C., Treisman, A., Friedman-Hill, S. R., & Grabowecky, M. (1997). The interaction of spatial and object pathways: Evidence from Balint's syndrome. *Journal of Cognitive Neuroscience*, 9, 254-276.
- Rossini, J.C., & Galera, C. (2006). Atenção visual: estudos comportamentais da seleção baseada no espaço e objeto. *Estudos de Psicologia*, 11(1), 79-86.
- Santaella, L. (2005) Abduction: The Logic of Guessing. *Semiotica*, 153(1), 175-198.
- Schwitzgebel, E. (2007). Do you have constant tactile experience of your feet in your shoes? : Or is experience limited to what's in attention? *Journal of Consciousness Studies*, 14(3), 5-35.
- Scholl, B. (2001) Objects and attention: The state of the art. *Cognition*, 80, 1-46.
- Soto, D., & Blanco, M. (2004). Spatial attention and objetc-based attention: A comparison within a single task. *Vision Research*, 44, 69-81.
- Schmidt, R., & Wrisberg, C. A. (2001). *Aprendizagem e performance motora: Uma abordagem de aprendizagem baseada no problema*. Porto Alegre: Artmed.

- Schweizer, K., Moosbrugger, H., & Goldhammer, F. (2005). The structure of the relationship between attention and intelligence. *Intelligence*, 33, 589-611.
- Sinico, M. (2003). On the foundations of experimental phenomenology. *Gestalt Theory*, 25(1-2), 111-120.
- Sorensen, J. B. (2005). The alien-hand experiment. *Phenomenology and Cognitive Science*, 4, 73-90.
- Spiegelberg, H. (1982). *The phenomenological movement: A historical introduction*. Boston: Kluwer Academic Publishers.
- Terra, M. G., Silva, L. C., Camponogara, S., Santos, E. K. A., Souza, A. Izabel J. & Erdmann, A. L. (2006). Na trilha da fenomenologia: um caminho para pesquisa em enfermagem. *Texto e contexto enfermagem*, 15(4), 672-678.
- Teixeira, N. B., & Alouche, S. R. (2007). *O desempenho da dupla tarefa na doença de Parkinson*. *Revista Brasileira de Fisioterapia*, 11(2), 127-132.
- Thines, G., Costall, A., & Butterworth, G. (1981). *MICHOTTE's experimental phenomenology of perception*. Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Thompson, E. (2007). *Mind in life: Biology, phenomenology, and the sciences of mind*. Cambridge, MA/London: Belknap/Harvard.
- Treisman, A. (1960). Contextual cues in selective listening. *Quarterly Journal of Experimental Psychology*, 12, 242-248.
- Treisman, A. (1988). Features and objects: The Fourteenth Bartlett Memorial Lecture. *Quarterly Journal of Experimental Psychology*, 40(A), 201-237.
- Treisman, A., & Gelade, G. (1980). A feature-integration theory of attention. *Cognitive Psychology*, 12, 97-136.
- Turatto, M., Benso, F., Facoetti, A., Galfano, G., Mascetti, G. G., & Umiltà, C. (2000). Automatic and voluntary focusing of attention. *Perception & Psychophysics*, 62(5), 935-952.
- Van Kamm, A. A. (1959). A phenomenological analysis exemplified by the feeling of being really understood. *Individual Psychology*, 15, 66-72.
- van Manen, M. (1990). *Researching lived experience: Human science for an action sensitive pedagogy*. Abany: State University of New York Press.
- Varela, F. (1999). The Specious Present: A Neurophenomenology of Time Consciousness. *Naturalizing Phenomenology*. *Stanford University Press*, 266-314. *Consciousness*,
- Vecera, S., & Farah, M. (1994). Does visual attention select objects or locations? *Journal of Experimental Psychology*, 123(2), 146-160.
- Vermersch, P. (2004). Attention between phenomenology and experimental psychology.

*Continental Philosophy Review*, 37(1), 45-81.

Wilden, A. (1980). *System and Structure*. London: Tavistock Publication.

Wiley, N. (1994). *The semiotic self*. Chicago: The University of Chicago Press

Zaracla, P. (2006). *i*. Porto Alegre: Zeppelin Produções.

## Anexo A

Nome: \_\_\_\_\_ Idade: \_\_\_\_\_

## QUESTIONÁRIO ROSEMBERG DE ATENÇÃO

Orientação: marque na escala (1 a 5) o quanto cada assertiva diz respeito a sua posição pessoal acerca de fenômenos que envolvem a atenção, sendo que:

1 = discordo totalmente

4 = concordo

2 = discordo

5 = concordo plenamente

3 = não concordo nem discordo

1. Quando estou realizando uma tarefa importante consigo manter o foco até o término da mesma.	1 2 3 4 5
2. É possível para mim a execução de duas atividades ao mesmo tempo.	1 2 3 4 5
3. Tenho habilidade para ler a qualquer hora e em qualquer ambiente.	1 2 3 4 5
4. Quando me deparo com uma situação de emergência toda minha atenção é voltada para tal acontecimento.	1 2 3 4 5
5. Ao ouvir alguém pronunciar meu nome, inevitavelmente, desloco minha atenção para a pessoa que o pronunciou.	1 2 3 4 5
6. No momento em que me deparo com algo muito esperado os detalhes inerentes a essa situação parecem ser ampliados.	1 2 3 4 5
7. Não consigo assistir a um filme e comentar o mesmo simultaneamente.	1 2 3 4 5
8. Ao assistir televisão, ou ao escutar musica, por vezes deixo de notar o toque do telefone.	1 2 3 4 5
9. Ao deixar de fazer algo importante não consigo me divertir plenamente.	1 2 3 4 5
10. Quando estou em uma festa consigo participar de conversas paralelas.	1 2 3 4 5
11. Dirigir com música alta enfraquece meus outros sentidos.	1 2 3 4 5
12. Consigo estudar ouvindo música.	1 2 3 4 5
13. Frio ou calor demasiado prejudica o meu desempenho em certas tarefas.	1 2 3 4 5
14. Se estou faminto preciso saciar minha fome antes de fazer algo como realmente gostaria.	1 2 3 4 5

## Anexo B

## Protocolo para experimento de áudio-visual – Grupo I

Nome: \_\_\_\_\_ Idade: \_\_\_\_\_

( ) Atesto que não apresento prejuízos visuais ou auditivos não corrigidos.

Orientação:

*Assista atentamente ao filme que será exibido a seguir, do começo ao fim, pois logo após a exibição do curta-metragem serão feitas duas perguntas de caráter descritivo acerca do conteúdo do mesmo.*

Responda as questões abaixo com base no filme “I” (2006):

1) Qual a história (enredo) do filme?

2) Qual a mensagem do curta-metragem?

## Anexo C

## Protocolo para experimento de áudio-visual – Grupo II

Nome: \_\_\_\_\_ Idade: \_\_\_\_\_

( ) Atesto que não apresento prejuízos visuais ou auditivos não corrigidos.

## Orientação:

*Assista atentamente ao filme que será exibido a seguir, do começo ao fim. Conte quantas vezes o protagonista aparecerá duplicado em cena, pois você necessitará desse dado para responder a uma das questões propostas. Ainda, serão feitas duas perguntas de caráter descritivo acerca do conteúdo do curta-metragem.*

Responda as questões abaixo com base no filme “I” (2006):

1) Quantas vezes o protagonista do filme “I” aparece duplicado na tela?

2) Qual a história do filme?

3) Qual a mensagem do curta-metragem?



## Anexo D

Termo de consentimento livre e esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TÍTULO DA PESQUISA: Processos atencionais: Diálogos entre fenomenologia e psicologia experimental

NOME DA INSTITUIÇÃO: Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Ao assinar este documento, estou consentindo em participar do estudo realizado pelos pesquisadores Daniel Rosemberg e William Barbosa Gomes, para a realização de uma pesquisa envolvendo fenomenologia, psicologia experimental e atenção.

Declaro ter recebido uma explicação clara e completa sobre as tarefas que participarei, as quais envolvem a realização do Teste AC, do Questionário de Modelos de Atenção e do experimento áudio-visual na pesquisa acima mencionada, a que me submeto de livre e espontânea vontade, reconhecendo que:

1º Foi explicada a justificativa e o objetivo da presente pesquisa, que consiste na elaboração de Dissertação de Mestrado.

2º Foi explicado o procedimento que será utilizado, bem como os instrumentos que serão aplicados.

3º Estou ciente de que poderei interromper a realização das tarefas quando desejar, assim como não sou obrigado a responder todas as questões propostas.

4º Participarei desta pesquisa sem qualquer ônus financeiro para mim.

5º A minha assinatura neste documento dará autorização ao pesquisador para utilizar os dados obtidos quando se fizer necessário, incluindo a divulgação dos mesmos, respeitando as prerrogativas de sigilo e preservação de identidade inerentes à pesquisas científicas.

6º Assino o presente documento, em duas vias de igual teor, ficando uma em minha posse.

O presente projeto será avaliado pelo Comitê de Ética do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Para quaisquer esclarecimentos, os pesquisadores Daniel Rosemberg e William Barbosa Gomes colocam-se a disposição ao telefone (51) 91239292.

---

Data

---

Nome

---

Assinatura

## Anexo E

## Relato 1

## O Eu e o Balão de Abelhas

Durante toda nossa vida, travamos uma série de “perseguições” e “fugas” de nós mesmos. Vivemos buscando, através de leituras, reflexões, estudos e em muitas vezes terapias, nos conhecer cada vez mais, saber sobre aquele em que participa ativamente de nossa vida de forma indireta, mas que influencia diretamente em nossos sentimentos, concepções e atos.

Este eu que tanto nos atrai também mostra sua faceta obscura, aquela que consideramos “ameaçadoras” e que preferimos negar a sua existência.

O que ocorre na verdade são esses dois aspectos ao mesmo tempo, em que buscamos e desejamos esse eu escondido, e ao mesmo tempo, pegamos caminhos “errados” de propósito, a fim de não toparmos com esse ser fascinante e extremamente ameaçador.

Talvez essa descoberta completa seja o modo ideal de vida, onde os irmãos são descartados, abraçamos o real e nos tornamos pessoas mais felizes consigo mesmas. Ou não, pode ser que ao tentar ver essa faceta obscura, estamos invadindo algo que está “encoberto” justamente para não ser descobertos, e causemos um dano enorme à nossa existência.

A questão é saber se, ao derrubarmos o balão de abelhas, nos depararemos com sua fúria, ou com seu delicioso mel.

N. de palavras = 201

## Relato 2

## O encontro

Após dias de sofrimento e fuga, decido finalmente encontrar a mim. Dou adeus aquela face falsa no espelho, desmancho meu guarda-roupas, esvazio as malas e os bolsos e vou pra rua. Eu sou a Rua. O cheiro do asfalto, dos carros, do lado onde jamais imaginei. O suor do menino de rua, o batom da prostituta, a mentira do ladrão. São tantos que sou eu que sou nenhum. Me desfaço no ar. Panfleto picado em pedaços, cocô de pomba, tudo isso que voa é onde me escondo.

Pro fim me encontro, cara a cara, num lugar onde jamais sonhei. Tudo igual, tudo tão normal que assusta minha mente atordoada e confusa. O sonho de fugir acabou. Tudo segue como está: o sol nasce e a velha cidade abre os braços para mim.

N. de palavras = 134

### Relato 3

Wagner nasceu numa cidade pacata da Dinamarca. Aos 6 anos se mudou com a família para a capital. Estudou em um dos melhores colégios da região e logo se destacou em relação à seus colegas. Com 15 anos falava fluentemente 3 línguas e escrevia livros interessantíssimos. Aos 18 entrou na faculdade direto. Formou-se. Ganhou diversos prêmios. Foi eleito o advogado do ano. Recusou o Nobel.

Um dia, enquanto passeava pelos campos do interior da Dinamarca, se jogou de um penhasco.

N. de palavras = 80

### Relato 4

Esse curta me lembra cenas do filme “Os Infiltrados”, pois há uma perseguição dos personagens em um prédio, eles sobem as escadas correndo. E depois, jogam um cara do alto de um prédio, se estatelando no chão – semelhante ao curta.

N. de palavras = 40

### Relato 5

Muitas vezes durante a vida temos vontade de isolamento ou de fugir de nós mesmos. Fuga desenfreada. Nossa própria visão, a visão de quem somos e como somos às vezes é insuportável. Como se bastasse correr muito. Correr no ritmo mais veloz possível, mais veloz que nosso eu, como que para deixá-lo para trás. . Só que sem sucesso. Como uma mágica, ilusão, nos deparamos de novo com a nossa imagem. Não há esconderijo suficientemente seguro, lugar suficientemente distante de nós mesmo. A sombra de nosso duplo nos ameaça e nos vai ameaçar sempre que tentamos enganá-lo. Solução não sei se

existe, mas incorporar nosso duplo ao invés de negá-lo, pode ser a forma mais leve, porém não mais fácil, de viver com ele. Todos temos vários dentro de nós. E cada um desses vários é vital para podermos ser um. Aceitar os vários é o caminho para chegar ao pleno.

N. de palavras = 151

#### Relato 6

Ele corria. Corria como um desesperado, fugindo de seus sentimentos. Nada podia detê-lo, a cidade lhe pertencia. O que estava fora de seu alcance era aquilo que mais queria: paz. Sua cabeça viajou pelos maiores problemas da sociedade, que acabavam por desaguar na sua vida. Podia voar, correr mais rápido que um carro, ser aquilo que nunca foi, pular e cair de alturas inimagináveis; tudo era possível, mas havia algo que não saía de sua cabeça, e isso não mais existia; a infelicidade no momento era imensa, e parecia que sempre foi e sempre será assim.

N. de palavras = 96

#### Relato 7

Manhã de inverno, e lá está ela sentada perto da janela, tomando um café, uma pequena cesta de pães-de-queijo para acompanhar. Em uma cafeteria meio abarrotada de gente, indo e vindo, sem que a presença daquela moça de cabelos vermelhos tenha qualquer relevância para suas ações cotidianas, a garota está lá sentada esperando sua companhia, seus colegas.

Neste tempo de espera, olha de relance para a janela, e percebe uma cidade diferente, iluminada pela luz indireta que o céu encoberto permite a passagem, nesta descoberta fica, reflete, indaga, percebe uma pessoa diferente.

N. de palavras = 92

## Relato 8

Delira Samuel, delira

Depois de assistir ao curta-metragem “i”, parei e pensei: escrevo sobre o que? A idéia deste experimento me pareceu psicanalítica a princípio, por lidar com a livre associação de idéias, algo que considero muito interessante, assim como o filme. O problema é que tudo que consegui pensar a respeito foram metacomentários: comentários sobre os meus comentários! Me passou pela cabeça escrever um conto curto, no mesmo estilo do curta. Seria legal, mas não tenho idéias tão psicodélicas assim.

Preocupe-me também com a estética desta folha de papel almaço e com a qualidade do texto, pois antes de escrever algo para entregar, seja para um professor ou qualquer outra pessoa, costumo fazer um rascunho, para só então escrever o texto propriamente dito. Note que não deixei uma linha de espaço entre o título e o primeiro parágrafo, nem me preocupei em respeitar as margens, e provavelmente repeti várias palavras. Teria que revisar o texto. Mas não vou fazer isso.

Este foi um dos textos mais delirantes que já escrevi em toda minha vida.

N. de palavras = 176

## Relato 9

Há coisas em nós que doem, que nos envergonham.

Odamos muitas merdas cujo cheiro sai de nosso próprio peito. Corremos. Corremos.

Nós suamos por correr. Nós quase infartamos pela corrida, mas corremos. Correr é cansativo, é chato; nós perdemos um tempo precioso correndo. Alguns morrem na corrida sem fim.

Alguns de nós param pra descansar e respirar. Porém, respirar é desagradável, o cheiro é podre. É melhor continuar fugindo. Correr. Correr.

A corrida só acaba de duas maneiras: morte ou vômito.

O vômito é desagradável, mas devemos mecher nele e, talvez comer um pouco de volta. Se não vomitarmos teremos que fugir do cheiro.

N. de palavras = 104

## Relato 10

Volúvel – Aquela pessoa que às vezes faz o que ela quer e, outras vezes, faz o que os outros gostariam que ela fizesse.

O que é preciso para unir essas duas coisas?

Do que alguém foge ou se esconde, do seu próprio

Desejo ou daquilo que é obviamente esperado dele?

Quantas vezes precisamos fazer o inesperado, de quantos

Prédios precisamos saltar para encontrar esse equilíbrio?

Quantos existem dentro de nós? E a quantos a

Sociedade quer nos reduzir?

N. de palavras = 78

## Relato 11

Hoje saindo de um curso que faço no Centro, vi um mendigo. Já vi vários mendigos, incontáveis mendigos. Conheço os mendigos do meu bairro. Em uma época, fiz o maior ato de prepotência da classe média: trabalho voluntário. Com mendigos. Enfim, sei do que se trata.

Contudo, esse era diferente, pois pela primeira vez eu olhei para um mendigo e parecia que eu olhava para um espelho. Ele era eu, eu era ele. Ele era velho, feio, sujo. Eu, uma jovem mulher de boas roupas e banho tomado. Nada importava, pois éramos a mesma pessoa. Não era ternura nem curiosidade nem pena nem amor nem nada disso que eu sentia. Sentia apenas isso: olhava para mim mesma. Sabia sem saber o que aquele homem pensava naquele momento, que sensações tinha. Ele me olhava e também sabia. Era a primeira vez que sentia essa arrebatadora sensação de ser dois, de estar diluída ao redor. E justamente com um mendigo sujo!

Sorri pra mim, ele sorriu pra si. Éramos iguais, uma pessoa querendo sobreviver, viver, ser feliz. Sem superioridade e sem nada. Mesmo assim, pensei em abraçá-lo e não pude.

N. de palavras = 188

## Relato 12

## Uma face e uma fuga

Saiu apreensivo e nervoso do centro do picadeiro. Caminhou pelo corredor com receio de que ele pulasse de atrás da lona. Alguns passos rápidos sob a noite e estava no vagão que fazia as vezes de camarim.

Sentou-se a frente do espelho, molhou um lenço e começou a desfazer a máscara de maquiagem. Ao retirar a tira que recobria um olho, teve um relance do outro. Desfez um pouco mais da máscara, e confirmou suas suspeitas.

Um instante de inquietação, o coração trotando no peito. O olho no espelho prescrutando-o, interrogando-o. Decidiu-se. Pegou a maquiagem e começou a refazer o rosto. O outro se escondeu sob uma espessa camada de pó-de-arroz.

N. de palavras = 116

## Relato 13

José e João são gêmeos desde criança, eles mantêm o hábito de brincar pelas ruas da cidade, e, mesmo depois de adultos, continuam inventando novas formas de diversão.

Dentre todas as brincadeiras, a preferida é a de pega-pega. Devido ao fato de que ambos gostam muito de correr, a brincadeira se tornou extremamente competitiva. Na maioria das vezes, José é o vencedor, mas João também se esforça bastante.

Certo dia, após descerem do táxi em frente à casa da vovó Cleusa, João e José, sem saberem direito o motivo, decidem adiar alguns minutos a visita à vovó para correrem pelas ruas em seu passatempo predileto. Correram pelas calçadas, subiram até o topo de prédios, e não cansavam. Até que, em uma atitude desesperada por vencer o irmão, João se atira do alto de um dos prédios, tentando agarrar José. Tudo em vão: José, com seu ótimo condicionamento físico, sai correndo e deixa seu irmão sozinho mais uma vez. José vai, então, até a casa da vovó Cleusa e pede para ele já deixar preparado um delicioso bolo de chocolate com suco de uva feito em casa. João chega, e os três têm uma divertida refeição em família.

N. de palavras = 197

## Relato 14

Era uma quarta-feira, o céu estava estranhamente limpo, visto que na semana que se passara havia chovido quase que constantemente.

O presente aspirava por modificações, após um longo período de estagnação com mudanças muito pequenas. Uma nova idéia estava para surgir.

A atmosfera, elétrica, demonstrava o grande potencial energético do ar, apontando mudanças drásticas no ambiente. As partículas tinham uma cinética acelerada.

\* \* \*

Na rua, alguns jogavam, outros discutiam sobre uma mestiçagem futura entre a sinuca e o golf. Eu, à parte, refletia sobre a oscilação do mundo e seus infinitos futuros possíveis.

Eram, agora, três e meia da tarde. Subi ao vestíbulo que me esperava de porta aberta. Os outros, que antes discutiam sobre o “sinugolf” ou jogavam truco, começam também a se aproximar da sala.

O oráculo, lá de dentro, fala:

- Espere, Eles estão chegando...

A sala entra em silêncio; entro, sento, e assisto a um filme...

N. de palavras = 152

## Relato 15

Ricardo era um homem de 27 anos, trabalhava em uma grande empresa e tinha um noiva, Fernanda. Cada um morava sozinho em seus apartamentos, tinham bons empregos e imaginavam que iriam continuar morando na mesma cidade talvez pelo resto de suas vidas.

Um dia Ricardo tem uma surpresa. Seu chefe o chama, elogia muito seu trabalho e o convida para trabalhar na filial em São Paulo. O funcionário, que sempre morara no Rio Grande do Sul, se encontra agora em um grande dilema. No novo cargo que ocupará, ele ganhará o dobro do salário, terá uma função muito mais importante, poder e reconhecimento. Em compensação, terá que trabalhar muito mais, ter mais



responsabilidades e, o principal, deixar família, amigos e a noiva pra trás., Pois ele sabe, Fernanda não aceitaria deixar toda sua vida no RS para ir para São Paulo, cidade que odeia.

Ele fica então estressado e angustiado. É como se houvessem dois Ricardos: um planeja casar com a amada, ter filhos, muitos amigos e familiares por perto, uma vida tranqüila; o outro, deseja dinheiro, poder, a liberdade da vida de um solteiro rico. E nessa confusão, tudo que ele quer é que consiga se encontrar.

Ele percebe então que uma vontade é mais forte, um “Ricardo” tem mais força, o que deseja ficar. Procura então se tornar um só, de novo. E assim, refletindo bastante, se convence de que dinheiro não é assim tão importante, se tiver que deixar tudo que ama de lado. A primeira vontade vence, e Ricardo passa a se sentir novamente um só, e completo.

N. de palavras = 262

#### Relato 16

##### “Corrida do Caos”

Vivo correndo, sofrendo da “doença da pressa” do homem moderno, envolvido e comprometido com o “terceiro paradigma” da Psicologia Social (“o ético e estético, a teoria do caos”).

Corro atrás de mim mesmo. Minha mente pede um “clone” para que eu não me dissocie tanto nela, Lá no alto de um prédio ao acaso, me percebo tentando andar pelas ruas, com um novo olhar. Um olhar que sinta e transmita paz, segurança, independente da loucura urbana.

Preciso combater permanentemente a ansiedade, o medo, a solidão, fazendo “minha força de potência nitzchista”, uma produção positiva maior, de amor, de sabedoria e criatividade. Sem me importar com a terminalidade de tudo que é material.

N. de palavras = 115

#### Relato 17

##### Fuga

Estamos, mesmo quando sozinhos, acompanhados por alguém que, talvez seja a

consciência ou algo equivalente.

Em vários momentos (todo o tempo) temos de fazer uma prestação de contas sobre as decisões que tomamos usando nosso livre-arbítrio.

Às vezes, mesmo inseguros da decisão, temos de tomá-la, o que parece nos levar a um beco sem saída. Parece, mas, de uma forma ou de “outra” a “vida” continua e novas chances de decisões corretas vêm.

Decisão correta = benefício, prêmio. Decisão errada = prejuízo, tempo perdido, ser otário. Decisão correta, às vezes, em um primeiro momento, apresenta um resultado parecido com o da decisão errada e, depois, até a eternidade, apresenta-se com as características de “decisão correta plus” (a mais vantajosa de todas).

N. de palavras = 122

## Relato 18

Pelas ruas de Porto Alegre, um homem foge de si mesmo. Quem o persegue então? Olhando para trás, ele vê seu próprio medo. Corre mais rápido. Ofega na constatação do duplo em que se constituiu. Cercado pelos sons da cidade, já não enxerga seu perseguidor, apenas o medo, ele próprio travestido com sua face e sua fúria. Medo de ser, de não ser. Quando se dá conta, já não é mais um só o seu inimigo. Ele mesmo se dividiu, proliferou. Se tornou outros, os quais não é capaz de reconhecer enquanto se esconde e se esquivava.

Ele respira e olha para frente, busca seu(s) perseguidore(s). Decide caçá-lo. E sem mais nem menos, já não é ele o perseguido. Ele se torna a fonte do medo, ou quem sabe sempre tenha sido. Avança em direção a si próprio com ódio e esquece por completo que é também a outra parte dessa dualidade. Ele acorda suado, com medo e sem saber do que. Engraçado, o som das ruas já não o perturba.

Caminha tranqüilo em direção a sua casa (não se recorda de onde vinha). Toma banho e come um resto de arroz com feijão do dia anterior. Na sala, senta em frente à televisão e busca algo que lhe diga alguma coisa, mas não há nada de interessante em 67 canais a 246 reais ao mês. Dorme, acorda, vai trabalhar e percebe que não há nada de interessante em uma vida que paga 3 mil reais ao mês. Busca os amigos, q em suas vidas idênticas já não tem tempo para amigos. Sai em busca de algo novo, mas no caminho é surpreendido por algo velho, pelo óbvio. Contra toda sua rotina, contra o rumo rápido que sua vida toma, a única força que o encara nas vidraças e espelhos é um reflexo estranho, o inverso de si mesmo – e ele sabe que, logo, eles terão de se encontrar novamente.

N. de palavras = 320

#### Relato 19

O vídeo trouxe para mim a idéia do processo de formação da identidade. Num determinado tempo da vida entramos numa espécie de fuga de nós mesmos. Fugimos daquilo que somos, daquilo que pensamos, daquilo que parecemos ser. É geralmente um momento de dúvidas, de incertezas, um momento de decisões. E é durante este período e, justamente, nesta tentativa ir contra o que somos que acabamos nos descobrindo, nos entendendo e, quando nos aceitamos, então é porque formamos e firmamos nossa identidade.

N. de palavras = 81

#### Relato 20

Então... ao que me parece, um cara pode perseguir a ele mesmo. Então, se ele se encontrar, nada mais importa. Ele pode cair de um prédio e não morrer. Porque o enfrentamento dos dois “eus”? Porque um foge e o outro persegue? Não poderiam inverter os papéis? Será que não invertem e não percebi?

Tá, não vou contar uma história. Estou escrevendo o que me vem a mente e não me vem uma história agora, não uma que gostaria de contar. Tenho a impressão que o cara do filme é uma metáfora barata, um lugar comum: todo mundo persegue a si mesmo. Todo mundo tem medo de si em algum aspecto e, mesmo assim, quer saber a verdade.

Que bobo eu sou. Estou generalizando. Talvez não seja assim para todo mundo e eu caí na armadilha do William de saber quem é louco. Não, o William não faria isso. Deve ter outro propósito no que estamos fazendo. Aliás, acho que nem deveria escrever isso, porque ele vai achar que eu acho que as pessoas podem ser “loucas”, pejorativamente falando.

Cheguei no Instituto hoje e fui para a sala com os computadores. Fiquei na internet, buscando alguma coisa. As pessoas entram na internet sempre para buscar alguma coisa. Isso me lembra a perseguição do filme, porque para mim a web é uma experiência de impessoalidade e impessoalidade eu já tenho muito nas que eu leio.

N. de palavras = 234

## Relato 21

Não consegui compreender com clareza o enredo da história; até porque- quem sabe, para esse curta – existam tantas interpretações quantas forem o número de espectadores. Me parece que, quando o personagem sai do táxi, e – olhando para o mundo (a cidade barulhenta, carros, pessoas) – “vem fora” um outro eu dele, um outro ele que o persegue e que ele não quer viver. Muitas vezes dentro de nós existem esses múltiplos “eus”, esses papéis que no mundo assumimos. A sociedade capitalista, exige um homem ágil, eficiente, criativo, etc, etc, etc. Muitas vezes, exige-se o que o homem não é então esse entra em conflito, em uma fuga de si mesmo, pois não se reconhece e é movido por uma exigência que vem “de fora” e não por uma força interior. Quem sabe se o homem se encontrasse primeiro (encontrasse um “motor”, uma motivação interna, um algo por o que viver) todas as suas ações – por mais varadas que fossem – teriam uma única intenção e, ao invés de ser comandado pelo mundo esses homens agiriam sobre ele (o mundo).

N. de palavras = 177

## Relato 22

O filme parece ser o confronto entre os “eus” de uma mesma pessoa, parece uma luta em que os oponentes são, na realidade, o mesmo. No momento em que o sujeito sai do táxi, ele se vê duplicado provavelmente partes dele em conflito, iniciando-se aí uma perseguição que visa a “morte” de uma dessas partes. No momento em que se finaliza essa ação, o sujeito volta a ser único – deixando ao entender do observador se uma das partes realmente deixou de existir ou se o sujeito sempre foi único.

N. de palavras = 82

## Relato 23

Há algo que ao mesmo tempo que valorizamos muito, pode tornar-se uma questão angustiante que vai e vem durante toda vida: o poder de escolha. A cada decisão que tomamos, em cada local que estamos, cada pessoa que entra em nossa vida, aquilo que produzimos, tudo é fruto de escolhas que fazemos a todo momento.

O “dilema das escolhas” não termina com a decisão de uma ou outra coisa, pois

podemos ainda rever, repensar, arrepender, voltar atrás, não voltar, sofrer, culpar-se, não poder voltar...

A luta entre os caminhos a seguir acontece em nossa mente, nossa alma (?), nosso corpo. Cada parte briga, argumenta por aquilo que acredita. Do outro lado o boicote, a ruminação, a rasteira para derrubar os argumentos, a certeza. Não se trata, na maioria das vezes, apenas de uma luta entre o bem e o mal, o certo e o errado, é mais complexo que isso.

Mas ainda assim, como é bom escolher! Nas pequenas coisas da vida, como é bom ter escolhas. Sofrer com decidir é sempre melhor do que não poder decidir!

N. de palavras = 178

#### Relato 24

X sempre foi im homem indeciso. Por um lado, queria ser um empresário do petróleo, rico e com uma carreira notável. Por outro, tinha vontade de largar tudo e ir morar no interior da Bahia. X já vinha se sentindo de maneira peculiar a semana inteira, algo lhe dizia que naquele dia tudo chegaria ao ponto culminante. Quando foi dormir, a preocupação, que ele não sabia classificar, ainda martelava em sua cabeça. X então estava perseguindo (ou fugindo, depende do ponto de vista) uma cópia de si mesmo. Era uma perseguição intensa e laboriosa, até que X, talvez cansado da dúvida sobre seu Eu, se suicida, jogando-se de um prédio.

o despertador toca às 7h. X se veste, faz sua higiene pessoal e coloca o crachá de frentista. Está pronto para mais um incessante dia de trabalho.

N. de palavras = 137

#### Relato 25

She was a little girl learning how to  
ride a bike between the trees.

Suddenly, she listened to a butterfly calling  
her name. The birds were dancing in the sky  
the flower's song. That was

a winter morning.

The sweet little girl had started to run in the direction of the sun when she realized that her bike had created “asas”.

So, she decided to visit the Moon.

During the trip, she saw the stars smiling to her. The air perfume had a different color.

Now, she can go anywhere, whenever.

Freedom.

Freedom?

Peace of mind! Laugh!

Believe! Happiness is part of your life!

N. de palavras = 104

## Relato 26

Procurando unir as partes de mim mesma  
corro alucinada pelos cantos da cidade  
me defronto com muitas dúvidas, questionamentos  
não desisto, mas, por um momento  
penso que a corrida não terá fim

A corrida me leva a conhecer  
lugares que nunca pensaria em ir  
exploro os becos mais inusitados  
mas acabo dentro de mim.

Percebo, então, que tudo que faço  
todas as corridas da minha vida  
me levam para onde não consigo fugir  
procurando unir as partes de mim mesma

N. de palavras = 80

## ANEXO F

## Protocolo para experimento de áudio-visual – Grupo I

Nome: GI P1

Idade: 33

( x ) Atesto que não apresento prejuízos visuais ou auditivos não corrigidos.

Orientação:

*Assista atentamente ao filme que será exibido a seguir, do começo ao fim, pois logo após a exibição do curta-metragem serão feitas duas perguntas de caráter descritivo acerca do conteúdo do mesmo.*

Responda as questões abaixo com base no filme “I” (2006):

1) Qual a história (enredo) do filme?

Parece ser a procura por sua própria identidade, ou talvez a fuga de si mesmo.

2) Qual a mensagem do curta-metragem?

Quando não se tem mais saída, talvez seja o momento em que “nos” encontremos.



Nome: GI P2

Idade: 32

( x ) Atesto que não apresento prejuízos visuais ou auditivos não corrigidos.

Orientação:

*Assista atentamente ao filme que será exibido a seguir, do começo ao fim, pois logo após a exibição do curta-metragem serão feitas duas perguntas de caráter descritivo acerca do conteúdo do mesmo.*

Responda as questões abaixo com base no filme “I” (2006):

1) Qual a história (enredo) do filme?

É a história de um homem sendo perseguido por ele mesmo, ou melhor, uma parte dele mesmo. A perseguição termina quando as duas partes se encontram e novamente se completam, se integram.

2) Qual a mensagem do curta-metragem?

Se você correr atrás do seu objetivo certamente você o alcançará.

Nome: GI P3

Idade: 32

( x ) Atesto que não apresento prejuízos visuais ou auditivos não corrigidos.

Orientação:

*Assista atentamente ao filme que será exibido a seguir, do começo ao fim, pois logo após a exibição do curta-metragem serão feitas duas perguntas de caráter descritivo acerca do conteúdo do mesmo.*

Responda as questões abaixo com base no filme “T” (2006):

1) Qual a história (enredo) do filme?

O filme mostra a história de um homem que corre contra o tempo e contra ele mesmo. Ele corre por diversos lugares, fugindo.

No final, parece que se dá conta que não precisa correr, ou não adianta. E pára!

2) Qual a mensagem do curta-metragem?

Não importa onde você vai, nem quão rápido você corre, o tempo não pára nem você deixa de ser você mesmo.

Nome: GI P4

Idade: 28

( x ) Atesto que não apresento prejuízos visuais ou auditivos não corrigidos.

Orientação:

*Assista atentamente ao filme que será exibido a seguir, do começo ao fim, pois logo após a exibição do curta-metragem serão feitas duas perguntas de caráter descritivo acerca do conteúdo do mesmo.*

Responda as questões abaixo com base no filme “I” (2006):

1) Qual a história (enredo) do filme?

É a história de uma perseguição entre dois homens. Ao final o homem perseguido encontra-se sem saída, encurralado e então salta de um prédio e cai no chão. Quando ele levanta-se, tem a sensação de que nada disso aconteceu.

2) Qual a mensagem do curta-metragem?

A mensagem que fica é que muitas vezes nos sentimos perseguidos por nós mesmos.

Nome: GI P5

Idade: 26

( x ) Atesto que não apresento prejuízos visuais ou auditivos não corrigidos.

Orientação:

*Assista atentamente ao filme que será exibido a seguir, do começo ao fim, pois logo após a exibição do curta-metragem serão feitas duas perguntas de caráter descritivo acerca do conteúdo do mesmo.*

Responda as questões abaixo com base no filme “I” (2006):

1) Qual a história (enredo) do filme?

Uma perseguição do mim sobre o “eu mesmo”. Alguém fugindo de si mesmo que resolve encarar a situação quando está sem saída.

2) Qual a mensagem do curta-metragem?

Encare os problemas, ao invés de fugir de si mesmo.

Nome: GI P6

Idade: 29

( x ) Atesto que não apresento prejuízos visuais ou auditivos não corrigidos.

Orientação:

*Assista atentamente ao filme que será exibido a seguir, do começo ao fim, pois logo após a exibição do curta-metragem serão feitas duas perguntas de caráter descritivo acerca do conteúdo do mesmo.*

Responda as questões abaixo com base no filme “I” (2006):

1) Qual a história (enredo) do filme?

São duas pessoas iguais e uma está sempre correndo atrás da outra. Até que uma fica encurralada em cima do prédio, se atira do prédio mas não morre, levanta e segue caminhando.

2) Qual a mensagem do curta-metragem?

Corra atrás de seu verdadeiro eu e você não morrerá.

Nome: GI P7

Idade: 27

( x ) Atesto que não apresento prejuízos visuais ou auditivos não corrigidos.

Orientação:

*Assista atentamente ao filme que será exibido a seguir, do começo ao fim, pois logo após a exibição do curta-metragem serão feitas duas perguntas de caráter descritivo acerca do conteúdo do mesmo.*

Responda as questões abaixo com base no filme “I” (2006):

1) Qual a história (enredo) do filme?

Um adulto jovem de Porto Alegre que está sendo perseguido por ele mesmo. Isto pode significar algumas coisas/hipóteses:

- Ele está em conflito consigo mesmo e preciso decidir algo;
- Ele tomou algum alucinógeno e está “viajando”;
- Ele está sonhando;
- Ele está pensando nas suas diferentes características de personalidade;
- O diretor quer passar a idéia de que “EU (I)” somos muitos na realidade e às vezes tão diferentes ao mesmo tempo que queremos até fugir em do outro.

2) Qual a mensagem do curta-metragem?

Às vezes acho que as mensagens dos curtas são subjetivas. Nesse caso, acho que a hipóteses que faz mais sentido é a vítima, ou seja, a idéia de que “EU (I)” somos uma soma de EUs, às vezes até incoerentes e insuportáveis. Também acho que fica a mensagem final que aquele que “estudar e analisar melhor” consegue dominar o outro; assim, podemos ser donos de nós mesmos.

Nome: GI P8

Idade: 24

( x ) Atesto que não apresento prejuízos visuais ou auditivos não corrigidos.

Orientação:

*Assista atentamente ao filme que será exibido a seguir, do começo ao fim, pois logo após a exibição do curta-metragem serão feitas duas perguntas de caráter descritivo acerca do conteúdo do mesmo.*

Responda as questões abaixo com base no filme “T” (2006):

1) Qual a história (enredo) do filme?

Um homem sai de um táxi e é perseguido por outro que é igual a ele.

Me parece que o homem saiu do táxi sem pagar o devido valor. A perseguição continua até o final do filme quando os dois homens (perseguidor e perseguido) se fundem num só.

2) Qual a mensagem do curta-metragem?

A mensagem é que quando alguém tenta burlar as regras, descumprir obrigações ou enganar os outros, por mais que ninguém perceba ou puna-o, ele será perseguido pela sua própria consciência.

Nome: GI P9

Idade:

( x ) Atesto que não apresento prejuízos visuais ou auditivos não corrigidos.

Orientação:

*Assista atentamente ao filme que será exibido a seguir, do começo ao fim, pois logo após a exibição do curta-metragem serão feitas duas perguntas de caráter descritivo acerca do conteúdo do mesmo.*

Responda as questões abaixo com base no filme “I” (2006):

1) Qual a história (enredo) do filme?

O filme conta a história de “dois” homens idênticos, um correndo atrás do outro pela cidade.

2) Qual a mensagem do curta-metragem?

A mensagem do filme parece ser a de que muitas vezes nos sentimos divididos, no caso do filme em 2. O curta mostra um conflito entre duas partes da mesma pessoa, sendo que no final as partes conseguem se integrar em uma, mas isso acontece depois de muito trabalho.



Nome: GI P10

Idade:

( x ) Atesto que não apresento prejuízos visuais ou auditivos não corrigidos.

Orientação:

*Assista atentamente ao filme que será exibido a seguir, do começo ao fim, pois logo após a exibição do curta-metragem serão feitas duas perguntas de caráter descritivo acerca do conteúdo do mesmo.*

Responda as questões abaixo com base no filme “I” (2006):

1) Qual a história (enredo) do filme?

O filme conta a história de um homem aparentemente confuso numa grande cidade, que passa a ver-se perseguido por ele mesmo até dar-se conta de que existem muitos “dele” pela cidade, como se não conseguisse fugir de si mesmo. O devaneio acaba quando o homem tenta “sanar” sua loucura, ou ao menos interrompê-la num ato suicida. Ao jogar-se de um prédio, cai sobre si mesmo na rua e tudo volta ao normal.

2) Qual a mensagem do curta-metragem?

Acredito que o filme tenha algo a ver com o caos das grandes cidades e com as muitas faces que temos que desenvolver para dar conta das demandas da pós-modernidade. Aquém de nossos “eus” internos, o filme envia a noção de “eus” sociais que nos perseguem na sociedade atual. Acho que o conflito é em torno da questão de quem somos de verdade, qual daqueles homens era ele realmente?

Nome: GI P11

Idade: 30

( x ) Atesto que não apresento prejuízos visuais ou auditivos não corrigidos.

Orientação:

*Assista atentamente ao filme que será exibido a seguir, do começo ao fim, pois logo após a exibição do curta-metragem serão feitas duas perguntas de caráter descritivo acerca do conteúdo do mesmo.*

Responda as questões abaixo com base no filme “I” (2006):

1) Qual a história (enredo) do filme?

Um homem apresenta dificuldades em encarar a realidade, estando em permanente busca de sua identidade.

2) Qual a mensagem do curta-metragem?

O ser humano está em permanente busca de sua identidade.

## Protocolo para experimento de áudio-visual – Grupo II

Nome: GIIP1

Idade: 25

( X ) Atesto que não apresento prejuízos visuais ou auditivos não corrigidos.

Orientação:

*Assista atentamente ao filme que será exibido a seguir, do começo ao fim. Conte quantas vezes o protagonista aparecerá duplicado em cena, pois você necessitará desse dado para responder a uma das questões propostas. Ainda, serão feitas duas perguntas de caráter descritivo acerca do conteúdo do curta-metragem.*

Responda as questões abaixo com base no filme “I” (2006):

1) Quantas vezes o protagonista do filme “I” aparece duplicado na tela?

12 vezes

2) Qual a história do filme?

A história do filme lembrou-me uma película chamada “O homem que não era” (título brasileiro, o original não sei), que trata justamente de um homem que foge de si e, ao mesmo tempo, procura a si mesmo. No curta, o personagem corre pela cidade, passando por ruas, prédios, carros, pessoas parece-me transtornado, buscando uma verdade para si, de forma que possa se reconhecer. Ao atirar-se, enfim, reencontra-se.

3) Qual a mensagem do curta-metragem?

A busca de si mesmo é um caminho árduo, que exige ousadia e persistência. Demanda-nos trabalho, faz-nos sofrer, mas vale a pena.

Nome: GIIP2

Idade: 28

( X ) Atesto que não apresento prejuízos visuais ou auditivos não corrigidos.

Orientação:

*Assista atentamente ao filme que será exibido a seguir, do começo ao fim. Conte quantas vezes o protagonista aparecerá duplicado em cena, pois você necessitará desse dado para responder a uma das questões propostas. Ainda, serão feitas duas perguntas de caráter descritivo acerca do conteúdo do curta-metragem.*

Responda as questões abaixo com base no filme “T” (2006):

1) Quantas vezes o protagonista do filme “T” aparece duplicado na tela?

7 vezes

2) Qual a história do filme?

Um dos personagens está fugindo do outro que é na verdade ele mesmo. Ele sobe em um prédio alto e se joga lá de cima no outro ele, para então acordar sozinho.

3) Qual a mensagem do curta-metragem?

Fugir de si mesmo é uma das coisas mais difíceis de vida. Já diria Bob Marley “you’re running and you’re running, and you’re running away... but you can’t run away from yourself”.

Nome: GIIP3

Idade: 40

( X ) Atesto que não apresento prejuízos visuais ou auditivos não corrigidos.

Orientação:

*Assista atentamente ao filme que será exibido a seguir, do começo ao fim. Conte quantas vezes o protagonista aparecerá duplicado em cena, pois você necessitará desse dado para responder a uma das questões propostas. Ainda, serão feitas duas perguntas de caráter descritivo acerca do conteúdo do curta-metragem.*

Responda as questões abaixo com base no filme “I” (2006):

1) Quantas vezes o protagonista do filme “I” aparece duplicado na tela?

6 vezes

2) Qual a história do filme?

É a história de um homem que estava fugindo de si mesmo e ao mesmo tempo perseguindo a si mesmo.

3) Qual a mensagem do curta-metragem?

O filme mostra as dificuldades que por vezes encontramos, para lidar e aceitar a gente mesmo, como um inteiro.

Muitas vezes as pessoas fogem de coisas que imaginam estar fora delas quando estão dentro, fazem parte dela.

Nome: GIIP4

Idade: 26

( X ) Atesto que não apresento prejuízos visuais ou auditivos não corrigidos.

Orientação:

*Assista atentamente ao filme que será exibido a seguir, do começo ao fim. Conte quantas vezes o protagonista aparecerá duplicado em cena, pois você necessitará desse dado para responder a uma das questões propostas. Ainda, serão feitas duas perguntas de caráter descritivo acerca do conteúdo do curta-metragem.*

Responda as questões abaixo com base no filme “T” (2006):

1) Quantas vezes o protagonista do filme “T” aparece duplicado na tela?

8 vezes

2) Qual a história do filme?

O protagonista foge de si mesmo em diferentes locais de uma cidade após encarar-se na cena inicial. Ao final, no entanto, seu “outro eu” acaba caindo sobre ele e eles se unem em um só. O protagonista segue, então, andando calmamente.

3) Qual a mensagem do curta-metragem?

Que, por mais que se tente, não é possível fugir de quem realmente se é e que, quando se aceita esse fato, a vida passa a ser mais tranqüila.

Nome: GIIP5

Idade: 25

( X ) Atesto que não apresento prejuízos visuais ou auditivos não corrigidos.

Orientação:

*Assista atentamente ao filme que será exibido a seguir, do começo ao fim. Conte quantas vezes o protagonista aparecerá duplicado em cena, pois você necessitará desse dado para responder a uma das questões propostas. Ainda, serão feitas duas perguntas de caráter descritivo acerca do conteúdo do curta-metragem.*

Responda as questões abaixo com base no filme “T” (2006):

1) Quantas vezes o protagonista do filme “T” aparece duplicado na tela?

9 vezes

2) Qual a história do filme?

O cara sai de um táxi e começa a ser perseguido. Ele foge, então correndo em um prédio, sobe as escadas. Como ele continua sendo perseguido e já atingiu o terraço do prédio, ele salta. Cai no chão, mas não se machuca. Simplesmente levanta e sai caminhando.

3) Qual a mensagem do curta-metragem?

Não consegui perceber uma mensagem no filme.

Nome: GIIP6

Idade:

( X ) Atesto que não apresento prejuízos visuais ou auditivos não corrigidos.

Orientação:

*Assista atentamente ao filme que será exibido a seguir, do começo ao fim. Conte quantas vezes o protagonista aparecerá duplicado em cena, pois você necessitará desse dado para responder a uma das questões propostas. Ainda, serão feitas duas perguntas de caráter descritivo acerca do conteúdo do curta-metragem.*

Responda as questões abaixo com base no filme “T” (2006):

1) Quantas vezes o protagonista do filme “T” aparece duplicado na tela?

Sinceramente me atrapalhei com a descrição de “duplicado”. Creio que tenha sido umas seis vezes. Realmente não sei.

2) Qual a história do filme?

Inicialmente pareciam dois homens saindo de um táxi, que começaram a correr atrás do outro numa perseguição. Depois, parecia ser o mesmo homem fugindo dele mesmo, até que se atira de um prédio alto, cai no chão e do final não lembro.

3) Qual a mensagem do curta-metragem?

Por vezes, a maior batalha da vida é fugir de nós mesmos.

Obs. Foi difícil conciliar a tarefa de contar e prestar atenção no enredo.



Nome: GIIP7

Idade: 29

( X ) Atesto que não apresento prejuízos visuais ou auditivos não corrigidos.

Orientação:

*Assista atentamente ao filme que será exibido a seguir, do começo ao fim. Conte quantas vezes o protagonista aparecerá duplicado em cena, pois você necessitará desse dado para responder a uma das questões propostas. Ainda, serão feitas duas perguntas de caráter descritivo acerca do conteúdo do curta-metragem.*

Responda as questões abaixo com base no filme “T” (2006):

1) Quantas vezes o protagonista do filme “T” aparece duplicado na tela?

Cerca de 10 vezes (quando aparecem ao mesmo tempo)

2) Qual a história do filme?

A história é uma ação de sair, fugir e voltar, retornar a si. O personagem corre para os dois sentidos (buscando e fugindo de si mesmo) e acaba caindo em si. Ha!

3) Qual a mensagem do curta-metragem?

O homem foge de si mesmo e busca a si mesmo.

Obs. Bem criativo o tal Zarccla...

Nome: GIIP8

Idade: 25

( X ) Atesto que não apresento prejuízos visuais ou auditivos não corrigidos.

Orientação:

*Assista atentamente ao filme que será exibido a seguir, do começo ao fim. Conte quantas vezes o protagonista aparecerá duplicado em cena, pois você necessitará desse dado para responder a uma das questões propostas. Ainda, serão feitas duas perguntas de caráter descritivo acerca do conteúdo do curta-metragem.*

Responda as questões abaixo com base no filme “T” (2006):

1) Quantas vezes o protagonista do filme “T” aparece duplicado na tela?

Acho que seis

2) Qual a história do filme?

Não parecia ter uma história, mas ele parece fugir de si mesmo.

3) Qual a mensagem do curta-metragem?

Eu sou muito concreta, mas acho que ele só se tranqüilizou quando conseguiu derrotar ele mesmo, ou uma parte dele – talvez que não aceitasse...

Nome: GIIP9

Idade:

( X ) Atesto que não apresento prejuízos visuais ou auditivos não corrigidos.

Orientação:

*Assista atentamente ao filme que será exibido a seguir, do começo ao fim. Conte quantas vezes o protagonista aparecerá duplicado em cena, pois você necessitará desse dado para responder a uma das questões propostas. Ainda, serão feitas duas perguntas de caráter descritivo acerca do conteúdo do curta-metragem.*

Responda as questões abaixo com base no filme “I” (2006):

1) Quantas vezes o protagonista do filme “I” aparece duplicado na tela?

4 vezes

2) Qual a história do filme?

Na cidade, um homem se depara e foge de si mesmo, sem sucesso. O que é vivido, e o que é imaginado?

3) Qual a mensagem do curta-metragem?

O homem não consegue separar-se de si mesmo. Sua própria realidade o espreita.

Nome: GIIP10

Idade:

( X ) Atesto que não apresento prejuízos visuais ou auditivos não corrigidos.

Orientação:

*Assista atentamente ao filme que será exibido a seguir, do começo ao fim. Conte quantas vezes o protagonista aparecerá duplicado em cena, pois você necessitará desse dado para responder a uma das questões propostas. Ainda, serão feitas duas perguntas de caráter descritivo acerca do conteúdo do curta-metragem.*

Responda as questões abaixo com base no filme “T” (2006):

1) Quantas vezes o protagonista do filme “T” aparece duplicado na tela?

Ele praticamente aparece em todo o filme duplicado, a não ser no final, quando ele consegue se fundir. Em algumas cenas rápidas ele aparece só, mas a fração (?) de segundos é muito curta, o que impede de contar. Eu realmente não consigo contar tão rápido.

2) Qual a história do filme?

Parece uma pessoa querendo se encontrar consigo mesmo, e para isso tem que lidar com os seus limites, angústias, medo, cansaço. Por outro lado, mesmo ele desejando se encontrar, um lado seu não quer e foge disso. Mesmo assim, a busca parece esse encontro permanente, fazendo com que o processo seja desgastante e doloroso. No final, para que ele realmente se encontre, tem que superar todos esses sentimentos e se jogar, literalmente, para esse encontro, mesmo que isso lhe coloque em “risco” (pula do prédio). Mas, pelo filme, isso vale a pena. Ele consegue se encontrar.

3) Qual a mensagem do curta-metragem?

Não sei se é bem uma mensagem, não sei se o filme se propôs a isso, mas ele conseguiu o encontro, a fusão. Mesmo que tenha sido doloroso, cansativo e angustiante, ele saiu “ileso”. No final, ao sair caminhando, mostrou que o encontro consigo, com seu outro lado valeu a pena.

Protocolo para experimento de áudio-visual – Grupo II

Nome: GIIP11

Idade: 29

( X ) Atesto que não apresento prejuízos visuais ou auditivos não corrigidos.

Orientação:

*Assista atentamente ao filme que será exibido a seguir, do começo ao fim. Conte quantas vezes o protagonista aparecerá duplicado em cena, pois você necessitará desse dado para responder a uma das questões propostas. Ainda, serão feitas duas perguntas de caráter descritivo acerca do conteúdo do curta-metragem.*

Responda as questões abaixo com base no filme “I” (2006):

1) Quantas vezes o protagonista do filme “I” aparece duplicado na tela?

10 vezes

2) Qual a história do filme?

A história de uma perseguição, onde o protagonista está duplicado e é, ao mesmo tempo, o perseguidor e o perseguido.

3) Qual a mensagem do curta-metragem?

Foi difícil prestar atenção no número de vezes que o protagonista aparecia e também no conteúdo do curta-metragem. Assim, não “captei” a mensagem.